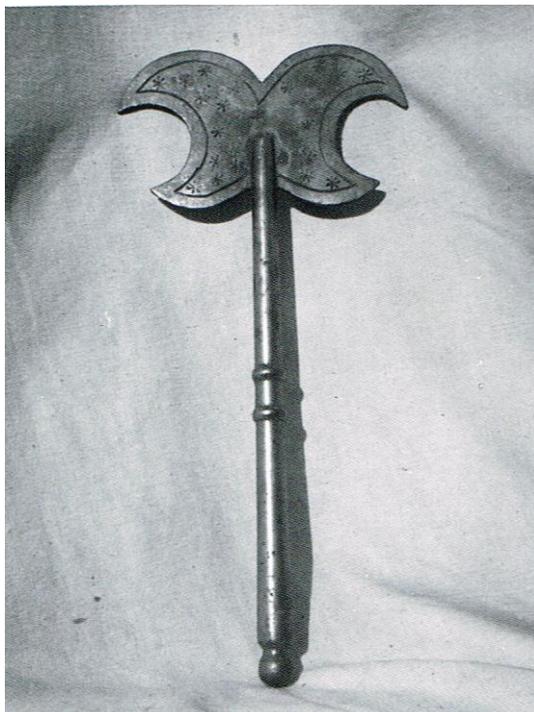


UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA-
DOUTORADO



NORVAL BATISTA CRUZ

CORPO, ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E EDUCAÇÃO NO ILE ASÈ OMO
TIFÉ:
O CORPO DE XANGÔ

FORTALEZA - CE

2013

NORVAL BATISTA CRUZ

CORPO, ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E EDUCAÇÃO NO ILE ASÈ OMO TIFÉ: O
CORPO DE XANGÔ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação Brasileira, Faculdade de Educação,
Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor.
Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

FORTALEZA - CE

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

C963c Cruz, Norval Batista.

Corpo, ancestralidade, oralidade e educação no Ile Asè Omo Tifé: o corpo de xangô. – 2013.

153f. :il. Color.; 30cm.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Educação Brasileira.

Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1. Ancestralidade Africana. 2. Imagem Corporal. 3. Candomblé – Brasil. 4. Cultura afro-brasileira. 5. Ile Asè Omo Tifé – História. 6. Antropologia cultural. 7. Oralidade.
I. Título.

299.6730981

NORVAL BATISTA CRUZ

CORPO, ANCESTRALIDADE, ORALIDADE E EDUCAÇÃO NO ILE ASÈ OMO TIFÉ: O
CORPO DE XANGÔ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação Brasileira, Faculdade de Educação,
Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor..
Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos – UFC
(Orientador)

Prof. Dr. José Rogerio Santana – UFC

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Junior – UECE

Prof. Dr. Emanuel Luis Roque Soares – UFRB

Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira - UFBA

AGRADECIMENTOS

A *Esù*, que sempre abriu os meus caminhos.

A *Sangò*, dono do meu Orí, que me traz inspiração, força de guerreiro e justiça.

A minha mãe, Valdiva Maria Batista Cruz (em memória).

Ao meu pai, Norberto Xavier Cruz que me fez apropriar da nossa mãe natureza com amor e carinho.

A minha mãe, Ialorixá Valeria de Logun Edé, que, com sua oralidade, me repassou alguns segredos do candomblé.

A minha companheira, Suyanne Vieira, que, com seu amor e dedicação, me apoiou nos escritos da tese, em especial, da minha biografia.

Aos meus irmãos Valberto, Valdir, Nordiva e Norberval.

Aos meus filhos Rosana, Vinicius, Rono, Raiza e João Cândido.

Aos meus irmãos do terreiro que, sempre estavam a minha disposição para as entrevistas e dúvidas que eu tinha sobre o candomblé.

Aos professores Henrique Cunha Junior, Eduardo Oliveira, Emanuel Soares, Geranilde, Rebeca, Sandra Petit, João Figueiredo, Zelma, Joselina, que, com seus ensinamentos, contribuíram para a materialização deste trabalho.

Ao meu irmão, Tony de Sangò, pela verdade revelada.

Aos meus alunos do Parque do Coco, da Equipe Corpo Inteiro, da Dança Africana que, nos seus compartilhamentos, me trouxeram profundas reflexões.

Aos meus clientes pelos momentos de debate sobre a Consciência Corporal e a Ancestralidade Africana.

À FUNCAP, pela bolsa.

Ao Professor Vianey Mesquita pelas correções e a Camilla pela formatação.

Ao meu querido amigo e orientador Professor Dr. Gerardo Vasconcelos pela liberdade constituída na nossa relação.

Na qualidade de ser planetário, dedico este trabalho ao nosso planeta Terra, que, com sua simplicidade nos nutre, doando força e vitalidade.

ADURÁ ILÉ ORISA

MOJOBÁ OLODUMARÉ

Eu saúdo Deus

MOJUBÁ ORUNMILA

Eu saúdo Orunmila

MOJUBÁ BABA BABA WÁ

Eu saúdo meus pais ancestrais

MOJUBÁ AWON ÌYÁ

Eu saúdo minhas mães ancestrais

MOJUBÁ GBOGBO IRUNMOLE

Eu saúdo todas as divindades

MOJUBÁ ORISA MI

Eu saúdo meu ORISA

MOJUBÁ ORÍ ELEDÁ MI

Eu saúdo meu ORI

MOJUBÁ ÍYAMÍ OSORONGA

Eu saúdo Minha mãe, a feiticeira.

MOJUBÁ BABALORISA MI ÓGÚNDARÉ

Eu saúdo meu pai de santo, ÓGÚNDARÉ.

IWAJU IWAJU NI OPÁ EBITI NRÉSI IWAJU NI KI BABALORISA NI MA LO

Que ele vá em frente. Como o cetro do EBITI vai em frente, que meu pai de santo continue a progredir sempre

MOJUBÁ OSUN ORISA ONILÉ

Eu saúdo OSUN dona da casa

ORIKÌ ESU

Seu Odara o jê nra iku se. Okunrin ori ita

Esu Odara é quem pode nos dar vida longa. É o homem das encruzilhadas.

O loso fie ri kan okele, O dide kò to aro

Agachado com sua cabeça alcança o teto, e em pé, ele não alcança o telhado.

Ti o ba nbinu ti fi awo kanyinkanyin joko

Se ele se zanga, senta-se na pele de uma form

A so kò lona o pá èiyé loni

Tendo lançado a pedra ontem, mata o pássaro hoje.

A dí kuta mo erú enití erú re fuye

Ela amarra uma pedra na carga de alguém que tem fardo leve

A so ebi di are, a so are di ebi

Ele faz o torto endireitar, ele faz o direito entortar

Kò lá kò lá o ba ona oja ilê su. O Ra oja ajigé jigé

Ele faz com que no mercado, nada se compre e nada se venda até a noite chegar. Ele compra sem pagar.

A kii lówó lai um tésù kuro

Não podemos ter dinheiro sem tirar a parte de Seu.

O fi konkoso be epo ni oja

Ele vai com uma peneira comprar azeite de dendê no mercado

Asotun-sosi lai ni itiju

Ele fica do lado direito e do lado esquerdo sem ter vergonha.

Eni pupo i ara mi

Gente demais fala mal de mim

O ba elebo já bi kò se ebo re

Ele bate nos portadores de oferenda que não fazem boas ofertas

O san sokoto penpe ti nse Onibode Olorun

Ele veste calça pequena para ser guardião na porta de Deus

Oríkì Sàngó

Ka Wo Kábíyèsílé! Obá ni nse Ka Wo Kábíyèsílé

Salve aquela a quem não se pode perguntar por que fez, é o Rei que faz

Ladobo Lake Oro Ladobo Lakiyo

É aquela que é guerreiro e poderoso

O Bá Enikan Já Towó Bo Gbogbo Ilé

É aquela que briga com uma pessoa e põe a mão em todos na casa

Loju Sàngó ma pá Mi o Okó Oya

Não me mate Sàngó, marido de Oya

Sàngó olúkòso àkàtà yèriyèri, A – waápon – mórí

Sàngó é a divindade que não se enforcou, o dragão faiscante, ele é teimoso

Okùnrin alágbára inú Iná, Okùnrin alágbára inú afèfè

Homem poderoso dentro do fogo, homem poderoso dentro do furacão

Sàngó aláso osùn, onilé òlá

Sàngó que veste roupa vermelha, dono da casa da riqueza.

Olúkòso oko Obà , Oya, Òsun

Divindade de Kòso, marido de Obà, Oya, Òsun

Baba mi a jô bàtá gba adé

Meu pai que dança bàtá na hora de ser coroado

Edun kan soso I' ófi pa ènia mefà

Mata séis pessoas com um único raio

A borukumu jinansu

Meu senhor, que cozinha o inhame com a lágrima que sai de seus olhos

Obá oso, Omo Yemoja, igba àkasù ló fi kèfòó

Rei feiticeiro, filho de Yemoja, come duzentas porções de amalá com verdura

Arquétipo dos filhos de Sàngó

Os filhos de Sàngó, normalmente geram três filhos e no decorrer da vida têm três grandes relacionamentos afetivos. Sobem muito financeiramente, mas podem perder tudo bruscamente por atitudes impensadas.

Normalmente têm uma pessoa de Obalwàiyé para servi-lo durante a vida, confirmando os Itan referentes ao Orisa.

Frequentemente são pessoas obesas e com problemas de pressão arterial, como consequência de hábitos de gula.

Aspectos Positivos

- Em geral possuem profundo sentimento de Justiça.
- Geralmente possuem grande capacidade de administração.
- Podem ser pessoas extremamente corteses, com grande capacidade diplomática.
- Normalmente são pessoas generosas.
- Em geral comportam-se com misto de serenidade e benevolência, de acordo com a situação.
- Frequentemente são ótimos genitores.
- Com frequência, são excelentes maridos ou esposas.
- Em geral, possuem forte poder de persuasão.
- Normalmente possuem forte sexualidade.

Aspectos Negativos

- Em geral, são pessoas extremamente orgulhosas e conscientes de uma suposta realeza.
- Geralmente não toleram a menor contradição.
- Com frequência, deixam-se levar por crises de cólera, violentas e incontroláveis.
- Em geral, embora com forte sentimento de justiça, são, com frequência, corruptos e desonestos no comportamento, porém, dentro da legalidade.
- Podem ser extremamente mercenários, sempre fazendo as coisas por interesse próprio e por dinheiro.
- Frequentemente são teimosos e manipulados pela bajulação.
- Em geral, quando estão em dificuldades, são subservientes, quando em boa situação são altivos e orgulhosos.
- Podem ser extremamente mentirosos.
- Normalmente exigem ser o centro das atenções.

RESUMO

Expressa a trajetória de vida do autor, buscando identificar como, através do corpo, ele teceu a teia que o levou à cultura de matriz africana e finalmente ao locus da sua pesquisa, o Ilê Axé Omo Tifé. Utilizou-se o método biográfico da Antroposofia, que se baseia no conhecimento da natureza do ser humano e do universo. Descobre-se, também, durante o biográfico, o devir *Şàngó*, o quanto o *Òrìsà* de Cabeça, *Şàngó*, esteve presente na vida do autor. Nessa trajetória, ele conhece as *Ìyáloriṣa* Mãe Constancia e a Mãe Valeria de Logun Edé. Vive diuturnamente a ancestralidade africana no Terreiro, onde a sabedoria é repassada por meio da oralidade, pois primeiro se faz e depois se fala sobre o que foi feito. Esse convívio o levou a concluir que o Terreiro é um locus de educação. Dialoga com os autores *Ìyáloriṣa* Mãe Stela de Oxossi sobre o Candomblé, com o Eduardo Oliveira sobre a ancestralidade e o corpo e Muniz Sodré acerca da educação. Penetra-se o universo sutil, mítico, arquetípico e religioso do corpo e descubre-se que o *Ómó-Orixá* convive com dois corpos: o possesso, incorporado, e o corpo natural do seu cotidiano. Evidencia-se o distanciamento entre o sagrado e o corpo. Daí conclui que existem nos Terreiros, a Pedagogia do *Òrìsà* e a Pedagogia do Terreiro, ambas destoantes, prevalecendo a Pedagogia do Terreiro que, na linguagem da consciência corporal, deforma e adoece os corpos.

Palavras – chave: Corporeidade; Ancestralidade Africana; Oralidade; Educação; História; Memória; Biografia.

RESUMEM

Expresa la trayectoria en la vida del autor, buscando identificar cómo, a través del cuerpo, él tejió la red que lo llevó a la cultura de matriz africana y, finalmente, el lugar de su investigación, el Ile Axé Omo Tifé. Se utilizó el método biográfico de la Antroposofía, que se basa en el conocimiento de la naturaleza humana y del universo. Se descubre, además, en lo biográfico, el devir *Şàngó*, el *Òrìsà* de cabeza, *Şàngó*, estuvo presente en la vida del autor. En el camino el conoce las *Ìyáloriṣa* Madre Constancia y Madre Valeria Logun Edé. Vive diuturnamente la ancestralidad africana en el Santuario, donde la sabiduría se transmite a través de la tradición oral, pues de primero se hace y después se habla sobre lo que fue hecho. Esta interacción lo llevó a concluir que el Terreiro es un lugar de educación. Diálogo con los autores *Ìyáloriṣa* Madre Estela Oxóssi sobre Candomblé, con Eduardo Oliveira en la ascendencia y el cuerpo y Muniz Sodré sobre la educación. Penetra el universo sutil, mítico, arquetípico y religioso del cuerpo y se descubre que *Ómó-Orixá* convive con dos cuerpos: el del cuerpo poseído, y el cuerpo natural de su cotidiano. Es evidente la distancia entre lo sagrado y el cuerpo. Llega a la conclusión de que hay en los Terreiros, la Pedagogía del *Òrìsà* y Pedagogía del Terreiro, ambas disonantes, predominando la Pedagogía del Terreiro que en el lenguaje de la conciencia del cuerpo, deforma y enferma los cuerpos.

Palabras clave: Encarnación, ascendencia africana, Oralidad, Educación, Historia, Memoria, Biografía.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Pais de Norval numa festa de São João, em 1959, Lençóis-BA.....	18
Figura 02	Norval com 06 meses, com 02 anos e com 06 anos	19
Figura 03	Cachoeira do Sossego – Chapada Diamantina – Lençóis - BA	19
Figura 04	Nacional Futebol Clube – Irecê – BA	28
Figura 05	Norval após chegada da sua 1ª Corrida Rústica – Irecê – BA	29
Figura 06	Equipe da Agência do BNB em Alagoinhas – BA	30
Figura 07	Norval na Corrida Internacional de São Silvestre-São Paulo – SP	36
Figura 08	Equipe Corpo Inteiro em São Paulo-SP participando da Corrida Internacional de São Silvestre	38
Figura 09	Norval facilitando aula no Grupo do Parque do Cocó em Fortaleza – CE.....	39
Figura 10	Norval e Daniel (nativo) numa das praias de São Tomé e Príncipe-África	41
Figura 11	Fachada do Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana em Fortaleza – CE	42
Figura 12	Planta esquemática do Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana.....	43
Figura 13	Seminário proferido pelo Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior no Tempo Livre	44
Figura 14	Vivência Culinária no Tempo Livre	45
Figura 15	Dança Africana no Tempo Livre	45
Figura 16	Roda de Capoeira Angola no Tempo Livre	46
Figura 17	Ialorixá Mãe Valeria de Logun Ede preparando para minha feita. Serra de Pacatuba – CE	47
Figura 18	Filhos de Norval, amigos e Equipe Corpo Inteiro, nas Tapioqueiras-Fortaleza-CE, no momento de saída de bicicleta para Lençóis-BA	49
Figura 19	Norval no momento de saída de Fortaleza – CE para Lençóis – BA de bicicleta	50
Figura 20	Norval com ciclista em Irecê – BA	51

Figura 21	Arreamento do Amalá no pé do Baobá durante o lançamento do Livro: “Consciência Corporal e Ancestralidade Africana” – Passeio Público – Fortaleza – CE 58
Figura 22	Frente do Ilê Axé Omo Tifé.....65
Figura 23	Planta do pavimento térreo do Terreiro.....65
Figura 24	Planta do pavimento superior do Terreiro.....66
Figura 25	Exu da Porta do Ilê Axé Omo Tifé 66
Figura 26	Quarto de Exu do Ilê Axé Omo Tifé.....67
Figura 27	Museu Afro-brasileiro do Ilê Axé Omo Tifé 69
Figura 28	Norval colhendo folhas de carrapateira para ritual no Ilê Axé Omo Tifé..... 71
Figura 29	Norval carregando bichos para a matança no Ilê Axé Omo Tifé 71
Figura 30	EXU 73
Figura 31	Festa de Candomblé do Ilê Axé Omo Tifé – Saída de Yaô 74
Figura 32	Filhos de santo da Mãe Valéria de <i>Logun Edé</i> . e amigos.....76
Figura 33	Mãe Valéria de <i>Logun Edé</i> apreciando uma arara.....92
Figura 34	Mãe Valéria de <i>Logun Edé</i> 93
Figura 35	Mãe Valéria de <i>Logun Edé</i> no Terreiro em dia de Candomblé.....94
Figura 36	Mãe Valéria de <i>Logun Edé</i> no lançamento do livro de Norval.....94
Figura 37	Ialorixá Mãe Valeria de <i>Logun Edé</i> fazendo bolinhos de farinha na cozinha de santo do Ilê Axé Omo Tifé 96
Figura 38	Símbolo arquetípico de <i>Sàngó</i> 106
Figura 39	Elegun de <i>Sàngó</i> 107
Figura 40	Elegun de <i>Sàngó</i> 107
Figura 41	Yaô Tony de <i>Sàngó</i> 118

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	EU, ANCESTRALIDADE – DEVIR <i>Sàngó</i>	17
3	TROTANDO PELA ANTROPOSOPIA..	62
4	ENTRANDO NO ILÉ AXÉ OMO TIFÉ	65
4.1.1	Da descrição do espaço físico do Ilê	65
4.1.2	Da dinâmica interna da casa	69
4.1.3	Normas e Regras para os Ómó Orixás	79
4.1.4	Resguardo para os Ómó Orixas de Kelê	85
4.1.5	Dia da Semana Reservado aos Orixás	89
4.1.6	Louvações	90
5	IALORIXÁ MÃE VALERIA DE LOGUN EDÉ	92
5.1	Orikin Logun Edé	98
5.2	Arquétipos dos Filhos de Logun Edé	99
6	REFLEXÕES SOBRE O DEVIR <i>Sàngó</i>	100
6.1	Obrigação de um e três anos enquanto ogan sapembê, <i>sàngó</i> ogodô do terreiro ilê axé omo tifé da mãe valeria de logun ede minha feitura e obrigações de 01 e 03 anos – rituais – ogan sarapembê	102
6.2	O corpo de <i>Sàngó</i>	104
6.3	Eu, <i>Sàngó</i> , Diuturnamente	108
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	126
	GLOSSÁRIO	129

1 INTRODUÇÃO

Quando passei a ser orientado pelo prof. Dr. Gerardo Vasconcelos estava diante de uma nova etapa, de outro projeto, de renovada metodologia e, ao mesmo tempo, dedicado também ao processo de publicação do meu primeiro livro, “Consciência Corporal e Ancestralidade Africana”, lançado em novembro de 2011.

Comecei a fazer as entrevistas, e fui incorporando a ideia de registrar a história da minha Mãe de Santo. As entrevistas foram ricas, e teve poucas novidades, pois o meu convívio com Ela era quase diário, principalmente nos períodos de função. Entrevistar meus irmãos e irmãs do terreiro foi providencial, pois entrei na intimidade deles, que sempre falavam de dois lugares: o lugar do corpo natural, convivendo com o cotidiano, e o corpo sagrado, incorporado pela entidade, o *Òrìsà*.

Nascia naquele momento um novo olhar para a pesquisa, pois entrava num locus de minha intimidade, o corpo. E, a cada entrevista, fui tramando os fios que teciam cada vida dos entrevistados e descobri que todos têm vários fios, tamanhos e cores, e existem trançados iguais, transversais a todos eles, e trançados singulares, únicos e individuais, mostrando o íntimo de cada um. Fiquei tão feliz com essa descoberta que me lembrei da fala do meu orientador, Gerardo, sinalizando para eu fazer a minha trajetória até chegar ao Terreiro.

Tive o mesmo problema que o Emanuel Soares, quando da escrita da sua tese, diante de como escrever as palavras e termos em *Yorùbá*, tão comum nos Terreiros, e além de vários autores aportuguesarem o *Yorùbá*, o mesmo acontece nos Terreiros. É uma questão pluriétnica. Então resolvi seguir a nossa memorável *Ìyálorìṣa* Mãe Stela de Oxossi, mantendo os termos *Yorùbá* em itálico com sua tradução no Glossário que está no final deste trabalho.

Transitei pelo Método Antroposófico e fiquei impressionado com as descobertas acessadas durante a apropriação das minhas memórias. Ficaram mais forte o reconhecimento e a apropriação do devir *Ṣàngó*. No capítulo “Trotando pela Antroposofia”, relato melhor essa experiência.

No capítulo “Entrando no Ilé Axé Omo Tifé”, relato todo o espaço físico e os rituais e festas que acontecem durante o ano. Comento o comportamento dos *Ómó-Orixá*, meus irmãos e irmãs, faço uma leitura não verbal das pessoas do terreiro, baseado nos princípios da consciência corporal e da ancestralidade africana, e questiono a qualidade e quantidade da alimentação servida no cotidiano e nos rituais da Roça. A tese comprova, por

via das minhas observações vividas, que o Terreiro é um locus de educação. Apresento essas observações nos capítulos “Entrando no Ilé Axé Omo Tifé” e “O Corpo de *Sàngó*”.

No capítulo “O Corpo de *Sàngó*”, penetro mais o universo sutil, mítico, arquetípico e religioso do corpo. Minhas vivências corporais me dão autoridade para falar com base nos sentimentos que meu corpo produz diante da diversidade dos movimentos e dos lugares e entre lugares que ele visita. Além das entrevistas com meus irmãos e irmãs do Terreiro, destaco a feita com o *Yao* rodante Tony de Xangô, anexa, onde ele descreve, com maior sutileza, o corpo da divindade incorporada e o seu corpo.

Encerro com as considerações finais, onde trago para reflexão do leitor o meu olhar sobre a religiosidade africana e o seu locus de apresentação, o Ilé (Terreiro, Roça). Confesso atento às minhas práticas, que a tese foi feita como se eu estivesse correndo pelos entre lugares da História e da Memória.

Ka Wo Kabiesilé.

2. EU, ANCESTRALIDADE – DEVIR XANGÔ

“Dizer é Fazer.”

(Hampatê BÁ)

“Aja antes de falar e, portanto, fale de acordo com seus atos.”

(Confúcio)

O contato com a minha ancestralidade africana começa quando eu tive a sorte de nascer em Lençóis-BA, na Chapada Diamantina, a 350 km de Salvador, capital da Bahia. Terra regida por *Şàngó* e *Òşun*, rodeada de serras, rios, cachoeiras, grutas, pantanal, lagoa, desfiladeiros e vales... Uma cidade pequena, hoje com 10.000 habitantes, tombada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, essencialmente negra, católica, com duas igrejas: uma de São Francisco e outra do Senhor dos Passos, que é o padroeiro da cidade. Possui algumas tradições culturais, como a alvorada feita pela filarmônica da cidade, antecipando a festa do Sr. dos Passos; a capoeira regional; o turismo; o artesanato de pedras. No passado, o ouro e o diamante predominavam, levando a cidade a ter um consulado francês.

Nesse clima, vivia minha bisavó, Bárbara, mulher forte, negra, feita em *Yàsán* num dos terreiros de Jarê (manifestação religiosa, afrodescendente... uma mistura de Candomblé, Umbanda, Quimbanda e Ritos Indígenas). Tinha ela uma pensão (termo usado, naquela época, ao que chamamos hoje de pousada e/ou hotel), a única da cidade, cuja casa foi fruto da sua alforria pós-abolição da escravatura, onde hospedavam as mais diversas personalidades da cidade, em especial os funcionários do Banco do Brasil. Era devota de Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, fazia a novena (reza do terço e cânticos dos benditos católicos) e, no dia da festa, ela ofertava um caruru (prato de *Şàngó* feito com quiabo e azeite de dendê), de mais de 1.000 quiabos, para todos os moradores da cidade que iam para essa festa de confraternização e degustação do caruru. Após sua morte, a pensão passou a ser administrada pela minha avó, Odília Batista da Silva, apelidada Nanega, negra, de temperamento forte, não era da religiosidade africana porque minha bisavó não permitiu (até hoje investigo o motivo). Ela era católica e manteve a tradição da minha bisavó, fazendo a novena, festa e o caruru.

Minha mãe, Valdiva Maria Batista Cruz, apelidada Pirruca, negra, também personalidade forte, controladora, morava na pensão com minha avó. Em 1954, aos 32 anos, casou com meu pai, Norberto Xavier Cruz, homem branco, alfaiate e músico (tocava clarinete e sax alto na filarmônica da cidade de Lençóis). O casamento gerou comentários racistas na cidade.

Figura 01 – Pais de Norval numa festa de São João, em 1959, Lençóis-Ba.

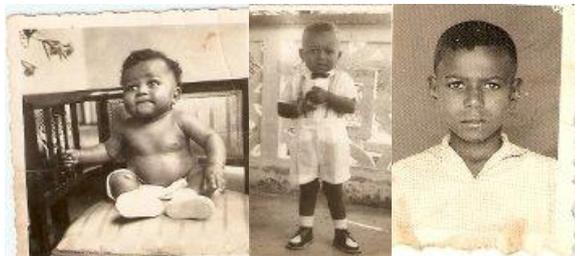


(Foto acervo Norval)

Em 13 de maio de 1956, eu nascia na pensão onde meus pais moravam com minha avó. Fui um filho desejado, esperado por esse casal, que se amava muito. Até hoje meu pai sente saudades da minha mãe, que faleceu em 18 de fevereiro de 1990.

Recordando minha infância, lembro-me de que, semanalmente, minha mãe me levava para o Serrano, área verde da cidade, cravada de serras, com rios e cachoeiras a 300m da pensão. Ela ia lavar roupa numa piscina natural, dentre tantas outras que existem no leito do rio lençóis. Eu aproveitava essa oportunidade para brincar, saltar as diversas valas das corredeiras do rio, subir nos pés de pitanga, chupar pitangas, colher e comer murici, jabuticabas, mangabas, cambuís e melão de são caetano. Perdia a noção de horário, tomando banho nu, no delicioso rio, até o momento em que minha mãe me chamava para irmos embora. Ela vinha com a roupa lavada, quarada e torcida, para ser estendida no varal do quintal da nossa casa onde tinha uns pés de bananeiras, dois pés de coqueiro-anão, plantados por mim (assim dizia minha mãe), um pé de goiaba e um pé de abacate.

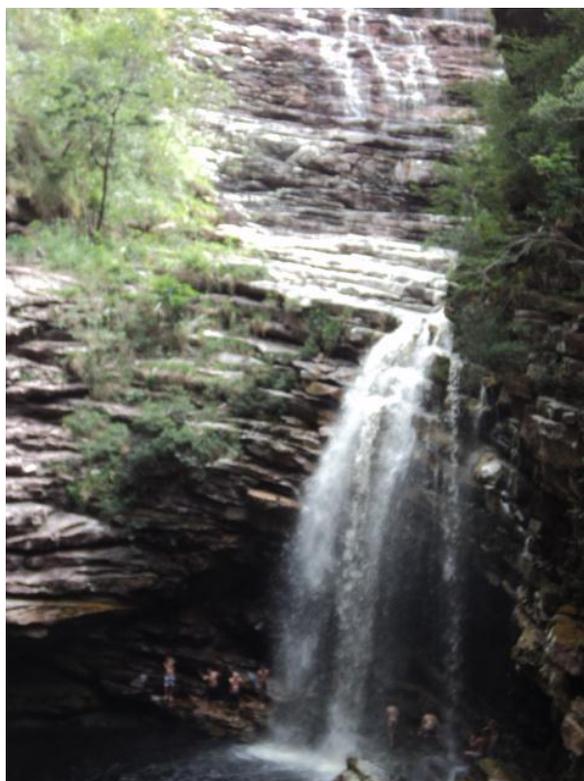
Figura 02 – Norval com 06 meses, com 02 anos e com 06 anos



Fonte: foto de Norberto Cruz

Parte da minha infância, até os nove anos, foi em Lençóis, estudando no Jardim Infantil, fardado, com um “shortinho” azul, suspensório e uma blusa branca, sapatos pretos e meias pretas e uma lancheira azul, contendo suco de laranja, umas bolachas Maria e uma banana. Claro que ficava ansioso pelo horário da merenda. Às tardes, saía para a rua ao encontro dos colegas e brincávamos usando os pneus velhos de bicicleta e de carro, aproveitando as ladeiras da cidade.

Figura 03 – Cachoeira do Sossego – Chapada Diamantina – Lençóis - BA



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Quando completei nove anos, a Inspetoria Fiscal da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, onde minha mãe trabalhava como guarda fiscal, foi transferida para a cidade de Irecê-BA e fomos todos acompanhando minha mãe, pois o meu pai era profissional autônomo. Foram seis meses em Irecê e logo depois fomos para Morro do Chapéu-BA, cidade linda, cravada entre serras, Xangô presente, forte, e entre essas rochas, deslizavam fluidicamente os rios e as cachoeiras, como a do Ferro Doido, onde íamos tomar banho, sempre aos domingos.

A família foi crescendo com a chegada de mais quatro irmãos, Valberto e Valdir, Norival (falecido) Nordiva e Norberval. Todos os nossos nomes foram tirados da junção dos nomes da mamãe, Valdiva, e do meu pai, Norberto.

Outra lembrança marcante é das idas ao Poço dos Homens, aonde só iam homens. A uns cem metros desse poço, banhavam-se as prostitutas... Às vezes, percebia que meu pai se deslocava para aquele local, deixava Valberto e Valdir e eu brincando na areia branca e fina do poço, com recomendações severas para não entrar na água preta do poço. Foi nesse poço que aprendi a nadar. O método utilizado era o das cabaças amarradas na minha cintura e um bater frenético de braços e pernas, estilo próximo do crawl, a atravessar o poço sobre os olhares do meu pai. Fortes emoções, medo e prazer, naqueles momentos e no dia em que ele tirou as cabaças e pediu para eu atravessar o Poço do Homem. Foi um rito de passagem muito importante para mim.

Outras vezes, íamos para o Morrão fazer trilhas, catar jabuticabas, muricis, araçás, ou pegar cigarras com nossas caixas de fósforos. As trilhas eram fontes de ensinamento. Lembro-me de que tinha uma flor vermelha, como um cravo. Meu pai parava, pegava um pedaço de pau, cavava até tocar num tubérculo que ele chamava de batata-da-serra. Tirava, lavava numa das poças de água. A batata era preta, mas quando dávamos a primeira dentada aparecia uma massa branca como neve, com gosto um pouco salgado. Adorávamos!

Foi no Morro do Chapéu que vivenciei muito minha infância; brincava de carro de lata de sardinha, e de fazenda, usando os ossos de boi. Havia uma brincadeira louca que se chamava “infinca”. Era um jogo de inverno, porque dependia da terra estar molhada, e cada jogador tinha um pequeno ferro, como chave de fenda, que era fincada no chão úmido e conseqüentemente mole, permitindo a entrada fácil do ferro, mas, em alguns momentos, com o desenvolvimento do jogo, que ocupava até três metros de diâmetro, acontecia do jogador “passar” por uma parte de terreno duro ou com pequenas pedras ou pedaços de telha etc., dificultando a entrada do ferro no solo. E esse jogo se iniciava com dois ou até quatro

jogadores, que partiam de um triângulo desenhado no solo como ponto de partida e, a cada inficada, se traçava uma linha; o objetivo era cercar o triângulo do adversário e o vencedor aparecia quando seu adversário não conseguia passar pelas “trilhas” feitas pelo outro jogador. Isso se dava quando o perdedor fincava seu ferro fora da trilha feita pelo adversário. A próxima partida iniciava em outro local próximo ao anterior.

Meus pais tinham uma vida muito simples. Vivíamos numa casa com uma porta, quatro janelas, uma sala de visita, uma de jantar, três quartos, cozinha com fogão a lenha, despensa e um quintal com as galinhas e, naquela época, cada um dos três primeiros filhos tinha suas galinhas, cada galinha tinha um nome, e eu cuidava muito bem das minhas. Comia alguns ovos, mas guardava outros para colocar no ninho quando a galinha ficasse choca, e, quando nasciam os pintinhos, era aquela festa. Esperava seis meses para que eles se transformassem em frango. Esperava o dia do aniversário para degustá-los.

No Natal, após colocar o bilhete na janela para Papai Noel, à noite, íamos dormir ansiosos para chegar o dia e vermos o presente do lado da cama. Tinha uma satisfação ímpar. Eu saía pela rua principal, larga, de barro batido, desfilando com o caminhão de madeira cheirando tinta cinza fresca. Esses dias, posteriores ao Natal, eram longos e alegres.

Ainda em Morro do Chapéu, com 14 anos, tinha uma brincadeira baseada na mesma lógica do hipódromo, na qual eu era o cavalo e um amigo meu mais velho chamado Zé de Maridete, 21 anos, era o “dono” do cavalo, e fazia as apostas com outras pessoas. Eu era apelidado de “Cavalo Preto” e num percurso de 100 m, mesmo dando vantagem ao adversário de 10 a 20 m, ganhava fácil. Esses momentos sempre aconteciam à noite, na rua principal da cidade. Sinto que ali nascia o corredor de pedestrianismo de longa distância que sou hoje; prática esta que faço diariamente pelas ruas desta Capital (Ceará), pelas dunas, parques, praias e serras. Na corrida, faço minhas reflexões, meditações, harmonizo meu corpo, acesso respostas para os mais diversos problemas da minha vida, bem como visito lugares que me presenteiam com projetos lindíssimos, além do prazer e da transcendência que o ato de correr provoca nos meus diversos corpos (físico-psico-emocional-espiritual-social-cultural).

Quase todas as noites tinha o momento de aconchego do cafuné. Mamãe ficava deitada e eu, com carinho, começava a coçar a sua cabeça até ela dormir. Era um capricho da mamãe e, às vezes, ela pedia esse momento de afetividade. (Lembrei Muniz Sodré, quando fala que educação sem afetividade não aproxima as relações humanas).

Vivi também nessa época a experiência de Coroinha da igreja católica, sob a regência do Padre Juca e da zeladora, Dona Ursina. Foram dez anos de dedicação à igreja e lembro-me de que eu tinha um prazer enorme nos sábados quando ia ao mercado, onde a Dona Ursina tinha uma banca de doces, bolos, brevidades, pés- de- moleque (estes eram doces de corte feito de farinha, rapadura e amendoim) café e leite. Pegava a minha brevidade e o meu pé de moleque e, depois, saía satisfeito pela rua, degustando aquelas guloseimas. Sabia rezar a missa toda. Comia muita hóstia, nas latas que vinham da padaria. Respeitava as da sacristia. Todos achavam que eu iria ser padre, mas um dos meus motivos para ir toda noite para a igreja era para ver a Ninha, minha primeira namorada, e esperava ansioso a hora do término da missa, quando a levava até um quarteirão da casa dela, pois o namoro era escondido. Adorava as procissões, pois, vestido de batina vermelha e bata branca, segurando o candelabro, ficava na frente de uma das duas filas, direcionando os fiéis.

Certa vez, a Dona Ursina falou com minha mãe do seu desejo de me ver como São Benedito, vestido de hábito marrom e a cabeça semirraspada (cabeça de santo). Minha mãe, alegre e satisfeita, falou comigo da proposta indecente e eu retruquei, dizendo que não iria, porque depois da procissão eu teria que raspar a cabeça ou fazer o corte “pipão” (corte onde só fica um pouco de cabelo na frente, junto à testa) e eu já estava usando o corte “americano” (parte superior da cabeça com cabelo e as laterais e costas lisos). Percebo que, naquele momento, sentindo que a minha vontade não foi considerada, fiz o meu primeiro ato de rebeldia, pois no dia da procissão eu acordei cedo e me escondi numa mata que tinha no fundo do nosso quintal. Quando pressenti que a procissão havia acabado, voltei para casa e fui surpreendido pela minha mãe com uma palmatória preta, grande, que ficava pendurada na cozinha e me aplicou 12 bolos. Como era importante para minha mãe aquele momento! Ela respeitava muito o Pe. Juca e a Igreja, como instituição sagrada. Eu tinha medo de Deus, como repressor, e do Pe. Juca (homem branco, alto, gordo, olhos azuis, andava sempre de batina preta) e de Dona Ursina (negra alta, gorda, cara sisuda, séria). Vivia num clima de prazer, satisfação do ego por ser o coroinha da igreja, de respeito à religião dos meus pais, de repressão de um divino que eu não entendia nada, aceitava por todos aceitarem. Não existia um senso crítico. Seguia o padrão.

Sempre fui um menino de rua, saía para brincar com os meninos e as meninas. Brincávamos de “casamento oculto”. Era uma brincadeira entre meninos e meninas, perfilados um de frente para o outro, os meninos com seus presentes na mão (bombons, pentes, brilhantina marca *G|lostora*, sabonete marca *Phebo*, toalha, chiclete *Ping-Pong*,

pirulito *Zorro* etc.) saíam em direção à menina, paravam na sua frente, faziam uma reverência e a menina, se aceitasse, repetia; se negasse, virava 180 graus, ficando de costas para o pretendente. Essa brincadeira acontecia durante todo o ano, mas, nos meses de férias, quando vinham de Salvador os filhos dos vereadores e prefeito, eles traziam o famoso chocolate *Diamante Negro* e as meninas, nesse período, os escolhiam, visando ao chocolate. Tinha brigas entre nós por causa dessas escolhas, pois não admitíamos que durante o ano elas nos escolhessem e, nas férias, mudavam.

Nesse período, com 12 anos, eu estudava no Colégio Dias Coelho (negro, coronel da Polícia Militar da Bahia), cuja farda era verde-caqui, igual aos militares. Nesse colégio, as aulas de Matemática eram bastante concorridas. Quando havia arguição da famosa tabuada, cuja dificuldade minha eram os números 7 e 8. Em círculo, ficávamos em pé, e a professora fazia a pergunta: se o aluno errasse, a pergunta passava imediatamente para o próximo e assim por diante. Nessa dinâmica, quando o aluno acertava a pergunta, a professora entregava a ele uma palmatória e o aluno saía, sorrindo, e dava dois bolos, um em cada mão, em todo os que tinham errado.

Sendo o primeiro dos seis filhos (um falecido aos seis meses), apanhei muito, em especial da minha mãe, que me batia com uma palmatória preta, ora seis, ora doze bolos, distribuídos nas duas mãos. Os motivos eram os mais diversos, desde quebrar algo dentro de casa, chegar com roupa suja, atrasado para a escola... Houve um motivo que foi muito engraçado: fiquei com o dever de levar para a escola um ovo, pois íamos fazer um bolo. Coloquei o ovo no bolso e, chegando ao jardim da escola, onde havia um parque infantil com alguns equipamentos, como um giratório, onde as meninas ficavam sentadas e nós, meninos, empurrávamos e logo após sentávamos junto com elas e, é claro, quando sentei, o ovo quebrou dentro do meu bolso... Voltei correndo para casa para trocar a roupa e recebi uma grande surra de palmatória.

Foi nesse período, também, que ganhei o primeiro lugar num programa de calouros da rádio local e fui convidado para abrir uma peça teatral na sede da Filarmônica Minerva, cantando a canção premiada, que se chamava “O violeiro”. Foram dias de muito treinamento obrigados pela minha mãe, que corrigia minha entonação de voz e os gestos do corpo. Apareciam ali também a linguagem não-verbal e um pouco da oralidade africana.

Todas as brincadeiras eram ao ar livre, não existia TV. Os filmes de faroeste aconteciam num depósito, onde levávamos os banquinhos e assistíamos a cada semana um episódio, pois os rolos de filmagem transitavam pelas cidades vizinhas e tínhamos que esperar

a chegada do próximo rolo. As sessões eram frenéticas e cheias de gritos, quando o artista matava os bandidos ou os índios. A película era em preto-e-branco.

Como na nossa casa não tinha banheiro, apenas um sanitário no quintal, meu pai, toda tarde, pegava as toalhas, o sabonete marca *Phebo*, e íamos por uma trilha que se fechava na mata. Em todos os momentos que adentrávamos para tomar banho na cachoeirinha, todos nus, era juntamente com outros homens que às vezes já estavam por lá ou chegavam depois de nós. Essa cachoeira ficava a uns mil metros da minha casa. Voltávamos tranquilos, sorrindo e satisfeitos pelo banho. Vejo que essas vivências em nudez me influenciaram a fazer hoje as vivências lunares para homens, que acontecem a cada ciclo lunar aqui em Fortaleza - CE.

Na cidade de Morro do Chapéu - BA, estudei no Colégio Nossa Senhora das Graças, na época em que o francês era a língua estrangeira oficial. A farda era formada por calças azuis, camisa branca e sapatos pretos. Sempre fui um aluno exemplar, tirava boas notas, mas houve uma prova, no estilo “marque a primeira coluna de acordo com a segunda”, em que me embaralhei todo e tirei a nota 3. Arrasado, fui tentar justificar a falta de entendimento do método utilizado na prova; mas não adiantou. Frustração total.

Por outro lado, na prova de Português sobre a conjugação de todos os tempos dos verbos (era sorteado um verbo numa das três conjugações) tirei nota 10. Naquela época, com 12 a 15 anos, começava a frequentar as aulas de “socialização”, aos sábados, que consistiam em dramatizar algum tema, e eu ficava com a parte das piadas. Sinto que ali nascia o palestrante, o professor, o consultor dialogando com grandes públicos, como faço agora. Nessa época, também fiz parte de um time do colégio, jogando na posição de goleiro.

A professora de Português, D. Judite Arlego, famosa na cidade, tinha um coral. A mando de minha mãe, fui fazer um teste e passei como tenor. Fiquei por lá uns dois anos.

As festas juninas na Bahia são muito animadas. Quadrilhas, bandas de forró pé-de-serra, comidas típicas (milho verde assado e cozido, pamonha, canjica, bolo de aipim, de milho, de trigo, pé-de-moleque, brevidade, avoador, aluá etc.). Havia as fogueiras e, ainda, as fogueiras em pé. Essas fogueiras divergiam das outras, pois tinha uma árvore com caule grande, de aproximadamente 10 m de comprimento, que era fincado no chão e a fogueira propriamente dita era feita em volta desse caule de árvore. Nos galhos dessa árvore eram colocados brinquedos, roupas, utensílios domésticos, perna de boi, relógio, rádio e outros atrativos. Tudo amarrado com arame. Quando a fogueira era acesa, todos ficavam à sua volta esperando o caule queimar e a fogueira “cair”. Nesse momento da queda, os “donos” da fogueira em pé acendiam as espadas (busca-pé) e os foguetes na direção das pessoas que

estavam em volta da fogueira tirando o material amarrado. Essas pessoas, sabedoras da “guerra”, iam preparadas com calças e capote *jeans*, botas e luvas, além de alicate para mais rápido tirar os “presentes” da fogueira. Havia a sutil concorrência entre os donos das fogueiras em pé, cada um querendo ter a sua fogueira mais sortida e, conseqüentemente, atrair mais gente.

Era um divertimento muito perigoso, como a “guerra das espadas”, ainda hoje existente nas cidades de Cruz das Almas - BA e Campina Grande - PB. A espada é um dos fogos juninos que consiste num tubo grosso (3 a 5 cm de diâmetro) de bambu, enrolado com cordão encerado e contendo pólvora e limalha de ferro que, quando acesa, emite um som forte e saem as limalhas em forma de fogo e queimam, caso venham a tocar na pele. Naquela época, era um dos fogos mais usados por grupos que jogavam de um lado para o outro da rua.

Tinha espada que ficava até cinco minutos “vomitando” fogo. Eu mesmo tenho um dos tímpanos prejudicado por causa de uma bomba estourada a 20 cm do meu ouvido, pois, além das espadas, os foguetes também eram usados em direção aos grupos de pessoas. Apesar do risco e do medo que eu sentia quando pegava na espada acesa e faiscando, havia também um prazer pela conquista do domínio do fogo vivo, voando, serpenteando no chão da praça.

Percebo que naquele momento já se revelava a minha afinidade com práticas do guerreiro *Șàngó*. Poucos eram os jovens, corajosos e destemidos, que ousavam entrar naquela “guerra”.

A fogueira e os fogos, em especial as espadas, foram práticas que eu continuei fazendo em

Irecê - BA, em Alagoinhas - BA e em Feira de Santana - BA.

Aos 15 anos, tive a primeira experiência com o trabalho externo, vendendo alface, pimentão, tomate, couve, repolho, pepino, coentro, cebolinha, salsa e chuchu, cultivados no quintal da nossa casa. Saía com a bacia de alumínio na cabeça, oferecendo esses produtos nas casas da cidade de Morro do Chapéu - BA. Ficava feliz quando vendia tudo. Ganhava CR\$ 1,00 por dia.

Voltamos para Irecê - BA, porque a Coletoria Estadual não estava arrecadando muito na cidade de Morro do Chapéu - BA, e Irecê - BA era a sede da Microrregião, onde o feijão, o milho e a mamona eram cultivados em escala industrial. Essas mudanças constantes desenvolviam em mim o sentimento de nômade, de adaptabilidade.

Foi decepcionante quando cheguei à igreja, levado por minha mãe, católica, para ser coroinha; e, quando o padre me aceitou dizendo que tinha mais 15 ajudantes, desisti naquele momento, lembrando que em Morro do Chapéu - BA, eu e o Chico dominávamos os serviços demandados pela paróquia.

Assim, iniciei minha investigação de outros saberes religiosos. Fiz uns estudos no grupo das Testemunhas de Jeová por um ano. Depois, fui para a Igreja Batista, ficando uns seis meses; em seguida, mais seis meses na Igreja Adventista do Sétimo Dia, e sempre acabava saindo, diante do reducionismo doutrinário.

Retomei meus estudos na Escola Polivalente de Irecê, aos 17 anos, onde o uso de apostilas estava em moda. Continuei sendo vendedor ambulante. Desta vez, o produto eram cocadas feitas pela minha vó. Deliciosas! Os locais onde mais vendia eram os depósitos onde se comercializavam feijão, milho e mamona, e nas escolas. Eu gostava muito dessa atividade. Lembro-me que aproveitava a segunda-feira, dia da feira livre da cidade, para “carregar” as compras das madames e o dinheiro arrecadado desse trabalho era dividido com minha mãe. Aos sábados, ia para a casa de Dona Isabel encerar a cerâmica e curtia, usando a enceradeira elétrica.

Em casa tinha as tarefas domésticas. Minha mãe as distribuía entre mim, Valberto e Valdir. Os períodos eram semanais, como também os rodízios entre as atividades de limpar e encerar o piso de cimento vermelho com o escovão. O outro ficava com os móveis para passar óleo de peroba e o terceiro ia para a cozinha ajudar na confecção dos pratos do almoço e jantar. Foi nesse período que nasceu o cozinheiro que sou hoje, mais especialista na cozinha vegetariana e africana.

A minha experiência como vendedor ambulante e carregador de feira me aqueceu para fazer o teste no primeiro supermercado que chegava à cidade. Era da rede *Pinguim*, do deputado Etelvir Dantas. Fui aprovado para o cargo de empacotador. Foi o meu primeiro emprego com carteira assinada. Tinha nessa época 16 anos. Nos dois anos que permaneci nesse emprego, tive uma ascensão profissional, passando pelos cargos de coordenador da seção de secos e molhados, depois abastecedor e finalmente subgerente. A minha saída foi um pouco desagradável, quando fui surpreendido pela visita inesperada do dono da rede, que eu nem conhecia pessoalmente, me abordando indelicadamente em face de eu estar brincando com uma das funcionárias da loja. Tal incidente resultou numa suspensão de três dias. Voltei para casa decidido a não voltar. Compartilhei o fato com meus pais. Minha mãe me chamou de irresponsável e, naquele momento, meu pai, pela primeira vez, foi contra minha mãe, dizendo: “Diva, deixe o menino em paz. Aqui ele tem casa, roupa e comida, graças a Deus”. Até hoje, quando relembro esse fato, fico emocionado. Na comemoração dos meus 50 anos, fiz uma carta de agradecimento a ele, meu pai, por esse fato que mudou drasticamente minha vida profissional e reforçou minha integridade e dignidade como trabalhador.

Fui aprender o código Morse, com o profissional de radiotelegrafia José Tavares Reis, o qual me passou a estação da Inspetoria Estadual de Irecê - BA. Depois, fui a Salvador - BA, fazer o teste de radiotelegrafista para a Secretaria de Segurança do Governo do Estado da Bahia, sendo aprovado e nomeado como responsável pela estação da Delegacia Regional de Irecê – BA. Tenho meus arrependimentos quando fiz parte, passando os telegramas, via Morse, para o Quartel Geral em Salvador - BA, das posições do Lamarca, sentimentos esses acessados quando li o livro “Lamarca o capitão da Guerrilha”. Foram momentos tristes que passei na Delegacia de Polícia, presenciando, sempre à noite, por volta das 21 h, quando eu ia passar os telegramas e ouvia os gritos dos presos sendo torturados (os policiais batiam nos presos, nus, com um cinto de borracha e jogavam água salgada na pele ensanguentada). Naquela época, já existia a superlotação nas celas. Vendo aqueles corpos maltratados, cortados e penalizados, me sentia estarecido com essa realidade do mundo. Acessava naquele momento o chamado do *Şàngó* justiceiro.

Em seguida, fiz o concurso da ANCARBA – Serviço de Extensão Rural da Bahia, para escriturário, passando em primeiro lugar. Trabalhei durante um ano e acompanhei a fusão ANCARBA com o IBCR, gerando a EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. Convivia diariamente com os atritos profissionais entre o técnico agrícola e o engenheiro-agrônomo, que faziam o mesmo trabalho com remuneração diferenciada. Durante as visitas que eu fazia às quadras de experimentação feitas pelos técnicos e agrônomos, não percebia nenhuma diferença nas atividades exercidas pelas duas categorias. Nessa época, saudosos do código Morse, fiz um concurso para radioamador. Passei, comprei um equipamento e fiquei “curtindo o éter” (gíria entre os radioamadores), com o prefixo PY6-NV e PXA-1612.

Nessa década, descobri o futebol. Fui aceito num time da divisão de amadores, o Nacional de Irecê, na posição de lateral direito. Pela primeira vez, testemunhei o *doping* no esporte. O dono e técnico do time levava uns dez litros de *Coca-Cola* e misturava com comprimidos de *Melhoral*, dizendo que daria mais vitalidade aos jogadores. Oferecia-me, embora nunca aceitasse; entretanto, para melhorar meu desempenho, antes dos treinos do time, fazia meus exercícios e minha corrida em volta do campo.

Figura 04 – Nacional Futebol Clube – Irecê – BA-1975 Norval é o 3º em pé, da direita para a esquerda

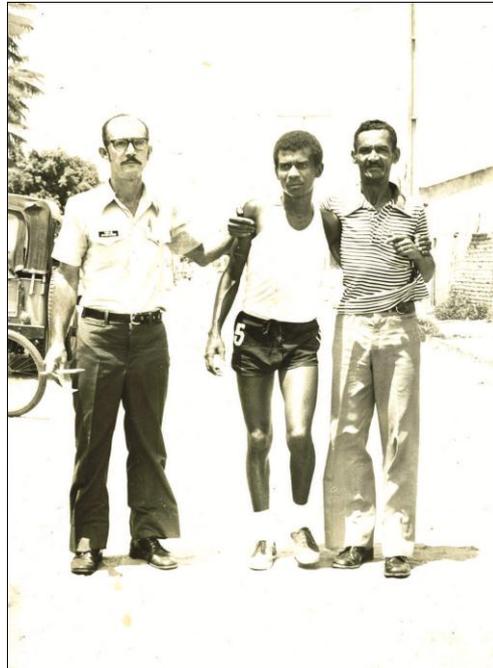


Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Chegou a Irecê, em 1975, a primeira corrida rústica, mobilizando os jovens e praticantes de atividades físicas a participarem. Quando fiz minha inscrição, jamais imaginava que seria o campeão. A corrida tinha um percurso de 24 km, saindo da antiga cidade de Canal - BA para Irecê - BA. Lembro-me de que saí caminhando, era o último, e fui ganhando terreno, passando os competidores ao longo do percurso e o último concorrente foi o Djalma, que foi ultrapassado na entrada da cidade. Fiquei muito feliz com o título de campeão e o capitão do Tiro de Guerra me disse que eu tinha condições de ser um grande corredor. Vale lembrar que fiquei dois dias deitado no sofá da casa da mamãe com as pernas doloridas e tomando leite com mastruz.

Continuei jogando futebol e, no ano seguinte, fiz a mesma corrida, sagrando-me bicampeão. Desta vez, treinei mais e não tive reações tão profundas e comprometedoras como no ano anterior.

Figura 05 – Norval (ao centro), com seu pai a direita e o cap.do tiro de guerra, após chegada da sua 1ª Corrida Rústica (25km) – Irecê – BA-1975



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Meu pai tinha uma motocicleta alemã, marca *Jawa*, na qual, com a permissão dele, fui de Irecê para Lençóis. Naquela época, as estradas eram de cascalho e cheguei a derrapar e caí numa ribanceira, à noite, e tive que pedir ajuda a uns moradores próximos para trazer a motocicleta para a estrada novamente. Foi a minha primeira aventura mais radical, viajar, de moto, esses 200 km.

O meu segundo grau foi feito no Colégio Comercial de Irecê - BA, na área de Contabilidade. O diretor era o meu querido Dr. Claudio Abílio Aragão. Até hoje possuo a carteira do CRC (Conselho Regional de Contabilidade).

Em 1977, fiz o concurso para o Banco do Nordeste do Brasil, sendo aprovado e nomeado para a cidade de Alagoinhas - BA. Começava ali, aos meus 21 anos, a trajetória do guerreiro, responsável, autônomo e independente, saindo da casa dos pais para morar num hotel da referida cidade, onde fiquei apenas dois meses, incomodado com a comida e o tratamento dispensado aos hóspedes.

Figura 06 –Norval, 3º da direita para a esquerda, com a equipe da Agência do BNB em Alagoinhas – BA-1977



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Decidi montar uma república com doze participantes. Nos dois primeiros meses, fui o responsável pelas compras. Tínhamos um convívio equilibrado. Faziam parte estudantes, empregados no comércio e bancários. Quinzenalmente, ocorriam os “assustados” (festa com grupo de samba, onde eu tocava tambor e cantava), e chegamos até a receber uma intimação da polícia civil, citando a nossa república como promotora de incômodos aos vizinhos.

Ainda me lembro do prazer que senti quando adquiri, com meu esforço, meu primeiro carro, um *Dodge Polara* cinza, e também minha moto *Honda CG-125*, azul. Era costume nas cidades do interior os grupos de jovens se reunirem na praça principal, aos domingos, após a missa, para curtir uma boa conversa e paquerar. Namorei muito e comecei minha jornada de homem sedutor. Adorava ir às festas para dançar, sem precisar me aquecer com bebidas alcoólicas para socializar com a turma.

Eu, como enquanto bicampeão da corrida de Irecê - BA, ao chegar a Alagoinhas – BA, procurei logo informações sobre as corridas rústicas; na primeira de que participei, me surpreendi com a minha classificação em 11º, num percurso de 8 km. Claro que, com meu amadorismo e desconhecimento sobre treinamento desportivo, não tinha a noção da diferença entre correr 24 km e correr 8 km. Foi importante ter participado dessa corrida, pois me socializei com outros corredores, que me convidaram para participar de uma equipe e assim

conheci o Luis, que foi meu primeiro treinador e me ensinou muito sobre o atletismo, levando-me a ser campeão dos 1.500 m e dos 5.000 m nos Jogos Abertos do Interior.

Consciente dos benefícios da corrida, motivei-me a promover uma olimpíada com os participantes da república onde morava, premiando-os com medalhas e troféus. O evento foi realizado na pista do estádio Carneirão, onde eu fazia meus treinos de atletismo diariamente. Senti grande satisfação em ter realizado esse momento de integração, levando o movimento corporal para meus amigos.

A consciência da minha negritude ainda não tinha chegado, mesmo eu me identificando com a música negra, com as comidas típicas baianas, participando de um grupo de Capoeira regional no bairro de periferia de Alagoinhas, na Baixa da Candeia, onde havia muitos negros. Comecei a me alertar sobre a questão da discriminação racial, quando o gerente da agência onde eu trabalhava me chamou, tentando me convencer de que era mais apropriado, socialmente, para o bancário, fazer caratê no Alagoinhas Tênis Clube do que a prática da capoeira. Rechacei imediatamente a ideia. Outra vez, acharam inadequado meu comportamento, por estar carregando a minha feira da república em vez de pagar a um carregador. A educação bancária (lembrei-me do Paulo Freire) presente no BNB sempre era carregada de padrões burgueses, rígidos, com os quais eu não me identificava.

Houve um encontro muito determinante na minha vida, quando conheci o Rolf Geleski, num curso que ele estava ministrando sobre a coluna vertebral e a dança. O Rolf era coreógrafo, diretor da Escola de Dança da UFBA e presidente da Casa Sri Aurobindo, em Salvador - BA. Foi fantástico ficar com ele no período do almoço, vê-lo tirar da sacola uma vasilha plástica branca, com divisórias onde tinha cenoura, beterraba, pepino e limão, um pequeno ralador e ele, lentamente, muito lentamente, ralava aqueles vegetais e comia com a mão, mastigando bem devagar. Essa cena me marcou muito e me levou a questionar os processos alimentares e suas relações com o corpo.

A questão religiosa sempre me permeou. Convidado por uma amiga, fui fazer o Cursinho de cristandade, junto à Igreja Católica. Fiquei decepcionado por não encontrar as respostas que vinha buscando no tocante à espiritualidade.

Continuei minha jornada, indo frequentar as sessões doutrinárias e mediúnicas do espiritismo, segundo Alan Kardec. O convívio com o espiritismo reforçou meu olhar benevolente para com os mais necessitados e o meu desejo de servir e a certeza de que o meu trabalho passaria pelos papéis do inovador, do cuidadoso e do revolucionário, tipos de personalidades expressos por Lievegoed (1994, p. 95).

Sempre aprendi com as mulheres, e lembro-me de que tive uma namorada, grande jogadora de vôlei, que me apresentou o movimento da tropicália. Curti muito dos mutantes, da Gal, do os *shows* Caetano, da Bethania, e especialmente do negro Gilberto Gil, que, com suas músicas, me levaram a refletir sobre as questões da discriminação racial e a validação da cultura de matriz africana.

Paralelamente a todas essas atividades sociais e profissionais, o ato de correr era algo que fazia parte do meu cotidiano, como o é até hoje. Correr e respirar, para mim, são sinônimos e vitais. Participava ativamente das competições esportivas, em especial, dos Jogos Abertos do Interior, em que fui campeão várias vezes dos 1.500 m rasos e dos 5.000 m rasos, desbancando o reinado do grande corredor Luiz de Serrinha na prova dos 5.000 m rasos, numa das edições dos Jogos em Feira de Santana.

Aos 23 anos, prestei exame vestibular para Contábeis na UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana - BA, passando e transferindo minha residência para lá. Mais uma vez, aluguei uma casa, próximo do centro da cidade, formei uma república e fui convidando alguns amigos (Xavier, Paulo, Geraldo) para morarmos juntos. Ainda nessa casa, tive a alegria de convidar o meu irmão Valberto, que morava em Irecê - BA, para vir morar conosco e começar a sua vida profissional numa cidade maior. Fiquei satisfeito em conseguir para ele o seu primeiro emprego junto à transportadora *Suleste*. Hoje ele é gerente geral da Agência do BNB – Banco do Nordeste do Brasil, em Itaberaba - BA.

Com o Brasil vivendo um momento de anistia política e greves gerais, me despertou para uma possibilidade de mudanças sociais por meio de uma militância política e revolucionária. Meus ideais humanistas de coletividade e igualdade social me levaram a ser ativista do grupo ultrassindical chamado Nós-Bancários, coletivo marxista ortodoxo. Participava dos seminários, encontros e grupos de estudos filosóficos. Fazia piquete em frente aos estabelecimentos bancários de outras instituições durante as greves e tinha embates com polícia militar, recebendo até cacetadas nas costas e empurrões.

Paralelo a essas atividades, mantinha meus treinamentos fortes de corrida, visando ao campeonato estadual. Intencionando firmar o movimento de corridas na cidade de Feira de Santana e querendo fortalecer a minha identidade de corredor, fundei a AFAC – Associação Feirense de Atletas Corredores. Tínhamos treinos de corridas duas vezes por semana sob a orientação do técnico Admilson Santos, o AD. Eu ministrava aulas de vegetarianismo e comecei a incluir as frutas, em especial a melancia, em todos os treinamentos, momentos de socialização com o alimento, que mantenho até hoje nas minhas vivências. Com suporte nessa

experiência, reforcei a integração, criando encontros, aos domingos, alternando o local de saída, sendo sempre na casa de um dos corredores, gerando alguns estranhamentos e aprendizados, pois corredores de classe média alta se deslocavam para os bairros de periferia, para casa dos companheiros de classe baixa e vice-versa. Ao final, todos reconheciam como o desporto, a atividade corporal, cria um vínculo, uma empatia, uma linguagem silenciosa que aproxima, nascendo aí os vínculos afetivos na diversidade.

Outra iniciativa que liderei foi a criação de um grupo de estudos naturopáticos. Buscando aprofundar nossos estudos, promovemos vários seminários para a cidade sobre essa temática. Palestrantes como o Dr. Efraim Melara Mendes, doutor em Naturologia, de Brasília - DF, o agrônomo vegan Hiroshi Seo, de São Paulo e outros. Nascia ali o atleta vegetariano, ganhando provas e quebrando a crença de que o corredor deveria ter proteína animal (carnes) na sua dieta para suportar treinamentos de alta *performance* e vencer.

Meu ativismo levou-me a ser presidente do D.A – Diretório Acadêmico – de Ciências Contábeis da UEFS por duas gestões. Adorava essa militância!

Aos 25 anos, fomos surpreendidos por uma gravidez inesperada, a Rosa e eu. Foi um casamento rápido, sem convites, sem plateia, numa quarta-feira, quando aconteciam no Fórum Felinto Bastos as sessões de casamentos coletivos. Na ida para o Fórum, encontrei o Raimundo, corredor da AFAC, e convidei-o para ser o padrinho de casamento. Ele tomou um susto e veio com a roupa com que estava. Foi divertido! Depois que a notícia correu pelos quatro cantos da cidade, fizeram uma festinha-surpresa em minha casa. Em 09 de dezembro de 1981, nascia minha primeira filha, a Rosana; e também eu, como pai. Durante os JUBs – Jogos Universitários Brasileiros, realizado em São Luís - MA, onde eu estava representando a UEFS, nascia o Vinícius, em 21 de julho de 1984. Lamentei não estar presente ao nascimento do meu primeiro filho homem. Em 01 de março de 1986, nascia o Rono, nome influenciado pela amizade que tive com o recordista dos 3.000 m com obstáculos, Henry Rono, do Quênia. Essa amizade foi feita em São Paulo – SP, numa das várias vezes (mais de 20) em que estive participando da Corrida Internacional de São Silvestre.

Ainda em Feira de Santana – BA, conheci um corredor e professor de Matemática da Universidade Estadual de Feira de Santana, chamado Wilson, e juntos fundamos a primeira rádio livre da cidade. Chamava Calunga. Foi um movimento revolucionário. Tínhamos vários programas, boa audiência e muitas vezes fomos perseguidos pela polícia federal. Wilson pertencia ao Terreiro da Mãe Constância, situado no largo do Bairro de Maçaranduba, em Salvador - BA, e me convidou para visitar. Até aquele momento, com 33 anos de idade,

jamais havia entrado em um Terreiro de Candomblé, nem tinha conhecimento da Religiosidade Africana. A Mãe Constância era uma *Ìyáloriṣa* respeitada nos territórios do Candomblé baiano, uma mulher forte, de uma vidência impressionante. Ela fez meu primeiro jogo de búzios e me disse que eu era filho de *Şàngó* e revelou vários fatos do meu passado, presente e futuro que me surpreenderam. Passávamos horas conversando sobre a vida, pura oralidade. Aquele terreiro, por ser de Angola e sincrético, tinha várias imagens de Santos católicos, fato que facilitou a minha compreensão dos arquétipos dos *Òrìṣà*.

Hoje, revendo a minha biografia, percebo que naquele momento ainda não tinha me apropriado do Ser Negro, pois a religiosidade era vista com um olhar parecido com o devoto católico ou kardecista. Não fazia a relação com a cultura de matriz africana, nem com a negritude, nem com a afrodescendência, muito menos com a intolerância religiosa.

Eu, como guerreiro, era fortalecido com as corridas de longas distâncias. Conquistei, em 1984, o título de campeão baiano de corridas de rua, bem como o de atleta do ano da cidade de Feira de Santana, onde eu residia, título dado por uma comissão de repórteres e radialistas e entregue numa noite de gala, no Clube de Campo Cajueiro. Foi a primeira vez que vesti um paletó, experiência de que não gostei.

Nessa época, entrei em crise vocacional e abandonei o curso de Ciências Contábeis, indo fazer o vestibular na Universidade Católica de Salvador - BA. No teste físico, passei tranquilo, mas na natação, além de não saber nadar, fui fazer a prova prática de cuecas, marca *Zorba* (por isso, ganhei na faculdade esse apelido), pois, para minha surpresa, após sair cansado da piscina de 25 m, as cuecas molhadas ficaram mais transparentes, gerando gozação dos concorrentes. Só depois das risadas das pessoas, percebi que todos estavam com *short* de banho, vestuário que, até então, eu não conhecia. Assim, iniciei oficialmente minha formação em Educação Física.

Na época, fui bastante criticado por ter escolhido um curso destoante das atividades bancárias. Consegui a transferência do BNB para a Capital, Salvador - BA, levando a família.

Em Salvador, em 1989, ampliei a minha prática de corrida, oferecendo meu trabalho voluntário de coordenação e aplicação de planilhas de treinamento para outros corredores. Desse impulso generoso, nasceu a Equipe Corpo Inteiro, composta por atletas identificados com corridas de rua. Era um espaço de convivência, treinamento e afetividade. A consciência corporal sempre foi uma meta a ser atingida pelo atleta, por isso existia um incentivo constante à reeducação alimentar, com prática da alimentação vegetariana. Nossos

momentos de socialização eram permeados de vivências culinárias, que aconteciam de forma itinerante na casa dos atletas.

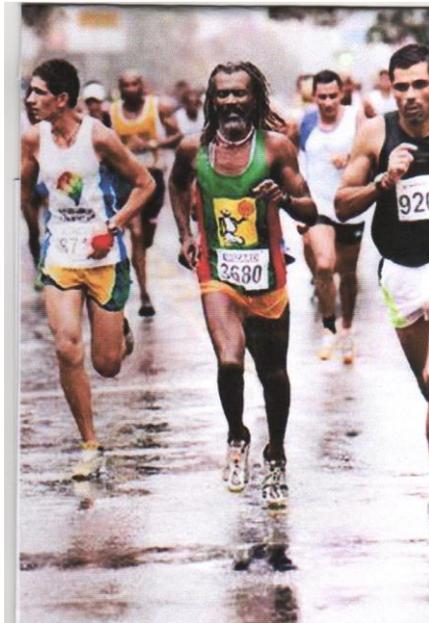
O viver em Salvador, locus da tradição e da cultura de matriz africana, onde respirei diuturnamente a religiosidade e os costumes da minha ancestralidade, me incentivou a aproximar da Mãe Constância e dos rituais do Terreiro. A preparação para as festas, o respeito aos *Òrìsà*, a irmandade exercida entre os Filhos e Filhas de Santo, o ambiente repleto de paz, os ensinamentos, a qualquer momento, passados pela *Ìyáloriṣa*, pela essência da sua oralidade, me encantavam a cada dia.

Nesse período, também conheci Jorge Conceição, escritor negro, com quem fiz uma parceria de pesquisa na temática “alimento e movimento”. Ele, um estudioso da Naturopatia, e eu um atleta vegetariano. Obtivemos bons resultados nos estudos e na prática da corrida, reconhecendo o corpo como território de saberes, emoções e sentimentos. O Jorge pertenceu ao MNU (Movimento Negro Unificado) e tivemos profundas discussões sobre a negritude e o Ser Negro afrodescendente. Com isso, a minha consciência racial foi crescendo. Nessa época, me apropriei do curador como massoterapeuta, aprendendo algumas técnicas ancestrais, trocando mensagens entre os colegas.

Minha vida acadêmica na Universidade Católica de Salvador foi muito ativa. A escola sempre foi tecnicista e valorizava mais o esporte *performance*. Formei uma equipe de corredores universitários e representamos a escola em várias competições esportivas, em especial na eliminatória estadual da São Silvestre. Durante todo o curso, representei, como atleta de atletismo, a Universidade nos JUBs (Jogos Universitários Brasileiros) e na Corrida Internacional de São Silvestre.

O Banco do Nordeste, sensibilizado com meus resultados, aprovou minha proposta de patrocínio junto ao Departamento de Divulgação e Promoção. Essa proposta consistia em duas horas diárias liberadas para treinamento, além de passagens aéreas e diárias para diversas competições em todo o Brasil, escolhidas por mim. A Corrida Internacional de São Silvestre, que acontece em São Paulo no final do ano, fui mais de 20 vezes com este patrocínio. Esse patrocínio gerou muita inveja e ciúmes dos colegas de trabalho, quando chegava comunicação da Direção Geral (Fortaleza - CE) autorizando minha participação na alusiva corrida.

Figura 07 – Norval (ao centro de camiseta verde) na Corrida Internacional de São Silvestre-São Paulo – SP-2005



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Nessa fase em Salvador, me aproximei da Capoeira Regional por intermédio do mestre Bamba, do mestre Vermelho 27, discípulo do Mestre Bimba. Tinha um costume dentro daquela academia (Associação Mestre Bimba Mestre Vermelho 27), localizada no centro histórico de Salvador - BA, Pelourinho, que, quando o aluno fazia algo errado (chegar atrasado, por exemplo) “pagava” com um litro de cachaça. Como vegetariano isso me incomodava; comecei a fazer cursos de culinária vegetariana lá no espaço de treinamento e consegui trocar a cachaça por melancia. Criei também a Corrida do Capoeirista que saía do Pelourinho passando pela Praça da Sé, Av. Chile, Praça Castro Alves, Rua Carlos Gomes e retornando pela Av. Sete de Setembro, com chegada em frente à Academia. Bons tempos!!!

O Banco do Nordeste, quando completou os 40 anos, na Administração do Dr. Jorge Lins, criou um grupo de trabalho com 15 funcionários de áreas diversas e eu fui selecionado para compor esse grupo com a função de fazer projetos e *links* com as federações estaduais dos diversos esportes. Esse grupo funcionava junto ao Gabinete da Presidência e tínhamos todas as regalias inerentes à Diretoria. Não me sentia bem naquele ambiente. Passava por mim um sentimento de traição junto à classe social da minha raiz. Fiz vários projetos envolvendo as modalidades de basquete, vôlei, natação, aplicados em várias capitais

do Nordeste. Foi a época em que mais viajei, sempre acompanhado com um colega do Departamento de *Marketing*.

Fiquei seis meses residindo em Fortaleza - CE, e, uma vez no mês, me deslocava para Salvador – BA, para conviver com minha família. Morei nessa época numa pousada no centro da cidade. Aluguei um quarto e comprei um fogareiro para fazer minha própria comida. Toda quarta, convidava vários amigos da pousada e degustávamos uma bela sopa de Inhame com gengibre. Era uma festa e eu me sentia feliz em estar doando um prato vegetariano. Hoje faço uma relação dessas quartas-feiras e do inhame com o *Amala de Xangô*. Nesse período, tinha tempo para estudos e treinamentos desportivos. Foi o ano em que mais fiz resultados nas corridas de longa distância, chegando a ser 5º geral na Maratona de Brasília, num percurso de 42.195 m, atingindo minha melhor marca com o tempo de 2 horas e 27 minutos.

Aproveitando minha estada em Fortaleza - CE, fui ao setor médico-social do Banco do Nordeste e fiz uma pesquisa sobre as patologias do bancário, detectando vários casos de cardiopatia, lombalgia, cialtagia, hérnia de disco, tensões neuromusculares generalizadas, sedentarismo, alcoolismo, tabagismo etc. De posse desses resultados, fiz um projeto que denominei de “Projeto de Consciência Corporal do funcionalismo do Banco do Nordeste”. Como o Banco tem a “cabeça” maior do que o “corpo”, pois a central, localizada no Bairro Passaré (Centro Administrativo Dr. Camillo Callazans), tem mais funcionários do que a soma de todos existentes nas agências, o projeto foi aprovado para ser executado nesse Centro. Aceitei a proposta.

Inicia-se uma nova etapa da minha vida, quando, aos 36 anos, materializei a transferência do BNB para Fortaleza, trazendo toda a família. Mudar de lugar, para mim, é um ato tranquilo, em função das inúmeras mudanças que vivi ao longo da minha vida sendo filho de uma funcionária pública de um cargo itinerante.

Toda mudança, entretanto, perpassa uma morte e um renascimento. Antes de deixar Salvador – BA, fiz uma reunião com todos os corredores da Equipe Corpo Inteiro, e sugeri o nome do Jaime, que era atleta e estudante de Educação Física, para assumir a Coordenação. A proposta foi aceita e comemoramos com uma grande festa de despedida e celebração dessa nova gestão mais autônoma da Equipe. Até hoje mantemos contatos e sempre que vou a Salvador - BA treino junto com eles.

Outro ciclo que completei, saindo de Salvador – BA, foi o de capoeirista do Grupo de Capoeira Regional da Academia de Mestre Bimba Mestre Vermelho 27, sob o comando do Mestre Bamba.

No Ceará, participei de várias competições, obtendo o resultado de campeão geral em todas elas, tanto nas que aconteciam na capital como no interior, por uns quatro anos. Com tal *performance*, foi orgânica a aproximação dos atletas, levando-me a montar em Fortaleza - CE uma extensão da Equipe Corpo Inteiro. Chegamos a ter uma equipe com 37 competidores. Mantive os princípios da “Corpo Inteiro”. Usava muito, às terças e quintas feiras, a pista de atletismo do Campus da UFC no Pici, para trabalhos intervalados. A nossa equipe criou o hábito de alongamento coletivo, inclusive com a participação de outras equipes sempre no final das competições. Era um momento de aproximação e interatividade dos diversos atletas, pois observo que o espírito competitivo cria um reducionismo e resulta em guetos separados por equipes. Hoje, com a febre das consultorias esportivas, esse fato fica mais visível. Presenciei isso na 11ª Maratona de Fortaleza - CE, que aconteceu no dia 07 de julho de 2013.

Figura 08 – Norval, 2º da esquerda para a direita com a Equipe Corpo Inteiro em São Paulo-SP participando da Corrida Internacional de São Silvestre-2005



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Em meados de 1994, os Mercadinhos São Luiz fizeram um concurso para professor de Educação Física, visando a dar aula aos seus clientes das lojas do Parque do Cocó e do Parque Parreão. Fui aprovado e apresentei um projeto de consciência corporal que foi aceito de imediato pela Diretoria. O contrato foi de um ano. As aulas eram animadas e bem concorridas. O público era eclético. Mais mulheres do que homens, das mais diversas classes sociais. Além dos movimentos reptinianos, tínhamos um momento em que eu aplicava a dança africana. Aproveitava também para passar a cultura de matriz africana. Eu estimulava

à autogestão. Eles formaram equipes que preparavam os lanches, outras, os passeios, outras, os aniversários. Era uma extensão do “Espaço Tempo Livre”. Existia também um intercâmbio com a Equipe Corpo Inteiro. As aulas aconteciam as segundas, quartas e sextas-feiras no Parque do Cocó, com aproximadamente 30 a 50 participantes e as terças, quintas e sábados, no Parque Parreão, com umas dez pessoas; sempre no horário das 07 h às 08 h.

No ano seguinte, terminado o contrato, fui convidado para continuar com o patrocínio da *Ativa* (linha de produtos naturais). Depois, a Diretoria dos Mercadinhos São Luís me propôs um patrocínio da *Coca-Cola*. Não aceitei, justificando que era incoerência com a filosofia que aplicava nos dois grupos. Agradei e decidi manter os grupos por conta própria. Essa atitude foi aplaudida, posteriormente, pelo Diretor Geral da organização, levando-o a ser meu cliente. Após dois anos, por iniciativa dos grupos, foi estipulada uma taxa de contribuição mensal que é mantida até hoje.

Houve nesse período, mantido por monitores do Tempo Livre (Maria do Desterro e Liliane), um grupo no Lago Jacarey, que funcionou durante dez anos, as terças e quintas, das 06h30min às 07h30min.

Figura 09 – Norval facilitando aula no Grupo do Parque do Cocó em Fortaleza – CE-



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Visitar outros países fazia parte dos meus sonhos. Como afrodescendente, o primeiro lugar a ser visitado seria no continente Africano. Em 1994, tirei o passaporte e, em setembro deste ano, iniciei minha viagem internacional e embarquei no Rio de Janeiro para Angola. No embarque, um grupo de angolanos me pediu para levar duas trouxas enormes de roupa. Aceitei, mesmo sabendo que poderia ter drogas ou contrabando de material. A chegada

em Angola foi por volta das 5 h da manhã, céu vermelho, sol nascendo. Pisar em solo africano me fez sentir voltando para minhas raízes ancestrais. Respirei e agradei. Angola estava em final de guerra civil. O aeroporto estava cheio de militares. Fui abordado por um deles, levando-me para uma sala e exigindo, em ásperos tons militares, para que eu abrisse minha sacola, do tipo esportivo. Atendi ao pedido dele e foi engraçado quando ele perguntou, desconfiado, o que era a granola. Tive que explicar em detalhes. Fui liberado e, ao desembarcar, estava sendo aguardado por um grupo de angolanos que esperava as trouxas de roupa. Não conhecia ninguém em Angola. Sem reservas de hotel, acreditei no destino, e terminei ficando na casa de Antônio, um dos que fazia parte do grupo que estava me esperando. Fiquei muito triste com a destruição de Luanda, da presença colonialista de americanos e europeus e da construtora *Odebrech* construindo lá uma grande barragem. Fiz vários contatos com atletas, visitei o porto onde nossos irmãos africanos eram embarcados como escravos para o Brasil. Foi um momento de muita emoção e tristeza, me remeteu ao documentário “Atlântico Negro”, do Verger, que trata do tráfico de negros africanos para o Brasil.

Em São Tomé e Príncipe, a princípio, não conhecia ninguém. Hospedei-me numa pousada simples. No dia seguinte, saí de *short* e camiseta, correndo pelos arredores da cidade e entrei numa mata. Vinha, em sentido contrário, um corredor negro, cruzou comigo, trocamos olhares, paramos, voltamos um ao encontro do outro e ele perguntou: “Você é de onde?”, ao que respondi: “Brasil”. Ele ficou eufórico e disse: “Brasil!!... Meu irmão!... vamos lá para casa”. Fomos juntos, correndo (e naquele momento como foi forte a linguagem corporal pela corrida, que é uma atitude ancestral). Fiquei uma semana na casa dele, o Daniel, e a cada dia chegavam vários visitantes para me ver e todos, sem exceção, traziam algum presente (banana, manga, abóbora, raiz de inhame chamada matabala etc.) e eu retribuía com rapadura, castanhas, amendoim.

Nas tardes, íamos dançar numa boate que abria suas portas às 16 h e fechava às 20 h, pois as jovens não podiam chegar as suas casas tarde da noite. Também mergulhei muito por lá, pois a calma da costa africana deixa o mar com águas cristalinas, com visibilidade de até 30 metros. Satisfeito e alegre com a amizade feita com o Daniel, ao partir, presenteei-o com a minha máscara de mergulho e o *snooker*.

Figura 10 – Norval e Daniel (nativo) numa das praias de São Tomé e Príncipe – África- ano1994



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Vivenciei uma cena muito emocionante durante um ritual em memória de um massacre de africanos numa determinada praia lá em São Tomé e Príncipe. Ela estava cheia de pessoas, vários grupos tocando seus atabaques e cantando. Cheguei com o Daniel e mais uns cinco amigos, e todos colocaram suas respectivas sacolas na areia da praia. Fiz o mesmo. Distanciamos-nos do local para ver os detalhes dos rituais, tomar banho de mar e, quando voltamos, as sacolas estavam intactas. Falei com o Daniel que, no Brasil, se deixarmos a sacola na praia, ela é roubada. Assustado, ele perguntou: “Pessoa pega sacola de outra pessoa?”, respondi: “Sim”. Voltei para o Brasil com a convicção de que iria trabalhar com cultura negra, com a missão de propagar e me apropriar mais da matriz africana.

Em 1996, a conjuntura nacional no governo do Fernando Henrique Cardoso apontava para as privatizações das estatais, e o BNB não escapou dessas influências. Um clima de terror foi criado no Banco, freando os projetos humanistas, consequentemente abortando o meu projeto de Consciência Corporal para os Funcionários do BNB. Por isso, minha atuação ficou restrita a aulas nos Programas de Desenvolvimento de Gestores. Após um atrito com o Chefe de Recursos Humanos, recebi um ato de transferência para Juazeiro-BA. Refleti sobre minha trajetória no BNB e percebi que, na estrutura formal do Banco, conseguia fazer um trabalho diferenciado, sempre acrescentando os meus valores e saberes e,

nesse momento, diante da transferência, resolvi ousar por um trabalho autônomo que já vinha exercendo em paralelo ao trabalho institucional, saindo do BNB. Agradeço pelos meus 20 anos no BNB, que contribuíram para minha sustentabilidade, dando condições para fazer meus trabalhos voluntários, meus estudos, bem como me capacitou para ter olhares diferenciados como terapeuta corporal.

Nesse mesmo período, Rosa e eu nos separamos, e montei o Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana. Era uma casa formal, com seis ambientes, um jardim, uma garagem e um quintal. Durante o dia, fazia os atendimentos aos diversos clientes e, à noite, se transformava em minha residência. Investi parte do dinheiro recebido do Banco num terreno com a intenção de fazer um espaço com estilo africano.

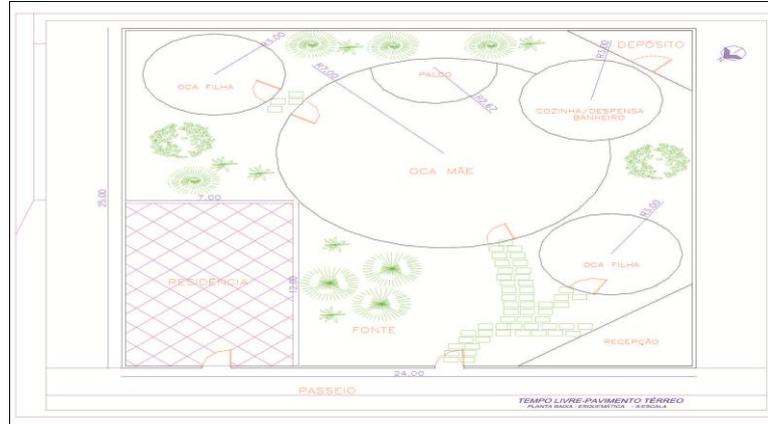
Nasceu em 26 de julho de 1998 a minha quarta filha, a Raiza, de um relacionamento com a Maryvone, que durou sete anos. Construimos juntos, com a ajuda dos atletas da Equipe Corpo Inteiro, a nova sede do Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana, aqui em Fortaleza - CE.

Figura 11 – Fachada do Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana em Fortaleza – CE



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Figura 12 - Tempo Livre – Pavimento térreo – Planta baixa esquemática.



O espaço se destaca das outras casas da vizinhança pela sua arquitetura ganense. Logo na frente, temos um muro de carnaúba com um grande portão com uma imagem cravada na madeira de *Şàngó*, inspirada numa obra do artista plástico baiano chamado Caribé. Nesse portão, tem uma corda de ancora de navio, a 1,2 m de altura, de um lado para o outro, levando a quem entrar curvar-se em reverência ao *Òrìsà* da Casa. No jardim, tem uma linda fonte com duas pedras enormes simbolizando o *Şàngó* da Casa. Na recepção, há uma espiral da ancestralidade africana. Na esquerda, existe uma oca com pedras vulcânicas cravadas no solo para vivências de reflexologia plantar, um gabinete antropométrico e uma estante com minhas medalhas e troféus. Na parte superior, um santuário de *Şàngó*, onde funciona a sala de massoterapia. Caminhando para o centro do terreno, encontramos a oca mãe, com um diâmetro de 15 m, uma cozinha semi-industrial, uma despensa, um minipalco. O sanitário fica ao lado da oca mãe com uma bacia turca e, do outro lado, mais uma oca onde funcionam um escritório e a biblioteca. Temos também dois lindos cães: o *pitbull* Bob e o *dálmata* Luck, guardião da casa.

A materialização do Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana levou-me a um amadurecimento e reconhecimento profissionais junto à comunidade cearense e Estados do Nordeste. Houve também uma aproximação com as empresas privadas e órgãos públicos, inclusive as universidades.

Pelo fato de a Casa ter se transformado em uma das referências da cultura de matriz africana no Brasil, para minha surpresa, o filósofo e pesquisador Eduardo Oliveira me procurou, propondo fazer a sua pesquisa de doutorado, pois perpassava pela etnografia e pelo corpo, trabalho este que gerou o seu livro intitulado “Filosofia da Ancestralidade”. Foi muito

importante para mim a convivência de mais de três anos com o Eduardo, pois, além da amizade, ressignifiquei meu olhar da academia como agente de mudança.

Como locus de pesquisa, realizou-se na oca mãe, além da defesa do Eduardo Oliveira, a defesa de minha dissertação de mestrado e da Rebeca. Ministraram cursos, seminários e aulas no Tempo Livre o Professor Doutor Henrique Cunha Junior, Dra. Sandra Petit, Professor Mestre Francisco Parente, Mestre Moraes (GCAP – Salvador – BA), Mestre José Carlos, (Rio de Janeiro – RJ), estilista e *design* afro Negra Joh (Salvador – BA). O Tempo Livre tem íntimas relações com o movimento negro cearense, com ONGs, associações de bairros, universidades e escolas das redes municipal e estadual.

Figura 13 – Seminário proferido pelo Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior no Tempo Livre



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

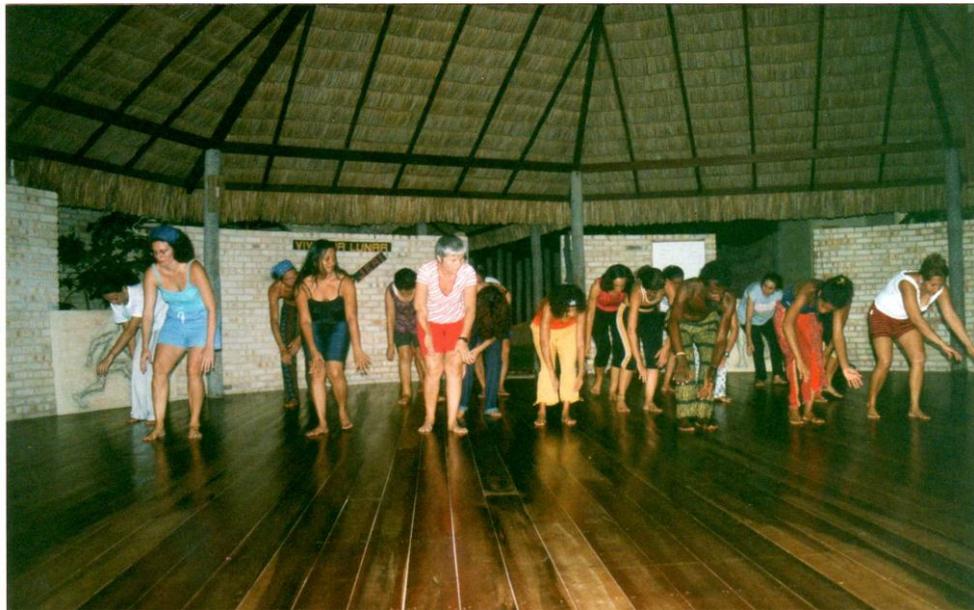
O Tempo Livre tem seu Calendário de Atividades Anuais. Toda sexta-feira, a casa dança o afro e sua diáspora. A culinária vegetariana com tendência afro-oriental é cultuada nas vivências bimestrais, nas quais cozinhamos juntos e, depois, sentados no lindo piso de tabuado, com 15 m de diâmetro, agradecemos e degustamos o que foi construído em conjunto. Os pratos são lavados pelos participantes que, ao saírem, levam as receitas do dia.

Figura 14 – Vivência Culinária no Tempo Livre



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Figura 15 – Dança Africana no Tempo Livre



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

O GCAP – Grupo de Capoeira Angola Pelourinho de Fortaleza – CE, foi fundado em 2005, no Tempo Livre, pelo Mestre Moraes. O Tempo Livre sempre foi locus de rodas de capoeira angola.

Figura 16 – De cócoras, Mestre Zé Carlos e Norval numa Roda de Capoeira Angola no Tempo Livre-2009



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

O Professor Armando Leão comandava o grupo de Capoeira Angola da Casa e, num dos eventos, ele levou a *Ìyáloriṣa* Mãe Valéria de Logun Ede. Fui apresentado a Ela e convidado a visitar o seu Terreiro. Começava aí meu retorno à religiosidade africana. Fiz o jogo de búzios. *Ṣàngó* respondendo. Comecei a frequentar a casa, indo toda quarta-feira para o ritual do *Àmàlà* de *Ṣàngó*. Fui me envolvendo, fiquei responsável pelo mel, pelo dendê, pela farinha de eco (milho branco) e pelo quiabo usado no *Àmàlà*.

Numa certa quarta-feira, a minha Mãe de Santo incorporou e, no barracão, ao som dos atabaques, fui chamado pelo seu *Òrìsà*, *Ològúnede* de *Ogã*. Foi um grito forte, dado pelo *Òrìsà* e que me assustou, pois estava sentado numa cadeira, relaxado, despreocupado, ouvindo os cânticos do ritual do *Àmàlà*. Imediatamente, dois *Ogã*, segurando nas laterais da cadeira, literalmente me suspenderam e demos três voltas no barracão, caracterizando, assim, minha suspensão. Foi forte esse momento para mim! Fiquei muito emocionado. Esse ritual é feito com qualquer *Ogã*, como preparativo para a sua feitura. Fomos logo depois para a Sala de Jogo, onde os búzios confirmaram minha feitura de *Ogã Sarapembê* do Terreiro Ilé Axé Omo Tifé, cargo que ocupo até hoje. Tem como principal função resolver todos os problemas da rua, ou seja, no moderno, um “relações públicas” do Terreiro.

Como a forma de funcionamento de uma “Roça” não é mecânica e muito menos cartesiana, sempre fui chamado para participar de outros rituais reservados só para os iniciados que acontecem dentro da casa (matanças, feitura, osés etc). Era minha obrigação levar a Mãe de Santo para alguns eventos na cidade. Fazia isso com todo prazer, sentindo um

dos seus guardiões. Sempre existiu uma confiança mútua. Conversávamos muito, Eu almoçava, jantava, dormia no Terreiro e, nesse convívio, a educação oral acontecia dentro de um fluxo natural, ecológico, sem esforços. Acompanhava todo o movimento da Casa, as articulações da Mãe de Santo com outros Terreiros, com seus Filhos de Santo ausentes e com seus filhos e netos biológicos, pois ela é uma verdadeira mãe.

Figura 17 – *Ìyáloriṣa* Mãe Valeria de Logun Ede preparando para minha feitura. Serra de Pacatuba – CE-2005



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

O processo iniciático é uma oportunidade de autoconhecimento, excelente recurso de humanização. A minha feitura de *Ogã* aconteceu num rio, por volta das 4 h da manhã. Esse ritual é um profundo renascimento (por orientação da Mãe de Santo, deixo de relatar os detalhes do referido ritual). Depois, foi feita a oferenda de um carneiro para meu *Òrìṣà* de cabeça, *Ṣàngó*. Fiquei sete dias de reclusão no Ronco (quarto reservado para os iniciados na feitura), em silêncio, só comunicando com minha Mãe de Santo e o meu Pai Pequeno, o Alaim (Filho de Santo de *Yèmonjá*, do Terreiro). Esses dias foram reflexivos pelo tempo de silêncio, em que ficava em conversa comigo mesmo, além dos pequenos momentos, que pareciam longos, com a Mãe de Santo trazendo palavras profundas da religiosidade africana e da ancestralidade.

Após sete dias, foi feita a festa, o Candomblé, bastante concorrido, pois mandei convidar todos os que trabalhavam comigo no Tempo Livre. Foi uma experiência inédita, pois sabia que todos os meus amigos e amigas, inclusive meus filhos (Rono e Raiza), estavam ali, mas o ritual não me permitia nem olhar, nem tocar, nem falar, nem ser tocado. Continuava no meu espaço de silêncio. Fiquei emocionado durante todo o ritual do Candomblé. Logo após o ritual, fui recolhido ao Ronco, não participando dos comes e bebes da comemoração, pois

estava entrando no preceito da feitura. A comida servida naquela noite teve uma novidade: pratos vegetarianos e suco de melancia com gengibre. Estava, assim, inaugurada outra fase no Terreiro, onde a alimentação vegetariana era apresentada, ofertada e bem aceita pelos adeptos do Candomblé. Essa novidade teve total apoio da Mãe de Santo, que já tinha familiaridade e respeito com esse tipo de alimentação.

Nos 21 dias de preceito, fiquei usando um *Kélé*, colar que ficaria comigo até o último dia do resguardo. No primeiro dia, já podia transitar nos ambientes do Terreiro. Junto com a Mãe de Santo, fui lavar toda a roupa usada pelos Filhos de Santo na festa do dia anterior. Nunca lavei tanta roupa na minha vida!!! Passei sete dias dentro da “Roça” fazendo, a cada dia, todas as obrigações exigidas num Terreiro, e todo dia tem alguma coisa para ser feita.

Com autorização da Mãe de Santo, no oitavo dia, pedi liberação para fazer algumas atividades profissionais, sabendo que não podia fazer todas as tarefas do meu cotidiano, pois estava com o *Kélé*, agora coberto com um pano branco (pois não pode ser visto por pessoas não ligadas à Casa) e fui fazer alguns atendimentos. Foi um pouco complicado, pois não podia tocar e nem ser tocado por ninguém, nem meus filhos biológicos. Consegui administrar essa situação e chegou o dia da “Queda do *Kélé*”, ritual feito no Quarto de Santo de *Şàngó*, pela Mãe de Santo. Profundamente lindo e simbólico. Estava ali o *Ogã*, preparado para exercer suas funções junto ao Terreiro e à sua Mãe de Santo. Até hoje mantenho minhas obrigações junto à Casa.

O convívio com o cotidiano do Terreiro e seus adeptos me levou a observar os corpos e seus movimentos. Percebi que o sedentarismo sempre permeou entre os Filhos dos *Òrisà*. O movimento corporal só era visível quando eles estavam incorporados. Outra observação que faço é sobre o excesso de alimento ingerido, nas refeições do terreiro, principalmente quando este está em função, gerando assim alguns corpos obesos.

Chegou o ano 2006, ano par e, como todo ano par, o Tempo Livre sempre executa o Projeto 100 dias de Frutas, em que os clientes são chamados para ficar comendo só frutas por 1, 2, 3, 5, 7, 10, 15... dias, enfim, o quanto eles sustentarem, e, nesses 12 anos de existência do projeto, apenas três clientes conseguiram completar os 100 dias só comendo frutas. É uma experiência forte, baseada nos princípios da Naturologia, em especial a Trofologia, onde temos capítulos que dissertam sobre o crudivorismo e o frugivorismo. Sempre fiz esse processo, tranquilo e com bons resultados ligados a limpeza e potencialização do corpo.

O ano de 2006 também foi o dos meus 50 anos de idade e, como um ativista que adora desafios, fiz a pergunta a mim mesmo: “O que posso fazer de radical para registrar meus 50 anos?”. E, após algumas reflexões que sempre faço quando estou correndo e as intuições aparecem após os 10 km, chegou a proposta de fazer o percurso de Fortaleza – CE até Lençóis – BA, minha terra natal, de bicicleta. Massa! Fiquei satisfeito com a ideia. Então, fui me preparando, fiz um projeto de patrocínio que apresentei ao BNB. Tinha como meta passar por várias cidades onde o Banco tinha agência e aplicar uma palestra sobre qualidade de vida junto aos funcionários e clientes. O projeto foi aprovado no Departamento de *Marketing*, mas reprovado pelo setor de Auditoria, pois tenho uma causa jurídica junto ao BNB. Mesmo assim, dei continuidade, com recursos próprios, à minha proposta. Em 10 de abril de 2006, completei meus 100 dias (só me alimentando de frutas), daí, com a decisão de efetuar o desafio da viagem interestadual, de bicicleta, comemorando meu aniversário no dia 13 de maio, alonguei por mais 30 dias a ingestão de frutas, pois achei uma boa oportunidade para testar as minhas respostas neuromusculares e cardiorrespiratórias fazendo o percurso após 130 dias só ingerindo frutas. Foi um sucesso!

Figura 18 – Filhos de Norval, amigos e Equipe Corpo Inteiro, nas Tapioqueiras – Fortaleza – CE, no momento de saída, de bicicleta, para Lençóis – BA-2006



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Figura 19 – Norval no momento de saída de Fortaleza – CE para Lençóis – BA, de bicicleta-2006



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Fiquei 12 dias nas estradas, na minha própria companhia, mergulhado no silêncio que me levava a uma profunda comunicação comigo mesmo e a experiência de estar convivendo com o sol, a lua, as árvores, os pássaros, as lagoas, os rios, os carros, os pedestres e os moradores dos vilarejos percorridos. As interações sociais aconteciam com os frentistas dos postos onde parava para dormir que, admirados com meu projeto, queriam me escutar, então fazíamos uma roda de conversa onde eu falava sobre o meu projeto dos 50 anos. Fiz um percurso passando por cidades onde morei e era emocionante o reencontro com velhos amigos da adolescência.

Em Irecê – BA, fui recebido por 25 ciclistas (meu irmão Valdir é ciclista morador da cidade), faltando 30 km para chegar ao centro da cidade. Foi uma surpresa que se completou quando 15 deles falaram que iriam me acompanhar na última etapa do percurso que foi de Irecê – BA até Lençóis – BA.

Figura 20 – Norval, 2º da esquerda para a direita, com ciclista em Irecê – BA-2006



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Dormi na casa do meu irmão e, por volta das 6 h da manhã, partimos. Foi divertido ter essa companhia nesses últimos 200 km. Foi um retorno aos tempos de adolescente, quando fiz esse mesmo percurso, com uma motocicleta alemã, marca *Jawa*, do meu querido papai. Passamos pelas cidades de Lapão, Ibititá, Canarana, Souto Soares, Iraquara, entroncamento da Carne Assada (não como carne) e entramos na lindíssima Chapada Diamantina, com suas belas paisagens ecológicas (Morro do Pai Inácio, Morro do Camelo, Mucugezinho etc). Chegamos ao entardecer no Hotel do Parque, que fica às margens do rio Santo Antônio, a um quilômetro da cidade. Nós ciclistas fomos recepcionados pelo meu pai, irmãos e dois dos meus filhos (Rono e Raiza), além da equipe do Tempo Livre. Fizemos uma grande festa e quebrei meu jejum de frutas com uma deliciosa sopa de inhame com gengibre e azeite de oliva, satisfeito e feliz por ter completado o percurso de 1.700 km em 12 dias.

A poesia que segue abaixo foi construída durante o percurso:

A ESTRADA

Norval Cruz

O belo das árvores

O cantar dos periquitos

O coaxar das rãs

A estrada

Ogum, Exu

Xangô, Oxossi, Tempo

Meus guias e protetores

A estrada

O negro

O ancestral

O homem

A estrada

O vento

Os urubus

As cabras

A estrada

A chuva

A saudade de Você

O cheiro de mato

A estrada

O perigo

O medo

O prazer

A estrada

*A mulher com o bebê enrolado na manta
azul*

O cheiro de neném

O desejo de ser pai novamente

A estrada

*A briga por espaços entre a bicicleta e os
caminhões*

O susto

A morte

A estrada

Os gritos

A liberdade

O sorriso nos lábios

A estrada

O silêncio

A mente quase vazia

A solidão

A estrada

O significado de tudo isso?

Não sei

Eu quero... eu vou

A estrada

O corpo cansado

O corpo forte

De onde vem esta força?

A estrada

Frutas... frutas

Glicose e frutose

Confirmações e surpresas energéticas

A estrada

Abacate e mamão

Banana e mel

Suco de jenipapo... pura energia

A estrada

Suco de cacau

Suco de maracujá verde

Suco de laranja

A estrada

Oxigênio, luz

Movimentos aeróbicos

Resistência sem limite

A estrada

Tanta terra

Muitas terras devolutas

Poucos têm terra

A estrada

500 km rodados

Alegria... corpo tranquilo

Segurança e potência

A estrada

Vou rodar o mundo

África, Caribe, Austrália

Rússia, Europa

A estrada

O desejo de estar com amigos

Familiares e clientes

Nesse longo passeio

A estrada

Parada, borboletas voando

Relaxamento... peço licença

Pego algumas borboletas no chão

A estrada

Silêncio

O tempo para

Sinto outro tempo

A estrada

Espaços

Imensidão verde

Espiritualidade viva

Oxossi

A estrada

1.000 km rodados

O que o corpo pode?

Não sei

A estrada

Borboletas, leveza, liberdade

Mil borboletas... integração

Pretas, vermelhas, amarelas, brancas

A estrada

A estrada deserta

Um vulto... um animal

Uma onça?...não! um cachorro (ufa)

A estrada

Carlinhos, Lenice

Fabio, Flavio Henrique

Demóstenes, Neto

A estrada

Negra jhô, Mestre Bamba

Mestre Zambi, Tamarindo

Marinheiro e Orelha

A estrada

A Ancestralidade Africana

Mãe Valeria, Henrique Cunha, Duda

Sandra, Kabengelê

A estrada

Mestre Morais

Armandinho

O GCAP

A estrada

O cansaço,

A parada

O relaxamento com os movimentos da

Capoeira Angola

A estrada

O grupo do Parque do Coco

O grupo do Parreão

O grupo do Lago Jacarey

A estrada

Claudia Guilherme, Lucia Cidrão

João, Maia, Façanha

Ana Fiúza

A estrada

Quero comer

Abacate com mel

Mamão com banana

A estrada

Suco de jenipapo com mel

Reidratante, recuperador

Prazer

A estrada

Castanhas do Pará

Bananas secas

Limão com água

A estrada

A estrada... o sol das doze horas

O grande lago, água parada

*Pequenas ondas feitas com a suavidade do
vento*

Tiro a roupa... banho refrescante

A estrada

As jegas

A lembrança do sexo com as jegas

O prazer escondido

A estrada

A paciência

A ansiedade

As nádegas doendo na sela

A estrada

Os eternos aclives

A lentidão

O esforço

A estrada

*Meus filhos (Rosana, Vinicius, Rono,
Raiza)*

*Os suportes da Casa (Dite, Valeria,
Fatinha, Ana Paula, Bel)*

*A Corpo Inteiro (Maia, Valdemar, Lopes,
Jeová, Lucia, Jacira...)*

A estrada

*As decepções com a ausência de
patrocínio*

A vontade de materializar o projeto

Eu vou

A estrada

*Os contatos telefônicos com Dite, Bel,
Valeria, Raiza, Meyre, Fatinha*

Compromissos... falta de grana

Os intermináveis pagamentos

A estrada

O Tempo Livre

A Dança Africana

A Ancestralidade Africana apresentada

A estrada

O homem sozinho

O solteiro

Os cinquenta anos bem vividos

A estrada

Raiza doente

Valeria e Fatinha doentes

Acreditando na recuperação

A estrada

A estrada interminável

A estrada sem fim

A estrada deserta... urubus no

céu...Django

A estrada

A estrada representando a vida

Bela e feia

Prazerosa e perigosa

Reta e sinuosa

A estrada

Estou exausto

Quero chegar em Feira de Santana

Luzes... UEFS... meu Pai, Dida, minhas

sobrinhas... Tasso

A estrada

Aclives e declives

Mira Serra (4 km de aclive)

Respiro... sigo... conluo

A estrada

Morro do Chapéu

Saudades, amigos

Agora até com favelas

A estrada

Senhor Arnô

Zé, Gorete,

Letícia e Ieda

A estrada

Lembranças do São João

Das fogueiras em pé

Das espadas e do Cavalo Preto
A estrada

O Poço do Homem
O deboche entre homens e mulheres
Tudo grande, agora pequeno
A estrada

1.500 km rodados
Sentimento de realização
O que o corpo pode?
A estrada

Seis horas da manhã
Irecê a Lençóis
Última etapa... 200 km... prazer
A estrada

Por do sol
Lua saindo... cheia
Chapada Diamantina... Morro do Pai
Inácio
A estrada

Última subida
Respiro... respiro... chegando
Frio e calor... brisa
A estrada

Gritos dos ciclistas
Declives perigosos
Bicicletas a 60 km/h
A estrada

Escuridão da estrada
Clarão dos faróis dos carros
Tasso no carro por trás
A estrada

Os gritos
Os fogos
A buzina do carro
Os familiares e amigos
A chegada
A estrada

O retorno, a retrospectiva
O prazer
O sonho materializado
A estrada
O que fazer nos 100 anos?
Onde estarei nos meus 100 anos?
Como estará o meu corpo?
100 anos de prevenção
O que o corpo pode?
A estrada
A VIDA... VIVA INTENSAMENTE A
VIDA!!!!!!!!!!

No dia seguinte, 14 de maio de 2006, o grupo de ciclistas retornou para Irecê e meu corpo ficou com uma vontade imensa de retornar com eles. Retornei para Fortaleza de carro e me senti estranho, dirigindo a altas velocidades. A casa voltou às atividades normais.

Nas sessões de dança africana que aconteciam às sextas-feiras, sempre era abordado pela Prof. dra. Sandra Petit, que dizia que minha abordagem tinha tudo a ver com a Metodologia da Sociopoética e se colocou à disposição para ser minha orientadora no Mestrado. Fiz o projeto, passei na seleção. A dissertação teve como título: “Consciência Corporal e Ancestralidade Africana – Conceitos Sociopoéticos produzidos por Povos de Santo”. Organicamente, levamos a defesa para o Tempo Livre, local onde se respira a cultura de matriz africana. Foi uma defesa especial. Comecei fazendo um solo de dança, depois entrou a Negra Joh, do Ile Aye de Salvador – BA, dançando comigo e, finalmente, a banca e todos os ouvintes. Foi um momento muito emocionante para mim, inclusive com a presença de todos os meus familiares.

Logo após a defesa do mestrado, em março de 2008, mais uma vez incentivado pela Dra. Sandra Petit, fiz todo o processo para entrar no doutorado. Fui aprovado e continuei sob sua orientação por dois anos. Depois, houve alguns fatos que me levaram a mudar de orientador, escolhendo o Dr. Gerardo Vasconcelos, e, conseqüentemente, fui transferido para o núcleo de História e Memória.

As atividades com a Equipe Corpo Inteiro eram mantidas com os treinamentos nas dunas de Sabiaguaba, nas serras de Pacatuba e Maranguape, nos parques do Cocó, do Rio Branco e na Praia do Futuro. As atletas Lúcia e Zilma começaram a fazer a prova do triathlon, o que me incentivou a treinar essa nova modalidade. Aprofundei os treinamentos, chegando a ser classificado numa eliminatória ocorrida em João Pessoa – PB, me credenciando a compor a Seleção Brasileira que iria participar do campeonato mundial de triathlon, em Funchal – Portugal. Foi uma experiência fenomenal para mim.

Paralelo às atividades atléticas, criei as vivências lunares para homens, mulheres e mistas, que acontecem no período da lua cheia. O ritual é realizado a partir das 21 h em áreas isoladas da Capital, envolvendo dunas, trilhas e lagoas, em total silêncio. A vivência tem duração de aproximadamente três horas. No final, após todos compartilharem a experiência, chupamos uma deliciosa melancia.

Ainda baseado nesse princípio, faço, uma vez no ano, esta vivência no percurso entre as cidades de Jijoca – CE até a praia de Jericoacoara – CE, incluindo um ritual em volta de uma fogueira, invocando o arquétipo do guerreiro e o ritual do inhame no pilão. A caminhada tem a duração de 5 horas, começando por volta das 23h30min e terminando às 5 h. Essas vivências têm um grande poder de transformação e é comum algumas pessoas falarem: “meus olhares para a vida mudaram depois da vivência lunar”.

Em 2010, de um relacionamento com a Carol, nasce meu quinto filho, o João Cândido, nome dado em homenagem ao grande Almirante Negro, que dirigiu a Revolta da Chibata, no Rio de Janeiro – RJ.

Em novembro de 2011, durante o evento “Memórias do Baobá”, lancei, no Passeio Público, meu primeiro livro, intitulado: “Consciência Corporal e Ancestralidade Africana”, pela Editora Fundação Demócrito Rocha. Foi um lindo ritual, com a presença da minha Mãe de Santo e minha família do Terreiro. Arriamos o *Àmàlà* no pé do Baobá existente no Passeio Público.

Figura 21 – Arreamento do *Àmàlà* no pé do Baobá, por Norval, durante o lançamento do Livro: “Consciência Corporal e Ancestralidade Africana” – Passeio Público – Fortaleza – CE-2011



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Lendo o livro “Viver de Luz”, da australiana Jasmuheen, fiquei interessado em fazer o processo de limpeza corporal e espiritual durante 21 dias, sendo sete dias sem ingestão (nem água), mais sete dias somente com água e mais sete dias com sucos. No Recife - PE, participando de um curso de Parteiras, encontrei o Luiz, que me incentivou a fazer o referido processo. Como já estava previsto dar minha obrigação de um e três anos no Terreiro, e tinha que ficar 21 dias no preceito, resolvi unir o útil ao agradável. O ritual da obrigação é um pouco parecido com a feitura. Foi providencial e, para não ficar no Roncó, nos primeiros sete dias, negocie com a minha Mãe de Santo para fazer esse momento lá em Guaramiranga, no sitio Ingá, da Nileen (gratidão, Ileen!). A Mãe de Santo concordou. Fiz todos os preparativos, seguindo à risca as orientações contidas no livro. Sentia-me tranquilo e confiante, por ter feito já mais de seis vezes o processo dos 100 dias de frutas, mas confesso que estava um pouco receoso sobre as consequências colaterais no corpo nos primeiros sete dias em total jejum, inclusive sem água.

Fui levado pelo meu filho Rono para o sítio Ingá onde fui recebido pelo Sérgio, com muito carinho. Ele compartilhou comigo o fato de que tinha acompanhado o Flávio Bonbonato no mesmo processo no ano anterior. Fiquei num chalé privilegiado com lareira e banheira. Levei comigo 60 litros de água. Todos consumidos no processo. Fiz um altar com a foto de um griot nigeriano, minhas contas de *Şàngó*, *Oşala*, *Ològúnede*, *Yàsán* e três velas de sete dias, acesas durante todo o processo. A autora do livro orienta a ficar quieto, evitar ações do seu cotidiano, mas não consegui, pois toda manhã fazia meus alongamentos e dava uma caminhada pelo sítio, lindíssimo, com um mirante para o complexo de serras do lado de Canindé.

Outra paisagem bela e que me trazia muita calma era o lado do pico alto, apesar das torres de telefonia instaladas no local, demonstrando, como sempre, a invasão do ser humano com seu espírito dominador. Pela manhã, após as dez horas, sempre tomava meu banho de sol deitado na grama em volta de lindas árvores floridas. Esses momentos foram providenciais para minhas meditações e desaceleração dos ritmos impostos pelo modelo de gestão nessa Pós-Modernidade. À noite, buscava um relaxamento usando água morna da banheira. Eram momentos de calma nunca antes vivenciados.

Acessei lugares lindos de respeito a mim mesmo, me apropriei do primeiro princípio da ancestralidade africana: o “Cuida-te”, e fiz um compromisso comigo mesmo para ser mais tolerante, incorporar a aceitação como filosofia de vida e não ser canal de estímulo para machucar o “coração” das mulheres. Na noite do sexto dia, em frente à fogueira, vivenciei espontaneamente uma experiência do tipo constelação familiar, onde foram colocadas, simbolicamente, todas as mulheres com as quais convivi na minha intimidade, em especial minha mãe e minha avó, pedindo perdão pelos maus-tratos e desrespeito para com o feminino.

A parte mais difícil foi nos sete primeiros dias, pois entrei em profundo contato com uma das minhas crenças: “se não comer, morre” e, na madrugada do sexto dia, me sentindo um pouco debilitado, fiquei com medo, estava nas bordas do vulcão em forte erupção, movimentos circulares, loucura e ternura, morte e renascimento... Fui buscar nas minhas entranhas minha essência de guerreiro ancestral e encontrei o fogo, fui chegando, buscando a quietude do seu centro de poder, fiquei bem próximo dele, sentindo sua alta temperatura, muito, muito quente, mas não me assustou, sou *Şàngó*, tenho esse elemento fogo como referência, está dentro de mim, ele me acolhe e me traz calma... serenidade... e, nesse momento, chegou uma recordação da minha estada na África, exatamente em São Tomé e Príncipe, no “Poço do Diabo”, cravado nas rochas, junto ao mar, quando fui correndo para lá,

curioso para descobrir o porquê desse nome e sabedor de que houve várias mortes naquele lugar, e as pessoas que eu acessava informações me alertavam para ser cuidadoso, por ser muito perigoso. Chegando lá, sentei a uns 50 metros de distância, observando o movimento do mar, altas ondas batendo nas rochas, fazendo um grande barulho e a água dessas ondas subiam a uns 10 metros e caíam no Poço do Diabo, respirei e fui rastejando, (reptiniano... ancestral... buscando a segurança da minha mãe terra) e, a uns três metros do poço, vi um monte de areia, como se fosse uma praia deserta, calma, limpa, serena me esperando... desloquei-me lentamente, ouvindo o roncar do encontro de *Yèmonjá* com *Şàngó*, e cheguei a esse lugar de tranquilidade e concluí o porquê na cultura de matriz africana não se nega “Deus”, o belo, o lindo, o gostoso e nem o feio, o perigoso, “o Diabo”, pois temos tudo dentro dos nossos corpos e a apropriação desses lugares faz com que conheçamos nosso sagrado território, o corpo.

Veio outra recordação de uma passagem do livro “Taoísmo – A busca da Imortalidade”, do Jhon Blefeld, onde ele descreve todo o processo de reclusão dos monges, inclusive jejuando. Aqueles acessos me tranquilizaram e, no oitavo dia, pela manhã, olhando o sol, saí com um copo de água, agradecendo a esse elemento por existir em nossas vidas, em nossos corpos e, sentado, olhando para umas flores amarelas, chorei profundamente e comecei a ingerir o primeiro gole de água após os sete dias. Gratidão profunda à água. Tive a sensação de estar num banquete. Como foi gostoso aquele momento! Os próximos sete dias foram suaves, respirando, meditando, alongando, caminhando, lendo, escrevendo, e criei, seguindo os sete primeiros dias, os momentos de não fazer nada, em silêncio, que me levaram a profundas reflexões e diálogos comigo mesmo.

Sempre, por volta das 10 h, me deslocava para a piscina, visando a tomar sol e, por três dias consecutivos, apareceu um besouro mangangá, preto, sendo que, no primeiro dia, ele pairou em minha frente por alguns minutos e saiu. No segundo dia, ele fez o mesmo movimento e, no terceiro dia, ele pousou no meu joelho e ficou me olhando... depois voou. No quarto dia, ele apareceu em minha frente, pairou por alguns instantes e saiu, quando eu estava lendo um livro, sentado na mesa, da varanda do meu quarto. Uns vinte dias depois, eu estava numa praia da costa da Paraíba e apareceu um besouro parecidíssimo com o que me visitou durante quatro dias consecutivos e fez o mesmo movimento. Fiquei impressionado com essas cenas e até o presente momento não consegui acessar o simbólico desse acontecimento.

Os últimos sete dias foram tranquilos, pois estava curtindo as frutas em forma de sucos. Laranjas, tangerinas, abacaxis, mangas, jenipapos, limões, bananas com água de coco,

mamões, goiabas, melancias etc., todas trazidas pelo Rono, meu terceiro filho, que veio acompanhado com a Raiza. Foi legal o reencontro, emocionante; eu já tinha diminuído sete quilos. Eles estavam bem-humorados.

Às vezes, chegava um morador da comunidade para me visitar, querendo matar a curiosidade em ver “o homem que está sem comer há mais de dez dias”. Eles chegavam, davam bom dia ou boa tarde, olhavam desconfiados e depois saíam em silêncio. Alguns perguntavam o porquê, qual o motivo, os riscos de doenças etc. Nesse período, pratiquei com o Sérgio e mais alguns moradores do sítio os alongamentos corporais. Eles curtiram e continuaram fazendo.

No 22º dia, feliz, com o sentimento de realização, segurança, quebra de crenças, me sentia especial. Eram cinco horas da manhã, temperatura fria, céu nublado, muita neblina, os pássaros cantando, sai do sítio para uma corrida. Foi mais um momento de prazer e liberdade, pois estava acessando, de outra forma, a minha ancestralidade. Desconfiado, fui adquirido tranquilidade após uma hora. Dei um giro na linha da serra de Guaramiranga e retornei ao sítio. Tomei um banho, peguei uma banana prata, bem madura com uma garrafa de 500 ml de água e fui para a beira da piscina degustar aquele manjar. Foram 30 minutos para ingerir a banana com a água e estavam muito gostosos. Lembrei-me do princípio hipocrático: “beba o sólido e mastigue a água”. Retornei ao quarto, fui arrumar os materiais da jornada e fiquei esperando meus filhos, pois tinha acertado com eles para virem me buscar. Fiz uma sopa e uns bolinhos de inhame para recepcioná-los. Quando o carro chegou, estranhei o barulho, estava muito sensível. Abracei cada um deles. Houve um estranhamento diante do meu corpo magro. Acalmei-os, dizendo que estava muito bem. Degustamos a sopa com os bolinhos na cozinha da casa principal e retornamos para Fortaleza. Foi muito diferente e incômodo entrar no carro e sair. Tive que respirar muito e aceitar o processo de adaptabilidade.

3. TROTANDO PELOS LUGARES DA ANTROPOSOFIA

“A biografia humana é uma sinfonia que o próprio homem compõe.” (Lievegoed).

Como faz parte do meu cotidiano a apropriação da ancestralidade africana, sempre estou transitando entre meu passado, presente e futuro como forma de estar mais próximo dos dois princípios que acho mais importante na cultura de matriz africana que são o “Cuida-te” e o “Dizer é fazer”.

Nesse percurso, deparei o trabalho biográfico, que contribuiu na minha busca de identificar como, no trilhar da estrada da vida dos meus 57 anos, as minhas escolhas e decisões vieram estabelecendo minha trajetória de apropriação e valorização da ancestralidade africana e, inclusive, já anunciando alguns lugares e vislumbres do devir *Şàngó*.

Existem algumas vertentes para se estudar uma biografia humana. Optei por utilizar, nesta tese, que vem se apropriando da religiosidade de matriz africana, além desse saber ancestral Ioruba, também um olhar biográfico pautado na Antroposofia, que estuda o homem, a natureza e seus mistérios, validando a realidade espiritual, entretanto, buscando traduzi-la e aplicá-la no mundo da matéria.

Cito a definição da Antroposofia adotada pela Sociedade Antroposófica:

A **Antroposofia**, do grego ‘conhecimento do ser humano’, introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana.

Segundo a Antroposofia, cada elemento, substância e ser vivo sobre a face da Terra fazem parte de um conjunto harmônico que respira como um verdadeiro cosmo vivo. Esse cosmo possui um aspecto sensível, visível e mensurável, com o qual nos relacionamos por meio de nossos sentidos e que compreendemos racionalmente mediante nossa ciência acadêmica, mas também possui um conjunto de forças não visíveis, o seu aspecto imaterial ou suprasensível. O ser humano ocupa uma posição muito peculiar dentro dessa cosmovisão. Ele é considerado uma imagem condensada desse mundo ao seu redor; um microcosmo em permanente interação com o macrocosmo material e espiritual.

Lody (2010) menciona que o estudo da religiosidade afrodescendente se dá pela pesquisa das memórias orais que preservam importantes fundamentos da civilização,

permitindo à pesquisa ir além da generalização da cultura africana, incluindo também a sobrevivência da singularidade dos fragmentos, eventos, biografias e que estas partes ocupem o seu lugar na diversidade cultural da matriz africana.

Lex Boss, Bernard Lievegoed e outros estudiosos da Antroposofia, após a morte de Steiner, formataram o que ele havia escrito e palestrado sobre a biografia humana e as fases do seu desenvolvimento sistematizando o método biográfico à luz da Antroposofia.

O método convida a pessoa a ser um observador do curso da sua vida, criando certo distanciamento desta, para alcançar um olhar panorâmico da mesma, como a imagem metafórica de um rio seguindo seu fluxo, em que eu sou também o rio, mas me distancio um pouco para observar seu curso, seu movimento e suas margens.

A minha autoinvestigação biográfica aconteceu por meio de relatos narrados, descrevendo situações-chave de cada ciclo de sete anos (setênios), visando a identificar onde repetidamente meu corpo traçou a minha biografia, me levou a perceber outros corpos e a escolher o candomblé como religião, e também as constatações reveladoras do devir *Șàngó* presentes ao longo de toda minha vida. Dessa trajetória, levo o incentivo e a consciência da autorresponsabilidade pelo desvelar da minha própria vida.

De maneira mais resumida, a Antroposofia apresenta três grandes marcos biográficos: do nascimento aos 21 anos, percorrendo um caminho vital-biológico; dos 21 aos 42 anos, aprofundando-se no desenvolvimento psicológico; e dos 42 aos 63 anos/final da vida, desvelando a espiritualidade. Cada um desses ciclos pode ser dividido em três setênios com características muito definidas, que sinalizam a transição de um ciclo da vida para o próximo. O adolescente, em algum momento, deixa de lado sua infância, suas características infantis, e reorienta-se no mundo ao seu redor como um jovem adulto.

Somos seres humanos singulares em constante desenvolvimento, desde nossa concepção até a morte, passando por diversas etapas: gestação, infância, adolescência, maturidade e velhice, entretanto, cada pessoa, ao traçar o seu caminho de vida, compõe sua biografia, trazendo suas singularidades dentro dessas leis biográficas. Compreender o processo do contínuo devir significa também compreender o momento biográfico, seus aprendizados, suas crises, talentos e encontros significativos para sermos quem somos no presente.

Lievegoed (1994) destaca a Ideia de que, num olhar abrangente sobre o ciclo de vida humana, vemos um início de vida com muita vitalidade física e pouca consciência; depois, um período com maior desenvolvimento emocional e o "apropriar-se do mundo",

seguido geralmente por uma fase de maturidade, sabedoria e desenvolvimento de consciência social, mas com baixa vitalidade. No fim da vida há um "desprender-se do mundo".

Estudar a minha biografia como homem negro compromissado com a apropriação da minha ancestralidade africana, buscando identificar minhas semelhanças e diferenças com o *Òrìsà Šàngó* e a cosmovisão africana, é o viés que percorro por estar alinhado com minha filosofia de vida: *Dizer é Fazer*.

4. ENTRANDO NO ILÉ AXÉ OMO TIFÉ

4.1 Da descrição do espaço físico do Ilê

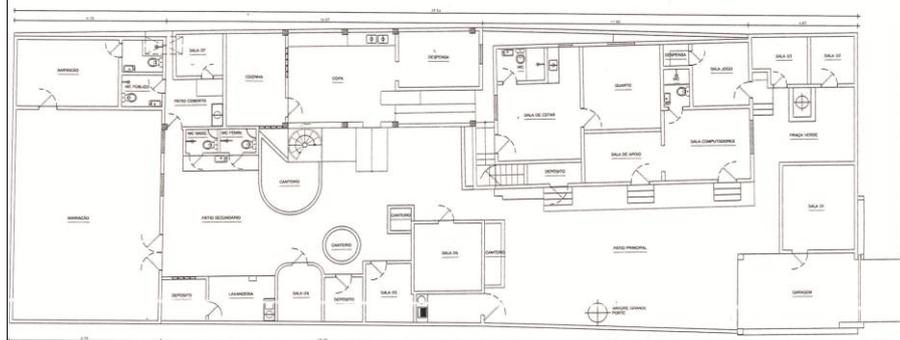
Chegando à rua Francisco Lima da Silva nº 115, no Bairro do Jangurussu, você ficará de frente a uma casa azul, com um pé de jambo na frente, um grande portão de alumínio. Ali funciona o Ilé Axé Omo Tifé, regido pelo *Orisà Òṣòṣì*, sob o comando de minha Mãe de Santo, *Ìyálorìṣa Valeria de Logun Edé*.

Figura 22 - Frente do Terreiro 2013



(Foto acervo Norval)

Figura 23 - Planta do pavimento térreo do Terreiro.



PLANTA DO PAVIMENTO TÉRREO
ESCALA 1/100

(Foto acervo do terreiro)

Figura 24 - Planta do pavimento superior do Terreiro



Lá você é recebido com três poções de água na entrada do portão, o que, nos termos empregados na religião, consiste em “despachar a porta”. Entrando, vamos passar por uma garagem, onde, do lado direito, fica o *Ilê Esu*, local da casa destinado ao culto do referido *Orisà*, bem como mais um *Esú*, sendo este encarregado da constante vigília da porta do *Ilê Àṣẹ*, assentado ao lado direito, externo ao *Ilê Eṣù*.

Figura 25 – *Eṣù* da Porta do Ilê Axé Omo Tifé

Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Figura 26 - Quarto de Eṣù do Terreiro



(Foto acervo Norval)

A seguir, avistamos uma área com uma frondosa mangueira, onde podemos ver o assentamento de *Tempo**, uma pequena jaqueira (*Opaokà*), onde são devidamente cultuadas as *Yami Osorongàs*, divindades donas da noite e do princípio feminino na religião.

Olhando para nossa direita, após o *Ilè Eṣù*, temos um portão que dá acesso a uma área onde se tem um belo pé de dendezeiro. Em frente a este, temos dois *Ilè Òrìsà*: na ordem correta do *Ṣiré*, isto é, da apresentação dos *Òrìsà*, o primeiro deles é o *Ilè Ógùn*, onde residem os assentamentos, denominados *Igbá* dos *Òrìsà Ógùn*, *Ódè*, bem como alguns *igbá* de *Yèmonjá*; no *Ilè* contíguo ao primeiro, temos os *igbá* de *Ọbalúwaiyé*, *Òsónyìn*, *Òsùmàrè* e a matriarca deste compartimento, *Nàná*.

Saindo da área descrita acima, retomamos o primeiro descrito anteriormente, onde, além de *Tempo*, contamos também com dois quartos que servem para visitantes pernovernarem, e outro, com material eletrônico, computadores, utilizados para a formação de uma futura *lan house* comunitária. Seguindo em frente, à nossa esquerda, na diagonal deste perímetro, temos um pequeno quarto onde ficam os bichos (carneiros, cabras, bodes, galinhas), que são devidamente cuidados, necessários aos rituais da Casa.

Passando para a área seguinte, deparamos com o *Ilè Ològúnede* e *Òṣun*. Assim como nos outros *Ilè Òrìsà* descritos outrora, este também abriga os *igbá* dos *Òrìsà* que intitulam o compartimento. É, com efeito, neste *Ilè* em específico, onde mora o *igbá* referente ao Guardião de minha *Ìyáloriṣa: Ològúnede*.

Na sequência desta disposição do espaço físico do *Ilè*, temos o *Ilè Ṣàngó*, um quarto de paredes brancas e chão avermelhado, que guarda os *igbà* de *Ṣàngó, Oyà* e *Óbà*. É lá onde ofertamos todas as quartas-feiras o *Àmàlà*, bem como os *akarà njè* e os *abaràs*, comidas de *Ṣàngó, Oyà* e *Óbà*, respectivamente.

Ao fim desta área, encontramos-nos com a morada de *Oṣala* e *Yèmonjá Sabà*. Um *Ilè Fun-fun*, isto é, totalmente branco, tal e qual as vestes destes *Òrìsà*. Voltando para a direita, temos uma área de estar, que fica em frente a um quarto onde mora um dos filhos da nossa *Ìyáloriṣa*, e, à nossa esquerda, ficam a cozinha da casa e a cozinha de *Òrìsà*, onde só é permitida a entrada de pessoas da casa após o banho de abô (proteção). Ainda neste lado, temos dois banheiros, o quarto do *Egúngun*, espírito ancestral cultuado nos *Ilè Asèno Candomblé*; e o grande Barracão, onde se realizam os festejos da casa. Ao lado direito do barracão, fica o *Ronkó*, compartimento utilizado para resguardar as pessoas que passarão por algum tipo de rito na religião.

Na parte superior, ficam os aposentos da nossa *Ìyáloriṣa* (dois quartos, duas salas, uma cozinha e uma despensa), e o museu afro-brasileiro, onde temos expostos todos os *igbá* dos *Òrìsà* do panteão africano cultuados no Brasil, bem como todas as comidas ofertadas a cada um deles, sendo esses elementos meramente ilustrativos.

Figura 27 – Museu Afro-brasileiro do Ilê Axé Omo Tifé



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

4.2 Da dinâmica interna da casa

O dia a dia de uma casa de santo tem uma relação muito íntima com o *Òrìsà* do dia, além da rotina propriamente dita. Todos os dias, a primeira atitude é ir ao portão despachar as águas purificadoras, para acalmar as energias do mundo, a fim de que as tais não venham ao portão. No decorrer do dia, se tiver um *ẹbọ*, isto é, procedimentos rituais efetuados em diversas pessoas, com o intuito de purificá-las, o dia vai ser mais puxado. Do contrário, sem este, o dia será mais leve.

Depois de despachar a rua, varre-se o Candomblé, que também é um *ẹbọ* de limpeza. Depois de varrer o Candomblé, toma-se café da manhã, saudando, por meio de uma oração em *yorùbá*, o alimento. Depois de tomar café, começa ali a jornada, partindo de cada função: limpar o Quarto de Santo, encher a quartinha do *Òrìsà*, olhar o que está faltando, grãos, ver o que vai acontecer naquele dia.

O dia não tem muito planejamento se ele não tiver *ẹbọ* ou *borí*. Se ele não tiver *Eṣù*, ritual específico na casa, ele não vai ser tão planejado como os dias que tem ritual específico; mas esse dia vai ser bem desenvolvido, no que tange ao louvor ao *Òrìsà*, porque é uma casa de Candomblé. O Ilê Axé Omo Tifé tem um ritual de arriar o *deburú* toda segunda-feira para *Omólú*. Essa oferenda para *Omólú* é feita com milho de galinha e pipoca. Nessa oferenda, coloca-se areia de praia numa panela, esquentando-a no fogão. Para *Nàná*, que

geralmente é cultuada na segunda-feira, ofertamos o *Àdo*, preparo feito a partir do milho pilado no pilão de madeira, onde adicionamos açúcar, obtendo-se assim algo próximo ao que conhecemos como fubá. O culto de *Eṣù* também tem lugar marcado na segunda-feira, quando ofertamos farofa de dendê e bebidas rituais.

Na quarta-feira, o *egbé*, isto é, a comunidade do *Ilè*, prepara-se para ofertar o *àmàlà* de *Ṣàngó*, bem como a comida ritual de cada *Òrìsà* da Casa. Essas comidas, em geral, são preparadas pela *Ekédi* Sílvia ou pela própria *Ìyáloriṣa*. É nesta ocasião onde os Filhos se aproximam da cozinha e das panelas e aprendem oralmente os segredos do culto. Nessas quartas-feiras, temos momentos bem agradáveis. Nestas ocasiões é que os Filhos, orquestrados pela Mãe de Santo, realizam uma espécie de processamento de grupo, em que conflitos e soluções são concomitantemente apresentados.

Em dias normais, na quinta e na sexta-feira, sempre foram tranquilos, porém, no sábado, os Filhos de Santo aparecem para fazer um *osé* (faxina) nas Casas de Santo ou no Terreiro.

O *odu* do ano é tirado em dezembro. *Odu*, na verdade, é a voz do *Òrìsà* por meio do oráculo dos búzios. Com efeito, sempre no referido mês, a *Ìyáloriṣa* consulta o oráculo para saber qual *odu* regerá cada Filho de Santo, procurando sempre orientá-los individualmente para que o Filho de Santo possa saber o *odu* que vai reger o ano correspondente. Ele é tirado em dezembro porque, se o *odu* é negativo, vai dar tempo de ele fazer algum *ebô* pra transformar isso tudo em positivo. Então, a teoria é em dezembro, para que o devoto comece seu ano bem.

Embora a Casa não tenha um calendário, ela segue festividades-padrão de todos os Candomblés do Brasil, porque todo o Candomblé tem uma padronização de datas de festividades, embora ele não tenha uma padronização da realização do fundamento da atividade, ou seja, ela vai abrir no mês de abril com as festividades relativas a *Ógùn* e *Eṣù*, que é a data na qual a maioria dos Candomblés abrem seu ano litúrgico; no entanto, em janeiro, a nossa *Ìyáloriṣa* já se ocupou dos rituais de *Eṣù*, “dando-o de comer”.

Como *Ogã Sarapembê*, cargo indicado pelo jogo de búzios no período da minha feitura, tenho por obrigação cuidar de tudo o que está relacionado com o Terreiro, da “porteira” para fora, ou seja, nos moldes modernos, um agente de relações públicas. Não fica por aí; porem: sempre estou participando dos rituais, a chamado da minha Mãe de Santo, e desta vez fui convocado para comprar com ela todos os ingredientes da matança, desde os bichos até as folhas, cereais usados no ritual.

Figura 28 – Norval colhendo folhas de carrapateira para ritual no Ilê Axé Omo Tifé-2012



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Figura 29 – Norval carregando bichos para a matança no Ilê Axé Omo Tifé-2012



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Como disse Manoel, na sua Tese sobre *Eṣù*: “conviver com a Mãe de Santo no seu cotidiano é uma aula de vida. Tudo se aprende”. Tudo se fala, desde a pesquisa do que é

mais barato, à escolha do bode, às observações no nariz e nos pés das galinhas, onde encontrar melhor, ora em Messejana, bairro de Fortaleza - CE, ora na av. Mister Hull, ovos (que se usa bastante, em média 100 ovos num ritual). Em Messejana, podemos encontrar o material para as roupas que os iniciados vão usar no dia da festa, no centro da cidade. Ficamos o dia inteiro e Ela nunca parava de falar e, nessas falas, a oralidade vem abundante, a ancestralidade também, e fico como um aprendiz da vida, nutrindo desse momento único e precioso, que, com certeza, não encontrarei em nenhuma sala de aula fria, formal, existente nas escolas da nossa educação tradicional, onde, como diz Muniz Sodré; “falta afetividade na relação professor aluno”.

Faltaram a cana-de-açúcar e as bananas d'água. A Mãe de Santo pediu para que eu as comprasse no mercado São Sebastião. O azeite de dendê, a casa tem duas latas de 18 l trazidos por mim de Salvador - BA, e a lata de mel (18 l) já existe na Casa, também trazida por mim quando de uma das viagens que fiz ao Piauí, terra que possui muitos apiários. A farinha de milho branco para a preparação dos *ekós* também foi checada, pois, nessa última viagem a Salvador, passei em Feira de Santana - BA, onde existe um moinho de cereais, e comprei 20 kg da referida farinha. E aqueles momentos, que vivencio até hoje, nunca me cansaram, pois o fluxo energético está diretamente ligado aos *Òrìsà*, ao Terreiro e à minha Mãe de Santo. Estou degustando a ancestralidade africana nesse momento, e isso me potencializa, leva-me às minhas raízes de guerreiro.

Eṣù é louvado pelo Ilé Axé Omo Tifé no mês de janeiro, com fundamentos respectivos de matança, iguarias por Ele apreciadas: farofa de dendê, banana, cana-de-açúcar, mel de cana. Todas essas iguarias são dadas a *Eṣù*. Obrigatoriamente, ocorre a matança de um animal quadrúpede (bode) e algumas galinhas; é um festival. Então aí, após três dias, vem o *ossé* dessa matança, a limpeza do *Òrìsà*, a limpeza do *ibá* do *Òrìsà*, da representação do *Òrìsà* na terra. Então, se encerra o festival de *Eṣù* aí. O objetivo desse ritual é ofertar aos *Eṣù* da Casa (portão, barracão, quarto, rua) visando a fechar o Terreiro para as energias negativas e abrir para a prosperidade, alegria etc.

Todos os participantes desse ritual são orientados a fazer o preceito de sete dias, que proíbe a ingestão de carne, café, bebidas alcoólicas, fumo, sexo, visando a uma concentração de energia.

Figura 30 – *Eṣù*

Fonte: Internet

Como o nosso Terreiro não tem um *Eṣù* raspado, isto é, alguém iniciado e consagrado para este *Òrìṣà*, após a matança, não se faz o festival, o Candomblé com o *Eṣù* dançando. Normalmente, as festas em homenagem a qualquer *Òrìṣà* se faz após sete dias. Assisti a uma saída de *Eṣù* no Terreiro do Pai Balbino de Xangô, Obarayn, localizado nos arredores de Lauro de Freitas. Tinha ali um corpo como canal de apropriação da energia de *Eṣù*.

Ainda sobre *Eṣù*, temos uma lenda de *Ifá*, que fala que *Eṣù* é aquele que está presente de bermudas aos pés de Deus. É aquele *Òrìṣà* que está na Terra (*Aiyê*) e em segundos pode estar no céu (*Órùn*). É aquele que transporta os *ẹbọ*. Então, faz parte dos *ẹbọ*, no ritual de iniciação, a pessoa ter o seu *Eṣù* pessoal pra que ele leve seus pedidos aos pés de Deus. *Eṣù* é um mensageiro, um transportador de *ẹbọ*. Anualmente, eu posso dar de comer ao meu *Eṣù*, mas posso também fazer uma oferenda a qualquer momento, de acordo com a minha necessidade. A casa tem essa flexibilidade e, claro, após passar pelo Jogo de Búzios da minha Mãe de Santo. Esse olhar é reforçado pelo Soares:

Outra característica importante de Exu é a polifonia, pois além de ser o responsável pela comunicação entre os Orixás, Exu é também o responsável pela comunicação entre Orixás e homens, não bastando estas duas importantes vozes é Exu Legbá, o responsável por contar quantas pessoas morrem com o objetivo de que esse número não ultrapasse, ou melhor, coincida com o número de nascimentos, ficando assim Exu como o responsável pelo equilíbrio entre o mundo dos *eguns* e dos vivos. Desta forma, cabe a Exu vários discursos, sem os quais os caminhos labirínticos responsáveis pela comunicação na religião dos Orixás estariam de portas fechados na prática e na teoria. É Exu o Orixá das portas e dos caminhos das múltiplas falas, é ele quem dá as senhas para que as portas cósmicas sejam abertas e que assim possa haver uma comunicação entre os mundos, entre a realidade e a magia. (2008, p.85).

Em abril, se abre o festival com *Ògún*. Pela manhã, bem cedo, antes da matança, saio para colher folhas de dendezeiro para fazer o *mariwò* (folhas do dendezeiro desfiadas). Isso é um trabalho só para homens. Essas folhas são colocadas nos portais superiores das portas e janelas do terreiro para que as coisas ruins não entrem e para que os *Egúngun* não entrem, para que a morte não passe. Todo ano, os *mariwòs* são trocados.

No dia da festa do *Ògún*, que é materializada com uma grande feijoada, se pega o primeiro prato de feijoada, e arreja no pé de *Ògún*, e depois despacha essa feijoada na rua, em grandes avenidas, porque *Ògún* é patrono dos caminhos. *Ògún Onirê* dono dos sete caminhos da cidade de Irê, porque a cidade de Irê tinha sete entradas e *Ògún* era dono dessas sete entradas (Verger).

O salão fica todo enfeitado, a Mãe de Santo veste sua roupa de gala, incorporando seu *Òrìsà Ològúnede*. Nesse dia, vestem também os Filhos de *Yèmonjá*, de *Yàsán*, de *Oşala*, de *Òşun*. Só não veste *Şàngó*, por ter atritos com *Ògún* (segundo a mitologia, *Şàngó* tomou o trono e a mulher de *Ògún*, *Yàsán*).

Figura 31 – Festa de Candomblé do Ilé Axé Omo Tifé – Saida de *Yao*



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Particularmente, todo ritual feito na Casa, *Egúngun* vai ser reverenciado. Isso não é uma padronização, não é uma pregação de *Babalóòrìsá* pra Filho de Santo. No momento em que você está reverenciando os *Òrìsà*, o ancestral tem que ser reverenciado porque, por meio do ancestral, é que o Culto dos *Òrìsà* chegou até nós. *Egúngun* é o grande pai ancestral. O grande ancestral que passou o conhecimento da religião oral que chegou a mim, que chegou

até *Egun*. Então, particularmente no Ilé Axé Omo Tifé, nos rituais de grande porte, *Egúngun* vem sendo louvado antes. E vale registrar que, além da Mãe de Santo, somente uma ou duas pessoas credenciadas por ela cuidam do *Egúngun*. As comidas volitivas do *Egúngun* são bichos de quatro pés, galinhas, mingau de acaçá, feijão preto e abóbora, fava e dendê e café preto amargo.

Contraditoriamente, apregoaram que *Egúngun* tem uma relação com a morte, mas, pelo contrário, ele é um ancestral divinizado, aquele que pode estar conosco dentro da religião, protegendo... É a guarnição de um Terreiro de Candomblé. Por isso, ele fica num quarto muito reservado e não é um *Òrìsà* falado com frequência no nosso Terreiro. Por outro lado, tenho conhecimento de que na Ilha de Itaparica - BA tem um Culto aos *Egúngun* sob o comando do Mestre Didi, um *Babalóòrìsá* á de *Ifá*.

A Casa volta à sua rotina, a Mãe de Santo atendendo as pessoas com o Jogo de Búzios, ora tem um *ẹbọ*, ora um *bori*, os *osé* dos quartos dos *Òrìsà* com seus *igbá* dos respectivos Filhos de Santo. Em junho, vem a festa de *Şàngó*, depois, *Yàsán*, depois, As águas de *Oşala*.

Para o ritual do *Şàngó*, como o do *Ògún*, é feita a matança para *Şàngó*, um carneiro e seis galinhas. Participam desse ritual, em especial, os Filhos de *Şàngó* da Casa, a *Ekédi*, os *Ogã* e quem mais a Mãe de Santo convidar. Após sete dias, a festa, o Candomblé com a presença de convidados externos. Normalmente a Mãe de Santo faz a matança de *Şàngó* juntamente com a de *Yàsán*, talvez por *Yàsán* ser uma das mulheres de *Şàngó* e, por questões de espaço; *Şàngó* e *Yàsán* ficam no mesmo quarto, com os *igbá* dos seus respectivos Filhos. A comida de *Şàngó* se chama *àmàlà* (quiabo cortado). A comida preferida de *Yàsán* é *àkàràije*. Na festa, é feito o *ajerê* para *Yàsán*, que é uma panela cheia de brasa com dendê que *Yàsán* carrega na sua cabeça e dança no barracão.

Nessa dança, são chamados alguns Filhos de Santo. Eu mesmo participei desse momento e foi muito energético e emocionante. Fiquei com o corpo todo arrepiado e segui o fluxo dos passos da pessoa que estava incorporada com *Yàsán* por todo o salão. Depois, fui reverenciar a minha Mãe de Santo e retornei ao meu posto de tocador de agogô, na banda da Casa. Termina o ritual do Candomblé e todos, sorrindo, vão para uma grande mesa montada num rol da casa, onde a Mãe de Santo serve, aos convidados, carneiro cozido, frango cozido, arroz, salada, feijão, acarajé, caruru, refrigerante (Coca-Cola, Fanta, guaraná) e café. No final, sirvo minha tradicional melancia cortada e todos, sorrindo, aceitam. As comemorações vão até às duas da manhã. Em seguida, os Filhos de Santo vão fazer a limpeza do Terreiro e no outro dia vem a lavagem das roupas.

Figura 32 - *Ìyáloriṣa* Mãe Valeria de Logun Ede (ao centro, e pé) com seus Filhos e Filhas de santo - ano 2008



(Foto acervo Terreiro)

Em agosto, temos o ritual do *Olúbáje*. É o banquete do rei, porque *Obàlúwàiyé* é o rei e senhor da terra onde os *Òrìsà* da Nação Jêje são cultuados. São eles: *Omólú*, *Nàná*, *Òsùmàrè*, *Òsónyìn*. Nesse ritual, a Mãe de Santo faz oferenda (galinha) para *Egúngun*, na sexta-feira. Obrigatoriamente, a oferenda é estendida a *Eṣù*. No sábado, ela faz as oferendas para *Obàlúwàiyé*, *Òsónyìn* e *Nàná*. Essas comidas são arreadas fora do barracão, levadas por *Obàlúwàiyé*, em transe, vestido de branco, em procissão. Nesse momento, são chamados todos os ancestrais para participar desse banquete. Após os sete dias, é feito o *Olúbáje*. A festa acontece no barracão da Casa e depois o ritual termina na área aberta da Casa, com a oferenda feita pelo *Yao* incorporado por *Omólú*, a cada participante do evento. A comida é servida numa folha de mamona, que tirei nos arredores da minha residência, no Parque do Cocó. Foram mais de 50 folhas a mando da Mãe de Santo. Pedir licença para cortá-las faz parte desse ritual.

Entramos em outubro com o culto a *Ọḍẹ (Ọṣòṣì)*, *Ọṣun* e *Ològúnede*. Prepara-se a Casa com todos os ingredientes para a matança. São ofertados bodes, cabras e galinhas. Nesse ritual, faz-se uma procissão de flores com a quartinha de água até o local onde fica o *Òrìsà Ọṣòṣì*. Como rotina, após sete dias, é feita a festa, onde são feitas as oferendas para

Òṣun que consiste de inhame, camarão e dendê. Os três *Òrìsà* são vestidos (o pai, a mãe e o filho) dançam e encerra a festa com os comes e bebes tradicional.

Em dezembro, temos as Águas de *Oṣala* e, mais uma vez, por obrigação, a Casa tem que cultivar *Egúngun*, porque na festa do *Òṣóòsì* eu não fui obrigado; mas nas Águas de *Oṣala* eu vou ter que saudar *Egúngun* porque *Oṣala* é o pai que sopra o sopro da vida na margem dos rios. Esse ritual acontece na sexta-feira, a partir das 8 h da noite, quando toda a casa se mantém em silêncio.

Todo o pessoal do Terreiro é acordado às 4h da manhã e faço a procissão das quartinhas do *bṛí*, porque *Oṣala* é o responsável pelo sopro da vida, então o *bṛí* também tem que ser louvado. De forma hierárquica, pois, do mais velho ao mais novo, faz-se a procissão, as pessoas com a quartinha na cabeça e a Mãe de Santo lá na frente, tocando a água dessas quartinhas no simbolismo de que venham coisas novas. Em seguida, ela coloca a quartinha nos pés de *Oṣala*. Segue-se o ritual da matança em silêncio; depois da matança, volta-se a falar. Após sete dias, tem o Candomblé, veste-se *Oṣala*. A comida que se prepara pra *Oṣala* é *èkọ*, *akasa* (milho branco com leite de coco).

Por fim, registro minha satisfação em ter o Terreiro como uma extensão da minha casa, da minha família de santo, como alguns dizem, um lugar onde posso chegar a qualquer hora, conversar com minha Mãe de Santo, com os meus irmãos e irmãs de santo, um lugar onde posso dormir, comer a comida chegada ao tempero afro-baiano, feita pela *Ìyáloriṣa* Mãe Valeria de Logun Ede, um lugar sagrado onde podemos nos reenergizar, um lugar de intimidade, quando a Mãe nos chama num domingo para almoçar nos seus aposentos particulares, comendo uma iguaria feita com amor na sua cozinha particular, ou quando sou chamado para massagear suas pernas e pés inchados diante de alguns vacilos alimentares que acontecem no Terreiro.

Durante o período de função, existe muita comida, bebidas gaseificadas, muito pão e carnes, gerando patologias nos *Ómó-Orixá*, como a obesidade, as cardiopatias, o tabagismo, o alcoolismo, o sedentarismo, dores lombálgicas, ciatalgias, diabetes, dores de cabeça e, conseqüentemente, dependência química. Esta constatação me deixa triste.

Nosso Terreiro é frequentado por pessoas das diferentes camadas sociais da população, e que se dedicam às atividades religiosas e paralelamente ao trabalho social. Temos cursos eventuais de canto, danças e outros desenvolvidos em módulos especiais para pequenos grupos. Temos, também, um jornal expedido por nossos jovens chamado, *Kawé Kó*, fruto de parceria com a ONG Comunicação e Cultura, por meio dos jornais juvenis, distribuídos gratuitamente pela cidade, em tiragens de 1.000 cópias.

Nossa Casa é considerada pela comunidade afro-religiosa um centro histórico, uma referência etnográfica da memória negra de Fortaleza. Durante a Semana da Consciência Negra, de 2008, ela recebeu do Museu do Ceará uma honrosa placa de homenagem (comenda), além de conquistar o edital de abertura de acervos da Secretaria de Cultura de Fortaleza, durante seu Edital de Cultura 2008, com o Projeto Memorial Afro Brasileiro Omo Tifé.

4.1.3 NORMAS E REGRAS PARA OS ÓMÓ-ORIS **ISÉSE IBILÉ (CANDOMBLÉ)**

O conjunto de todos os membros do Ilê-Orisa chama-se Égbé.

1 – A ordem crescente de Hierarquia do Candomblé:

- Abiyan (Ómó-Orixá [filho de santo] que somente tem o Borí).
- Iyawo (Ómó-Orixá que já é iniciado, ou seja, raspado).
- Égbón (Ómó-Orixá que já tem 7 anos de santo, com a obrigação já realizada).
- Oloye (podem ser as Iyá [Ekéde], os Ogan ou os Égbón que receberam Cargo no Ilê)
- Babalorisás ou Iyalorisás (Pais ou Mães-de-Santo)

2 – Todo Ómó-Orisá deverá cumprir os Ómó-Orisá seguindo a Hierarquia, falando o seguinte:

- O mais novo deverá falar: **Motumbá.**
- O mais velho devesse responder: **Motumbá Asé – Motumbá.**
- O mais novo deverá responder: **Motumbá Asé.**

(Observe que o mais velho responde e também pergunta).

- O Babá apenas responde Motumbá Asé, porém entre os Oloye, eles devem ter um cumprimento completo.

3 – Todo o Ómó-Orisá, ao chegar no Ilê, deve:

- Despachar a Rua ao entrar pelo Portão e cumprimentar o Esú da Porteira.
- Dar dogbalé no Barracão (na porte, no Asé, no Couro [atabaques], na porta do Ilê Orí [quarto dos Borís], cumprimentar o Ilê Esú [quarto de Esú], e dar dogbalé no Ilê Orisá do Babá e nos Ilê Orisá (quartos-de-santo) que a pessoa carrega (em silêncio, sem conversar com ninguém).
- Dar dogbalé para o Babá e para a Iyá.
- Cumprimentar os Ómó-Orixá na ordem de Hierarquia:
 - quando o Abiyan cumprimenta outro Abiyan, ele inclina o corpo e pede Motumbá;
 - quando o Abiyan cumprimenta o Iyawo, os Égbon e os Oloye, ele deve colocar o joelho no chão para pedir Motumbá;
 - quando o Iyawo cumprimenta outro Iyawo, ele inclina o corpo e pede Motumbá;
 - quando o Iyawo cumprimenta os Égbón ou os Oloye, ele deve colocar o joelho no chão para pedir Motumbá;

- quando o Égbón cumprimenta outro Égbón, ele deve colocar o joelho no chão para pedir Motumbá;
 - quando o Égbón cumprimenta os Oloye, ele deve colocar o joelho no chão para pedir Motumbá;
 - quando o Oloye cumprimenta outro Oloye, ele inclina o corpo e pede Motumbá.
 - Todos os cumprimentos acima devem ser realizados conforme a Hierarquia do Ilê.
 - Quando o Candomblé receber visitas de outros Candomblés, todo o respeito acima deve ser mantido e muito mais, pois devemos ter o máximo de respeito e educação com os visitantes, mesmo sem saber qual é a sua posição na Hierarquia.
 - Quando o Ómó-Orisá tiver terminado de cumprimentar todo o Povo de Orisá, ele poderá cumprimentar o restante das pessoas presentes.
 - Todos os Ómó-Orisá deverão dar Dogbalé diretamente no chão (É PROIBIDO O USU DA ÉNI).
 - Todo o Ómó-Orisá que estiver de KELÊ ou de Obrigação deve dar Dagbalé na ÉNI e dar PAÓ.
- Os Égbón, os Ogãs, as Ekéde com obrigação de 7 anos e os Égbón com cargo, não precisam dar Dagbalé no chão (exceto para o Babalorisá). As Ekédes que não tem obrigação de 7 anos devem dar Dogbalé no chão.
 - Ao entrar em qualquer Ilê-Orisá, todo o Povo do Candomblé deve dar Dogbalé e Paó, antes de fazer qualquer coisa, e no caso de pessoas de Kelê ou Obrigação, utilizar a Éni.
- 4 – É obrigatório o banho de Agbo por todos os Ómó-Orisá, independente de no caso das mulheres estarem ou não de Bajé (menstruadas).
- As mulheres de Bajé são proibidas de entrar nos Ilê-Orisá, segurar bichos, depenar bichos de pena, fazer comidas de santo, tirar Asé, etc. Porém, elas podem ajudar a lavar louça, na limpeza, a fazer comida para o pessoal etc.
- 5 – É proibida a entrada de Ómo-Orisá nos Ilê-Orisá sem o Banho de Agbo, mulheres Bajé, utilização de roupas inapropriadas (ex. bermudas), uso de chinelos e ou sapatos.
- 6 – Quando o Ómó-Orisá for embora do Ile Orisá, ele deverá se despedir de todo o pessoal, começando pelo Babá, e após, toda a Hierarquia, da mesma maneira que foi descrita no item 3.

- 7 – Quando os Ómó-Orisá dormirem no camdomblé, todos deverão dar o Dogbalé no Barracão, para o Babá e para a Iyá, assim que acordarem. Após isto, deverão pedir Motumbá para os demais Ómó-Orisá seguindo a Hierarquia (todos os dias que o Ómó dormir no Ilé Orisá, ele deverá cumprir este item assim que acordar).
- 8 – Para ir tomar café, chá, almoçar e ou jantar, a ordem da Hierarquia deve ser rigorosamente seguida na hora de se servir (os visitantes não precisam entrar nesta ordem podendo se servir após o Babá e a Iyá).
- 9 – Ao ir tomar café, os Ómó-Orisá seguindo a Hierarquia na hora de se servir deverão pedir **OMI-DUDU** para os mais velhos, colocando o joelho no chão, quando necessário, seguindo o item 3. A resposta é **ASÉ** ou **OTUM** ou **OMÃN**.
- 10 – Ao ir tomar chá, os Ómó-Orisá seguindo a Hierarquia na hora de se servir deverão pedir **OMI-AGBÓ** para os mais velhos, colocando o joelho no chão, quando necessário, seguindo o item 3. A resposta é **ASÉ** ou **OTUM** ou **OMÃN**.
- 11 – Ao ir almoçar ou jantar, os Ómó-Orisá seguindo a Hierarquia na hora de se servir deverão pedir **AJÉUM** para os mais velhos, colocando o joelho no chão, quando necessário, seguindo o item 3. A resposta é **AJÉUM BÓ** ou **AJÉUM OMÃN**. Ao terminar de comer, todos deverão pedir **MOTUMBÁ**, para o **Babá**.
- 12 – Todos devem lavar a sua louça ao terminar de tomar café ou as refeições.
- 13 – Na mesa do Babá, só podem sentar as pessoas ou visitantes que ele convidar. **É proibido** qualquer pessoa não autorizada, sentar-se na mesa do Babá. **É proibido qualquer Ómó-Oisá sentar na cadeira do BABÁ.**
- 14 – Na cadeira do Babá que fica no Barracão, ninguém poderá sentar, sem Exceção.
- 15 – Nas cadeiras que ficam no Barracão, somente os Oloye, Égbón e ou visitas do Babalorisá é que poderão usá-las. Ninguém poderá usá-las sem autorização ou para outros fins.
- 16 – Quando estiver ocorrendo alguma louvação, maceração de folhas, matança ou Ébó, a seguinte postura deve ser tomada:
- Se o Babá estiver em Pé
 - ✓ Os Olouye e os Égbón poderão ficar em pé ou sentados.
 - ✓ Os Iyawo e os Abiyan deverão ficar ajoelhados na éni ou no chão.
 - Se o Babá estiver Sentado
 - ✓ Os Oloye e os Égbón poderão ficar sentados e nunca em pé.
 - ✓ Os Iyawo e os Abiyan deverão ficar ajoelhados na éni ou no chão.

- Se o Babá estiver no chão
- ✓ Os Oloye e os Égbón deverão ficar no chão e nunca sentados ou em pé.
- ✓ Os Iyawo e os Abiyan deverão ficar ajoelhados na éni ou no chão.
- 17 – Quando estiver ocorrendo um Sire, e os Atabaques pararem de tocar, todos os Iyawo e os Abiyan deverão ficar ajoelhados. Os Oloye e os Égbón podem ficar de Pé ou Sentados.
- 18 – Sempre que for agradecer a alguém por alguma coisa, dizer **ADUPÉ** ou **MODUPÉ**.
- 19 – Sempre que for interromper alguém que estiver falando pedir, **AGÔ**.
- 20 – Sempre que for pedir desculpas falar **EMABINU**.
- 21 – Sempre que o mais velho chamar o mais novo para falar alguma coisa ou pedir algo, o mais novo deverá responder **ERÔ**.
- 22 – Sempre que for pedir alguma coisa a alguém, **é obrigatório usar POR FAVOR, falando JÓWÓ**.
- 23 – O **Ajá** e o **Sére**, só podem ser tocados pelo Bábá, Oloye e os Égbón.
- 24 – **Toda vez que algum Ómó-Orisá quiser fazer uma oferenda para qualquer Orisá, deverá trazer os ingredientes de casa e deixar toda a louça e a cozinha limpa, e, em perfeitas condições, independente do nível hierárquico.**
- 25 – Toda vez que algum Ómó-Orisá for tomar Banho de Agbô, deverá passar o rodo no banheiro e guardar o balde no seu devido lugar.
- 26 – **É obrigação** dos Ómó-Orisá ajudarem na limpeza do Ilê após as Matanças e as Festas.
- 27 – **É obrigatório** o respeito aos mais velhos na Hierarquia, sendo obrigados todos os cumprimentos já listados.
- 28 – Sempre que alguém utilizar qualquer utensílio do Ilê (roupas, louça, oja, saias, gele, baldes, panos de chão, de limpeza, etc.), deverão lavá-los, ou levá-los para suas casas para devolvê-los limpos.
- 29 – **É proibido**, sem autorização, a entrada dos Ómó-Orisá em Ilê-Orisá de Órisá que não carrega.
- 30 – **É proibido** mexer em qualquer Assentamento que não seja o seu próprio.
- 31 – **É obrigatório** o uso de saia, oja e gelê, para as mulheres.
- 32 – Quando um Ómó-Orisá estiver recolhido em qualquer Ilê-Orisá, é proibido a entrada de qualquer pessoa no quarto. Se for necessária a entrada de alguém no quarto, somente poderão entrar as pessoas mais velhas que a pessoa que estiver recolhida, e mesmo assim isto deve ser evitado. É proibido ficar conversando com pessoas recolhidas, a menos que autorizado pelo Babá.

33 – Nas matanças,

- Os bichos de 4 Pés, deverão ser segurados por Homens, e, preferencialmente pelos mais velhos (se necessário o Babá autorizará outros ou outras a fazê-lo).
- Os bichos de Pena, deverão ser segurados pelas Mulheres, e, preferencialmente pelas mais velhas (se necessário o Babá/ Iá autorizará outros ou outras a fazê-lo).
- O couro deverá ser tirado por Homens (se necessário o Babá/Iá autorizará as mulheres a fazê-lo).
- As penas poderão ser tiradas por todos os filhos-de-santo.
- Os Asé somente poderão ser tirados, picados ou feitos pelos mais velhos (se necessário o Babá autorizará outros ou outras a fazê-lo).

34 – **É proibido, fumar na frente do Babá/Iá, na cozinha do Ilê e no pátio dos Ilê-Orisá.**

35 – Quando algum Ómó-Orisá for dar **ÓSÉ** em um Borí ou em um Igbá temos duas possibilidades:

- Se o Borí ou o Igbá tiverem comido **ÉJÉ** (sangue) nos dias anteriores, ele pode jogar a água do Osé na terra, dentro do Ilê.
- Se o Borí ou o Igbá não tiver comido éjé nos dias anteriores (ou seja, a pessoa vai dar Ósé por motivo de limpeza ou porque o mesmo ainda irá comer), a água do Osé deverá ser jogada na Rua.

36 – Os Ómó-Orisá devem ser chamados e tratados entre si, pelos Cargos de Orisá. Exemplos: Abiyan do Ososi, Abiyan da Inhasã, Abiyan do Osalá, Dofono do Ogun, Dofomunitinho do Sangô, Fomo da Obá, Fomotinho de Obaluaye, Gamo da Osun, Gamotinha da Iyewá, Égbón da Osun, Égbón do Omolu, Égbón da Nana, Iyá de Yemojá ou Ekéde de Yemojá, Iyá do Osose ou Ekéde do Ososi, Iyá da Inhasã ou Ekéde de Óya, Ogan do Ogun, Babálosain. Se um Oloye tiver um nome em especial, poder-se-á usar o nome dele (a), exemplo: Iyá Tundê, Babá AdêOsum, Babá BunMi, Babá ManLá, etc.

37 – **Existe no Ilê Orisá uma mensalidade para ajudar nas despesas. Pede-se a colaboração de todos.**

38 – Os serviços mais humildes (limpeza de banheiros, cozinha, Ilê Orisá, pátio dos Ilê Orisá, etc.), são aqueles mais do agrado do Orixá, e que possibilitam a obtenção de ASÉ. O Ile Orisá é a Casa de Osun. Não suje jogando papéis, cigarros, etc., antes limpe catando o lixo, lembre-se que é a Casa de Nossa Mãe.

39 – Durante os Borís, somente poderão participar as Iyá (Ekéde), os Ogã, e os Égbón, **ou outras pessoas se autorizado pelo Babá.**

40 – Em todos os rituais que forem realizados, os Abiyan e os Iyawo deverão ficar ajoelhados e em silêncio.

41 – **Quando um Égbón, Iyawo ou qualquer outra pessoa virar no Orisá, ninguém poderá tocá-lo. Este Orisá deverá ser cuidado primeiramente pelas Iyá. Na ausência das Iya poderá ser cuidado pelos Ogã e pelos Égbón. Na ausência de todos os anteriores o Santo deverá ser cuidado pelos Iyawo mais Velhos que estiverem presentes.**

42 – Quando estiver ocorrendo qualquer ritual, todos deverão ficar em silêncio. Se o espaço for pequeno ou restrito, as pessoas deverão ficar na seguinte posição.

- Na frente os Oloye (Iyá, Ogã e Égbón com Cargo)
- Após os anteriores os Égbón na sua devida ordem
- Após os anteriores os Iyawo na sua devida idade e ajoelhados
- Após os anteriores os Abiyan na sua devida ordem e ajoelhados

43 – Mulher de Orisá Masculino não deve usar as duas abas no gele. Podem usar uma aba do lado direito ou nenhuma aba no gelê.

44 – Mulher de Orisá Feminino deve usar abas no gelê, discretas ou não, conforme o gosto.

45 – Mulheres de Orisá Masculino devem evitar usar brincos grandes e excesso de pintura, principalmente durante os rituais de Orisá, pois não é do agrado do Orisá.

46 – Os Orisás que forem ser vestidos, serão vestidos primeiro pelas Ekédes. Na ausência das mesmas pelos Égbóns. Na ausência destes, pelos Iyawo autorizados pelo Babá/Iá.

47 – Durante as Festas de Barracão os Iyawo e Abiyan deverão permanecer sempre abaixados. Se for necessário fazer alguma coisa a Hierarquia deverá ser seguida. Exceto quando solicitado pelo Babá.

48 – Sempre que os Ómó-Orisás (filhos-de-santo) dormirem no Ilê, devem estar cientes que:

- **NINGUÉM PODERÁ FICAR DORMINDO PELA MANHÃ, DEPOIS QUE O BABÁ/IÁ JÁ ESTIVER EM PÉ.**

49 – Todos os Ómó-Orisá devem respeitar as pessoas que estiverem de Kelê. Elas não devem ser incomodadas e não podem passar nervoso ou transtornos.

50 – Sempre que o Ómó-Orisá estiver recolhido no Ilê-Orisá, deverá ficar de cabeça baixa.

4.1.4 RESGUARDO PARA OS ÓMÓ-ORISÁ DE KELÊ

1. O KELÊ É SÍMBOLO DA SUJEIÇÃO DO IYAWÔ AO SEU ORISÁ, SÍMBOLO SAGRADO, INTOCÁVEL. SOMENTE O BABALORISÁ TEM O PODER DE TIRÁ-LO. SUA QUEDA CONCRETIZA A OBRIGAÇÃO DE FEITURA.
2. MANTER O KELÊ COBERTO COM FITA BRANCA, EXCETO QUANDO NO ILÊ ORISÁ OU EM SUA CASA. É PROIBIDO SAIR NA RUA COM O KELÊ À VISTA.
3. MANTER O ORÍ (CABEÇA) COBERTO COM GELÊ BRANCO OU BONÉ BRANCO. OS FILHOS DE SANGÔ NÃO PODEM USAR BONÉ OU CHAPÉU. DEVEM USAR GELÊ BRANCO.
4. TOMAR DOIS BANHOS DE AGBÔ POR DIA. TOMAR UM BANHO DE AGBÔ PELA MANHÃ AO ACORDAR E UM BANHO DE AGBÔ APÓS ESCURECER. SE A PESSOA FOR À RUA POR QUALQUER FATOR DEVERÁ TOMAR OUTRO BANHO DE AGBÔ ASSIM QUE CHEGAR EM CASA OU NO ILÊ.
5. OS BANHOS DEVEM SER FRIOS.
6. PARA TOMAR O BANHO DE HIGIENE PODE-SE USAR SABÃO DA COSTA (OSÊ DUDÚ) OU SABÃO DE CÔCO.
7. É PROIBIDO O USO DE SABONETES, SHAMPOOS, PERFUMES, LOÇÕES, PINTURAS, BRINCOS, ANÉIS, COLARES DE ENFEITE ETC.
8. É OBRIGATÓRIO O USO DO ILÉKÉ DO ORISÁ, ORISÁ DE CABEÇA, DURANTE TODO O PERÍODO DE KELÊ. INCLUSIVE PARA TOMAR BANHO E PARA DORMIR. OUTROS ILÉKÉ PODERÃO SER USADOS JUNTO COM O DO ORISÁ DE CABEÇA.
9. É PROIBIDO OLHAR NO ESPELHO.
10. É PROIBIDO USAR ROUPAS DECOTADAS TRANSPARENTES E OU INADEQUADAS.
11. É PROIBIDO SENTAR EM CADEIRAS OU BANCOS. O ÓMÓ ORISÁ DEVE SENTAR-SE EM ESTEIRA NO CHÃO.
12. TEM QUE USAR CANECA E PRATO DE ÁGATA DURANTE O PERÍODO DO KELÊ. NA EXCEÇÃO USAR LOUÇA BRANCA.
13. É OBRIGATÓRIO COMER COM A MÃO.
14. É PROIBIDO PEGAR EM GARFOS, FACAS, NAVALHAS, TESOURAS E OUTROS QUAISQUER OBJETOS CORTANTES OU PONTIAGUDOS.
15. O ÚNICO REFRIGERANTE PERMITIDO É O GUARANÁ SEM GELO.
16. É PROIBIDO BEBER COISAS GELADAS E OU COISAS QUENTES DEMAIS.

17. É PROIBIDO TOMAR SUCOS DE FRUTAS TAIS COMO: LARANJA, LIMÃO, MELÃO, MELANCIA, CARAMBOLA E OUTRAS QUE SEJAM ÁCIDAS OU QUE RASTEJAM.

18. É OBRIGATÓRIO COMER COMIDA FEITA COM ÓLEO DE MILHO, DE ARROZ, DE GIRASSOL OU DE AZEITE DE OLIVA.

19. É PROIBIDO O USO DE ÓLEO DE SOJA OU AZEITE DE DENDÊ.

20. É PROIBIDO IR A VELÓRIOS, VISITAR PESSOAS DOENTES, IR A HOSPITAIS. (O IDEAL É A PESSOA CUMPRIR O RESGUARDO NO ILÊ, OU SE NÃO FOR POSSÍVEL NA PRÓPRIA CASA).

21. É PROIBIDO FICAR SAINDO NA RUA.

22. É PROIBIDO COMER COMIDAS PICANTES OU COM EXCESSO DE SAL.

23. É PROIBIDO COMER ALHO E TEMPÊROS PRONTOS.

24. É PROIBIDO COMER:

- ALHO
- TEMPÊROS PRONTOS
- BEBIDA ALCOÓLICA
- FEIJÃO
- LENTILHA
- ERVILHA
- CENOURA
- VAGEM
- CHUCHU
- ALFACE
- COUVE-FLOR
- CARNE
- CAFÉ
- MANDIOCA
- FARINHA DE MANDIOCA
- FRUTAS ÁCIDAS

25. SE O RESGUARDO DO KELÊ FOR DE FEITURA DE SANTO, O FILHO DE SANTO:

- DEVE USAR OS EKÃN POR UM ANO (IFUNPÁ – EKÃN DOS BRAÇOS, IGBADI – EKÃN DE CINTURA).
- DEVE USAR O INHÃN (ILÉKÉ DO SANTO DA PESSOA) POR UM ANO.

- É PROIBIDO IR A PRAIA ATÉ A OBRIGAÇÃO DE 1 ANO
26. O FILHO DE SANTO DEVE EVITAR PASSAR CONTRARIEDADES.
27. O FILHO DE SANTO PODERÁ COMER:
- ARROZ
 - BATATA
 - CEBOLA
 - PEIXES DE ESCAMA
 - OVOS
 - MACARRÃO COM MÔLHO BRANCO
 - QUEIJOS
 - PÃES
 - MANTEIGA
 - DOCES
 - CHICÓRIA
 - RÚCULA
 - ALMEIRÃO
 - CHÁS
 - CHOCOLATE
 - LEITE
28. DEVERÁ DAR DOGBALÉ (DOGBALÉ – SANTO HOMEM/IKÁ – SANTA MULHER) E PAÓ COM A ESTEIRA. ORISÁ MASCULINO LEVA A ESTEIRA ENROLADA NO OMBRO DIREITO. ORISÁ FEMININO LEVA A ESTEIRA ENROLADA EMBAIXO DO BRAÇO DIREITO.
29. NÃO PODERÁ TOCAR NINGUÉM CORPORALMENTE E NEM PERMITIR SER TOCADO POR NINGUÉM.
30. É PROIBIDO FAZER SEXO.
31. É PROIBIDO TOMAR CAFÉ OU BEBIDAS ALCOÓLICAS.
32. É PROIBIDO FALAR PALAVRAS OBSCENAS.
33. É PROIBIDO PARTICIPAR DE RODINHAS COM PRSSOAS FALANDO ASSUNTOS DESRESPEITOSOS OU PESSOAS QUE ESTEJAM TOMANDO ALCOOL.
34. É PROIBIDO TOMAR CHUVA.
35. É PROIBIDO TOMAR SOL QUENTE PRINCIPALMENTE DAS 12:00 HS E DAS 18:00 HS.

36. É PROIBIDO TOMAR SERENO.

37. É PROIBIDO O USO DE CIGARROS.

4.1.5 DIA DA SEMANA RESERVADO AOS ORISÁS

- SEGUNDA-FEIRA

SEU, EGUNGUN, OLUAYE E OMULU

- TERÇA-FEIRA

OGUN, IEMOJÁ, NANA, IYEWÁ E OSUMARE

- QUARTA-FEIRA

SANGÔ, OBÁ, ÓYA, ORSÁ OKÔ, ORIOKE E IROKO

- QUINTA-FEIRA

LOGUN ÉDÉ, OSÓSE E OSAIN

- SEXTA-FEIRA

OSALÁ

- SÁBADO

ÓSUN

4.1.6 LOUVACÕES

EXÚ	LARÔI EXÚ LAROIÊ
OSUN	OGUN IÊ PATACORI JÉCI JÉCI OGUN IÊ LAROI OGUN
OXOSSI	OKE ARÔ BAUMBAXÊ ODÉ COKÊ MAIÓ
OLUAYE	ATOTÔ AJUBERÚ SAPATÁ JUNÇUM ATOTÔ
IROKO	IROKO ISÔ
OSSAÍN	EUÊ EUAÇA EUÊ AGUÊ EUÊ OSSAÍN
OXUMARÊ	ARROBOBOI ATIMOFÉ AGUIDIORO
NANA	SALUBA NANA NICATICATÁ
LOGUN EDÉ	IÉRUN AÔ IÉRUM AÔ LÔCI LÔCI LOGUN
IYÁ MI	OKORO NIYE
OXUN	ÓRA IÊ IÊU OXUN IÁMI QUENCHÉN QUENCHÉN COLIBÁRI CÂNI CÂNI FURIUBALÉ FURIUBOCÂN IRI IÊ IÊU OXUN
ORIOKE	GBAMÚ GBAMÚ
OBÁ	OBÁ XIRÊ
IEWÁ	IEWÁ IRRÓ
OIÁ	E PARRÊI OIÁ E PARRÊI GUERREI É LOIÁ E PARRÊI GUERREI IÁ MEZÂN
IEMOJÁ	ODOIÁ IERÚIA ODOIÁ ODOMI IEMOJÁ OGUNTÉ OBÁ OLOKUN OBÁ OLOÇA OMIFEFÉ OLOROMIÓ ODOIÁ IERÚIA
ORIXÁ OKO	OBAROIÊ OBAROIÊ OXÁ OKO
XANGO	CAÔ CABIECILÉ OBÁ NIXE CAÔ CABIECILÉ
IFÁ	MOYIBÓ MOYIBÓ
OXALÁ	XEUÊPA BABÁ XEUÊPA BABÁ

ÊPA ORIXA ORIXÁ ÊPA

5 ÌYÁLORÌSÀ MÃE VALERIA DE LOGUN ÉDE

*Toda Ìyálòrisà foi uma Ìyàwó,
Mas nem toda ìyàwó será uma Ìyálòrisà.*

Valeria Pessoa Romero nasceu em Fortaleza - CE, em 24 de junho de 1942. Teve sua infância e juventude no interior de Itapipoca. Mulher guerreira, montava em cavalo, cozinhava, tomava conta da fazenda dos seus pais, casou, teve três filhos. A Inês, a Ana Luzia (falecida) e o Romero Neto. Ajudava a administrar a exportação de couros e uma fábrica de castanhas e, de repente, se encontra numa mesa de búzios e eles dizem que ela iria ser mãe de santo.

Figura 33 – Ìyálòrisà Mãe Valeria de Logun Ede repousando num hotel fazenda – ano 1981



(Foto acervo do Terreiro)

Figura 34 - *Ìyálórisà* Mãe Valeria de Logun Ede, ano 1990.



(Foto: acervo do Terreiro)

Sua iniciação aconteceu nos anos de 1972 e 1974, em Fortaleza, por intermédio da *Ìyálórisà* Iraciana de Santana, nascida em uma casa de candomblé, iniciada no primeiro ano de idade. Era de *Ològúnede*, trazida pela Mãe Ilza de Oxum. Após o falecimento da Mãe Iraciana, Mãe Valeria deu obrigação de sete anos com o *Babalóòrìsá* Nilton de Logunede, da linhagem do Ile Axe Opo Afonje, filho de Obagnaju, neto da Natalina de Oxum, também trazido por Mãe Ilza de Oxum. Com a morte do Pai Nilton, a Mãe Valeria fez obrigação de vinte e um anos, em São Paulo - SP com o *Babalóòrìsá* Leo de Logunede, neto do *Babalóòrìsá* Valdomiro de Xango, do Gantois, conhecido como o Baiano.

Figura 35 - *Ìyáloriṣa* Mãe Valeria de Logun Ede - ano 2002



(Foto: acervo do Terreiro)

Mãe Valeria, após fundar o seu próprio Terreiro, em 1976, o Ilé Asè Omo Tifé, Ketu, que está sob sua orientação até hoje, fez vários Filhos e Filhas de Santo.

Figura 36 – *Ìyáloriṣa* Mãe Valeria de Logun Edé ano 2011



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

O pensamento da *ÌYÁLORÌŞA* a respeito dos filhos em relação ao comportamento na religião e na sociedade: “Honestidade consiste principalmente em expressar um pensamento exatamente como ele é percebido sem hipocrisia ou qualquer motivo vulgar para prejudicar os outros, onde naturalmente só um fraco não tem coragem nem moral para expressar o que honestamente sente. Essa disparidade entre palavras e pensamentos, cria no Ori (cabeça) um enfraquecimento e dificuldade em resolver problemas nossos e dos outros. Isso empobrece a capacidade mental do indivíduo e o dinamismo da determinação. Um caráter duvidoso (fraco) tem dificuldade no progresso da peregrinação da vida. De fato, a verdade no seu sentido essencial é a expressão dos sentidos honestos, mas a verdade no seu sentido profundo com harmonia dos pensamentos é a convicção da honestidade. Portanto, temos que estar prontos para disciplinar e comandar nossa força mental, podendo assim ser respeitados, para poder ser aceito a nossa autoridade”.

Outra reflexão da *ÌYÁLORÌŞA*: “Um eco em mãos dignas vale mais do que um quadrúpede em mãos adversas”.

São 35 anos de batalhas, sob o comando da nossa Mãe Valéria de Logun Ede, para manter o Terreiro Ilé Axé Omo Tifé; convivendo diuturnamente com a intolerância religiosa, com as finanças para fazer as obrigações que a Casa exige. Grande articulista junto à sociedade cearense e possuidora de uma argumentação forte e sutil, usando sua oralidade para convencer e conseguir materializar os seus desejos. Comparo-a com a famosa Rainha NZinga Mbandi citada por Pantoja (2011, p. 66):

Nzinga significou essa insurgência diante da força militar dos europeus. A Rainha Mbundo lutou por um lugar melhor no grande negócio do comércio, que ficava cada vez mais na mão dos portugueses. Resistiu militarmente às invasões e lutou pela manutenção do poder dos Mbundo no Ndongo, obtendo, assim, o fortalecimento da linhagem Mbandi.

Deixo bem claro que concordo com o Beniste (2006, p. 296), quando ele escreve:

Um outro fator que deve ser examinado: o costume das comparações entre as antigas dirigentes com as atuais. É preciso entender que cada uma serviu e serve gerações diferentes. Elas foram talentosas naquela época, e as atuais o são nesta, pois as pessoas mudam. O que se deve entender é que não se devem ser feitas comparações de épocas, pois elas são diferentes.

Trago, porém, a comparação diante de algumas transversalidades sutis detectadas no tocante às atitudes das duas mulheres a pouco mencionadas e comparadas.

Figura 37 – *Ìyáloriṣa* Mãe Valeria de Logun Edé fazendo bolinhos de farinha na cozinha de santo do Ilé Axé Omo Tifé – ano 2013



Fonte: acervo pessoal de Norval Cruz

Lista de Omorisàs do Ilê Asè Omo Tifè

- 1° Daniel T'Oluayê (Alabé Osi)
- 2° Jorge T'Odé (Asogun)
- 3° Paulo T'Ogun (Ida Inan)
- 4° Cleilson Ty Logun Edè (Olodé Tomi)
- 5° Luzenilda T'Yemoja (Iyà Temi)
- 6° Rafael T'Osojiyan (Ajagun Alain)
- 7° Paulo T'Oluayê (Eni Bassa)
- 8° Pedrinho T'Ossayn (Ossayn Lassá)
- 9° Laís Ty Sango (Obá Modi)
- 10° Manuel T'Osalufan (Ein Onipe/ cargo: Elemasò)
- 11° Armando T'osalufan (Baba Agborisà/ cargo: alabé)
- 12° Sinara T'Yemojà (Ekede Yaroba)
- 13° Norval Ty Sango (cargo: Sarapembé)
- 14° Humberto T'Ogun (cargo: Igba Ilé Ogùn)
- 15° Ana Paula T'Oyà Igbalè (Oyà Murá)
- 16° Augusto César T'Oseremagbò (Jagun Lekó)
- 17° Rosângela T'Oyà Onyra (Erelú)
- 18° Éden T'Ossayn (Ewe Dundun/ cargo: Alabé Otun)
- 19° George T'Yemoja Sessu (Yá Ipado)
- 20° Aderson T'Osojiyan (Ajagunan Lailesè)
- 21° Ivanilson T'Odé Erinlé (Odé Odegbó)
- 22° Rosiane T'Oluayé (Igisó)
- 23° Mateus Ian Ty Ssango (Oba Sankuta)
- 24° Dayse T'Yemojà
- 25° Prícia T'Osùn
- 26° Juliana T'Oguntè

5.1 ORÍKI LOGUN EDÉ

Orisa anu a ti bitibi ilebe

(Orixá misericordioso, que usa roupas finas)

A l(l) oju tiri tiri

(Ele tem o olhar muito sagaz)

O daa d(e) eyin oju

(Ele é belo até nos olhos)

Jojo bi egbo

(Ativo como o carneiro)

Al(a) apa feri

(Ele agita os braços com imaginação)

O BA enia já o rerin Sun

(Ele briga rindo estranhamente)

O p(á) oruru si (i)Le odikeji

(Ele mata o malfeitor na casa de um outro)

Soso l(i) oworo o ji gini m(u) orun

(Agil ele acorda com seu caco e flechas no pescoço)

O gbon lyanu l(i) are eni(i)ya ti n jê

(Ele expulsa os males do corpo de alguém que os tem)

O wi be se be

(Ele assim diz e assim faz)

Sakoto ab(i) ara fini

(Orgulhoso que tem um corpo muito belo)

5.2 ARQUÉTIPO DOS FILHOS DE LOGUN EDE

Logun é o filho mítico de Oxum com Oxossi, herdando portanto, características combinadas dos dois Orixás. Tendo a se considerar que um filho possa ter mais características do pai ou da mãe, respectivamente, o que ocasionará muitas variedades no arquétipo dos filhos.

Os filhos de Logun Ede, são em geral, bem apessoados, sem defeitos físicos, donos de características exóticas, mostrando sempre menos idade do que a real.

Podem ter problemas estomacais por má alimentação.

Aspectos positivos

- Geralmente são pessoas elegantes, graciosas, com personalidade marcante.
- Possuem, em geral, dons artísticos e grande habilidade manual.
- Geralmente possuem alegria contagiante, sendo extremamente brincalhões.
- Em geral, são amantes da fartura e da vaidade, vivem bem, vestem-se bem e são ambiciosos.
- Em geral são extremamente generosos, sempre prontos a ajudar os outros.
- Com frequência, são delicados, com sentimentos nobres.
- São em geral, sociais e participativos, tendo um grande círculo de amizades.
- Com frequência vivem muitas relações afetivas e são excelentes genitores.
- Em geral sempre procuram novas atividades.
- Geralmente são líderes natos.

Aspectos negativos

- Em geral, possuem vaidade exacerbada e gastam sem controle.
- Podem ser extremamente infantis e instáveis.
- Geralmente envolvem-se em muitas relações afetivas transitórias, o que pode levar à promiscuidade.
- Normalmente acham-se superiores as outras pessoas, sendo extremamente orgulhosos.
- Podem ser extremamente sensíveis e se estiverem bem emocionalmente, estão prontos para tudo, quando contrariados, entram em depressão.
- Com frequência envolvem-se em atividades de risco ou experiências perigosas o que pode levar a envolvimento com drogas e bebidas.
- Geralmente possuem ambição exagerada o que pode levar a atitudes maquiavélicas.
- Podem ser interesseiros e falsos quando desejam alguma coisa.

*** As atuações pessoais de comportamento, pertencem à ação do Ori e não do Orixá.**

6. REFLEXÕES SOBRE O DEVIR ŞÀNGÓ

“A memória é precisamente, os fios que compõe a estampa da existência”. (OLIVEIRA)

Com o olhar e a emoção de homem negro, nesta tese, me dedico aos estudos afro-brasileiros, cruzando minha história de vida com o meu *Òrìsà Şàngó*. Narrar minha história de vida aguçou minha sensibilidade e, agora, pude perceber com encanto o meu *leitmotiv*, sendo tecido, passo a passo, nas minhas escolhas, encontros com pessoas, convites e decisões. Tudo isso indicava ou desviava caminhos de apropriação da minha ancestralidade.

Visitando meu biográfico, sinto que a minha relação com a natureza foi uma constante, desde o nascimento na cidade de Lençóis - BA. Minha mãe me mostrava o movimento do seu corpo, lavando roupa, e me deixava explorar o rio com suas piscinas naturais e cachoeiras. Meu pai foi grande referência do movimento corporal, levando-me para os passeios nas serras e poços nas cidades de Lençóis e Morro do Chapéu, na Bahia. O “cuida-te” estava presente desde o nascimento do “Cavalo Preto”, do corredor de longas distâncias, incorporando o espírito guerreiro dos africanos e a potência de Şàngó. A identificação com o vegetarianismo foi um momento forte em Alagoinhas – BA, no encontro com o Rolf Geleski. O Rolf trouxe também o movimento por meio da dança. Aprofundei o vegetarianismo com o grupo de estudos naturopáticos em Feira de Santana – BA, e começou ali o papel do cuidador, quando levei essas práticas para a AFAC – Associação Feirense de Atletas Corredores, estendendo a Corpo Inteiro em Salvador - BA e Fortaleza - CE, ao grupo de Capoeira do Mestre Bamba, no momento em que dei um curso de vegetarianismo para os capoeiristas e conseguimos trocar a cachaça pela melancia.

O meu poder de convencimento está claro na minha jornada e sinto que está calcado ao princípio ancestral do “dizer é fazer”. O dom de ensinar ficou patente no biográfico. É como um fluxo natural de um rio que vai ao encontro do mar. Então, no ato de ensinar, proferir uma palestra ou facilitar um grupo, existe uma conexão muito íntima com meu corpo, o meu saber e o meu fazer. Tudo flui. Existe uma conexão muito íntima com meu corpo, e esse corpo não é somente o físico, mas o emocional, o espiritual, o social e o cultural. O inovador apareceu no mundo externo quando criei a AFAC em Feira de Santana- BA, a Equipe Corpo Inteiro em Salvador e Fortaleza - CE, o Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana e a ONG África em mim, em Fortaleza - CE, as vivências lunares, as culinárias afro-orientais, a dança africana e, no meu interno, o inovador habita em

todas as aulas e vivências que conduzo. Esse trânsito e intimidade que sinto junto às forças da natureza, na luz ou na escuridão, demonstram a minha conexão e unidade com meu *Òrìsà Şàngó* que domina e controla as forças da natureza.

O revolucionário sempre prevaleceu, movido por um desejo de mudar e melhorar o que já existe, mesmo que tenha que destruir, para o novo ressurgir das cinzas. Percebo isso quando era ameaçado de punição como grevista, a escolha da capoeira em vez do caratê indicado pelo gerente do Banco.

Detectei também um fazer afro-brasileiro quando, na dança africana, expresse criativamente a arte de mover-se com o fogo de *Şàngó* e aqueço com entusiasmo os(as) alunos(as) com meu fogo ardente e contagiante que leva os dançarinos a se apropriarem da sua ancestralidade raiz, movida pela corrente vital que é a força da vida. Influenciado pelas características arquetípicas de *Şàngó* e, centralizo no toque do *Djembê*, o ritmo e clima dos movimentos baixos e circulares em referência à nossa mãe terra e, ao fogo da sexualidade que anuncia a alegria de viver e a pulsação da vida e o remexer do corpo.

Relendo a tese, percebo o quanto meu corpo está envolvido e tudo parte dele. Como disse Oliveira (2007, p. 107). “a minha filosofia parte desde o corpo”.

Percebi também que a religiosidade já estava presente na minha família biológica, representada pela minha bisavó, que era de *Yàsán* e praticante do Jaré. Minha vó deu continuidade ao caruru de Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa e mamãe, por problemas oculares, continuou o novenário para Santa Luzia. Fui ser coroinha na cidade de Morro do Chapéu - BA, depois, passei pelas religiões das Testemunhas de Jeová, Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Espiritismo Kardecista e, finalmente, o Candomblé. Foi ali que encontrei a ancestralidade africana mais representada. Tudo isso foi sintetizando e justifica minha empatia com o Candomblé como locus de religiosidade, de valorização do corpo e do alimento.

O ideal e desejo de liberdade está presente no *Òrìsà Şàngó*. Senti essa busca quando saí do BNB, me aposentei compulsoriamente e fundei o Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana. O ser autônomo trazia um sentimento de autonomia, potencialização e liberdade. Não existia o medo ou o receio de não dar certo ou viver em dificuldades financeiras. Os papéis de treinador e terapeuta ficaram mais visíveis. A maturidade vem sendo apropriada a cada dia, ficando mais próximo do portal da sabedoria que chegou aos meus 21 dias, no sítio Ingá, em Guaramiranga - CE.

O profissional retornou mais atento. Ficaram mais claros os papéis do homem, do pai, do cuidador, do guerreiro, do terapeuta, do corpo de *Şàngó*. Identifiquei no jovem Norval

a sua intimidade com o fogo de *Şàngó* por meio dos raios e fagulhas que saíam da espada serpenteando no solo, numa comunhão com o sagrado na festa de São João. Agora, fica mais claro para mim quando Oliveira me denominou mestre do movimento corporal.

Narrando meu tempo vivido, sem intencionar explicar ou universalizar, mas, demonstrar certo modo de viver no mundo, desperto para o espanto prazeroso de ver e reconhecer a força invisível também tecendo a minha historia.

Não me vejo um homem pronto. Sou inconstante, ativista, e o meu buscar é eterno. É um devir *Şàngó*.

6.1 Obrigação de um e três anos enquanto ogã sapembê, *şàngó ogodô* do terreiro ilê axé omo tífé da mãe valeria de logun ede

No dia 07 de dezembro de 2011, tentei deixar tudo resolvido lá fora, compromissos com a FACED - UFC, com meus clientes, com meus filhos (fiz um jantar, sopa de inhame com torradas de pão integral com tomate seco, caruru e suco de abacaxi com hortelã), deixando o Rono com a obrigação de molhar as plantas e dar comida aos meus lindos cachorros (o Bob, um *pitbull* e o Lucky, um dálmata). Cheguei atrasado, pois estava na aula do João Figueiredo (Ecorelacional) e, como estava um pouco complicada minha relação com a disciplina, pois faltei muito, tive que ficar até o final, assistindo a um filme chato passado por um dos alunos. Chegando ao Terreiro recebi, de imediato, uma bronca da Mãe de Santo, por não haver avisado do atraso e, como disse ela, o Terreiro estava em função (temos quatro feituas sendo desenvolvidas, e eu sabia disso, pois fui eu quem levou os *yao* para o odô, na serra de Pacatuba). Recebi em silêncio toda a sua descarga e fui para a Casa de *Eşù*.

Fui orientado a ir para o quarto de *Eşù*, onde iniciamos o *Èbọ*. Em seguida, fui para o banheiro, rasgaram minha roupa com que estava vestido durante o dia todo. Depois tomei cinco tipos de banhos, com diversas ervas, vesti uma roupa branca e fui para o ronco. Fiquei recolhido ao barracão, numa esteira coberta com um lençol branco, em silêncio, por aproximadamente duas horas. Depois, a Mãe de Santo veio com o Akandê, a Onira e o Alaim e aplicaram em mim o *Borí*. Retornei a deitar e, duas horas depois, já na madrugada, fui acordado para o ritual do *orô* (um carneiro e quatro galos). Recolhi novamente. Ao nascer do sol, tomei mais cinco banhos de ervas diversas, mudei outra roupa branca e recolhi. Assisti a alguns fundamentos das *yao* (pintura, perfuré...). Fiquei quieto, refletindo sobre minha vida, meus comportamentos, meus novos projetos, minha nova vida conjugal, meus

relacionamentos familiares, pois o Terreiro me leva a conviver com o sentimento de família, nuclear e social.

Na madrugada de sexta, por volta das 03 h, fui acordado pelo Akandê para tomar mais dois banhos de ervas, desta vez, na área externa do Terreiro, de calças, como parte do ritual de obrigação. Depois, vesti novas roupas brancas e retornei para a minha esteira... silêncio... dormi novamente... acordei, comi duas bananas... estava sem fome... fiz jejum, mesmo com as broncas da Mãe de Santo, pedindo para eu comer mais e mais a comida que estava arriada no Bõrí, na frente da minha esteira. Eu já estava em treinamento para os meus vinte e um dias de água (processo do livro “Viver de Luz”, da Jasmunhen) e não sentia vontade de comer nada.

Logo depois, veio o ritual do Itá. O Akandê colocou 18 pratinhos brancos, simbolizando os 16 *Òrìsà* do panteão africano, mais os ancestrais e um com obis para outro ritual. Em seguida, pediu para eu provar, pelo menos, um grão de cada prato. Fiz o que ele pediu, não comi mais porque todos os pratos tinham camarão ou ovos e, como sou vegetariano, e já estava no caminho dos 21 dias, resolvi só cumprir com a obrigação do ritual. Depois veio o Eden com o Kejiro, com as folhas de mamona e colocando um pouco de cada elemento contido em cada um dos 18 pratos, faziam uma trouxinha, enrolavam com a própria folha e colocavam o talo no centro. Fiquei observando todo aquele trabalho. Fizeram 21 trouxinhas (olhe como o 21 é forte, como ele esteve envolvido comigo nesse momento, pois iria ficar também 21 dias de preceito, com o *kélé*... senti que estava num processo de passagem... num rito... para um novo momento de minha vida..).

Depois, foi colocado num saco o restante do que sobrou dos pratos... Em seguida, juntamente com os quatro yaos, sendo eu por último, fizemos vinte e uma voltas no barracão, cada volta com a trouxinha na mão, ao som dos atabaques, entregando à mãe de Santo, que colocava em cada saco correspondente a cada *Yao*. Ficamos recolhidos depois, enquanto todo o material era retirado do barracão, inclusive meu carregamento, que, após colocado numa bacia em minha cabeça, dei uma volta no barracão e entreguei ao *ogã* para despachar. Logo após, retornei a minha *éni*, fiquei quieto até que a Mãe de Santo me chamou para sair do barracão, caracterizando, assim, a minha suspensão e término da minha obrigação.

Saí com o *ogã* Armando, batendo *pao* em todos os Quartos de Santo, no barracão e, finalmente, a minha Mãe de Santo. Já na cozinha, onde ela estava, fiquei e fiz meu prato de inhame com gersal e azeite, delicioso; quis comer uma tapioca que estava sendo servida a todos, em comemoração ao aniversário do Alaim, mas a Mãe de Santo deu uma bronca, dizendo que era a maior quizila para aquele meu momento. Fiquei calado, quieto na minha

esteira, degustando meu inhambe. Depois, subi aos meus aposentos para estudar, mediante pedido de autorização a Mãe de Santo, que concordou.

6.2 Corpo de Sàngó

“Não existe senão um só templo no Universo e é o Corpo do Homem. [...] Curvar-se diante do homem é um ato de reverência diante dessa Revelação da Carne. Tocamos o céu quando colocamos as mãos num corpo humano”. (NOVALIS)

O corpo é história...

O corpo não esquece...

O corpo é memória...

O corpo guarda...

O corpo recicla...

O corpo sente...

O corpo emociona...

O corpo fala mais do que as palavras...

O corpo é antítese...

O corpo é tese...

O corpo é síntese...

Na cosmovisão africana, o corpo é transversal a todas as dimensões da ancestralidade, sendo que “o corpo é visto como um ‘conjunto de lugares de culto’ um centro para onde convergem elementos ancestrais.” (SODRÉ, 1997, p. 32). Dessa forma, não há uma separação entre corpo e cosmo: “o corpo é ponto de interseção entre a existência individual e o cosmo.” (Op. cit., p. 32).

Nessa perspectiva, nada é separado. Fazemos parte da natureza e o corpo é natureza, pois existem dentro dele todos os elementos do universo. Mãe Stella (2002, p. 28) relembra: “Nós vemos nosso corpo como um templo. Por quê? Porque todos os seres são formados das partículas de cada um desses elementos que são a Terra, a Água, o Ar e o Fogo”. Na Antroposofia, o homem é visto como um ser que compartilha semelhanças com os

reinos mineral, vegetal e animal, mas que também se distingue deles com a presença da sua autoconsciência em relação à natureza.

Contrária à dicotomia cartesiana, na ancestralidade africana, o corpo é uno, é um microcosmo, inseparável. Sodré chama atenção para a ligação entre a cabeça e o restante do corpo na tradição ketu-nagô:

[...] compõe-se o corpo de duas partes inseparáveis: ori (cabeça) e *aperê* (suporte). Ser equivale a ter corpo. O ser humano é indivíduo-corpo com elementos singulares e intransferíveis na cabeça, ligados a seu destino pessoal; no suporte (*aperê*), a guarda das forças mobilizadoras e asseguradoras da existência individual... O duplo é externo ao indivíduo, mas não dicotomizado em termos de funcionamento. (SODRÉ, 1997, p. 31).

Oliveira (2007, p. 122) traz uma reflexão parecida: “O corpo, assim, é o resultado de um processo de subjetivação, por um lado, e da vinculação com os antepassados, por outro. Ele é fruto de uma interação simbólica concomitante à comunidade dos humanos e dos orixás”.

A cada momento que visito meu biográfico, sinto o quanto perpassam pelo meu corpo o *Òrìsà Şàngó* e seus símbolos; desde o nascimento, na cidade de Lençóis - BA, cravada nas rochas (símbolo de *Şàngó*), passando pelas brincadeiras nas quais o movimento era uma constante. O meu pai me levando para as cachoeiras, rios e poços todos rodeados de rochas. Eu adorava a fogueira na noite de São João. Lody (2010, p.25) reforça: “A festa de São João é, com efeito, a mais vital e a mais brilhante de todas as nossas solenizações populares, tanto em Portugal como no Brasil”.

Era lindo, vibrante e perigoso conviver com a guerra das espadas. Sobre esse assunto, comenta Lody (2010, p. 25 e 26):

É costume no Brasil acender fogueiras sacrificiais no São João (23 de junho) e no São Pedro (28 de junho). Há aí uma forte relação com o sagrado afrodescendente no processo de correlação entre o orixá Xangô e santos da Igreja Católica. A vida do fogo é feita de faíscas e movimentos bruscos. É o movimento enquanto elemento dinâmico da vida, pois São João é um culto permanente à vida.

Eu achava linda a espada acesa, cuspidando fogo e o ronco que ela provocava quando as faíscas tomavam o ar e no escuro da noite parecia uma forte chuva de fogo, o fogo do meu *Şàngó*. A minha rebeldia quando não atendi ao pedido de minha mãe para representar o Santo Antônio na procissão; a minha determinação e orgulho em sair da rede de supermercados Pinguim; o ato de respeito ao meu corpo sagrado, aderindo ao PDV (Programa de Demissão Voluntária) do BNB, diante do terrorismo provocado pela administração Byron Queiroz.

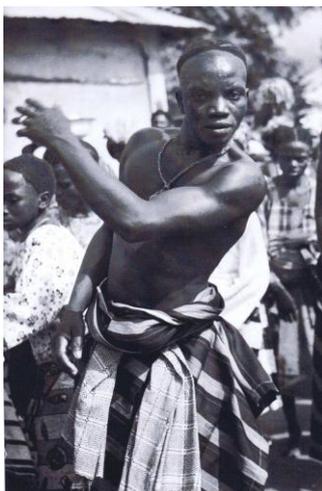
A minha garra e agressividade exercidas nas corridas de longa distância sempre me fizeram sentir guerreiro; as criações da Equipe Corpo Inteiro em Salvador - BA e em Fortaleza – CE; a comemoração dos meus 50 anos, fazendo o percurso de Fortaleza - CE para Lençóis - BA, de bicicleta, totalizando 1.800 km em doze dias, sozinho na estrada após 130 dias só comendo frutas, demonstra o devir *Şàngó*, meu *Òrìsà* de cabeça, dentro do meu corpo. Verger (2002, p.140-141) descreve:

O arquétipo de Xangô é aquele das pessoas voluntariosas e enérgicas, altivas e conscientes de sua importância real ou suposta. Das pessoas que podem ser grandes senhores cortesões, mas que não toleram a menor contradição, e, nesses casos, deixam-se possuir por crises de cólera, violentas e incontroláveis. Das pessoas sensíveis ao charme do sexo oposto e que se conduzem com tato e encanto no decurso das reuniões sociais, mas que podem perder o controle e ultrapassar os limites da decência. Enfim, o arquétipo de Xangô é aquele das pessoas que possuem um elevado sentido da sua própria dignidade e das suas obrigações, o que as leva a se comportarem com um misto de severidade e benevolência, segundo o humor do momento, mas sabendo guardar, geralmente, um profundo e constante sentimento de justiça.

Figura 38 – Símbolo arquetípico de *Şàngó*.



Fonte: foto retirada da internet

Figura 39 – *Elegun de Şàngó*

Fonte: foto de Verger

Figura 40 – *Elegun de Şàngó*

Fonte: foto de Verger

Lody (2010, p.40 e 41) reforça o pensamento do Verger, quando escreve: “Enquanto Orixá, Xangô domina o fogo, o vento, o raio, o trovão e a justiça, sendo também um símbolo viril de potência masculina. Essas características são as mesmas em área Yorubá na África e no território brasileiro”. E continua: “Şàngó ainda representa a síntese da liberdade, altivez e realeza dos dignatários africanos, além de dominar e controlar as forças da

natureza. Para o homem africano em condição escrava, *Şàngó* encarnou o ideal e o desejo de liberdade”.

6.3 Eu, *Şàngó*, diuturnamente

Após ter dormido num belo tapete, acordo por volta das 5 h da manhã, alongo meus pés, mãos, pernas, braços, pescoço, elevo minhas pernas e abro-as curtindo o estralar das articulações fêmur-bacia, ainda deitado, fecho as pernas, levo-as para além da minha cabeça até a ponta dos dedos dos meus pés tocarem no solo; depois estico meus braços até minhas mãos tocarem nos meus pés, expiro... expiro... inspiro.. expiro... expiro... inspiro e fico curtindo aquele lugar que meu corpo me proporcionou; retorno e com as pernas semiflexionadas, cruzo a perna direita sobre a esquerda e giro-as para a direita. Mais uma curtição, como se meu corpo fosse uma toalha molhada que estava sendo torcida, retorno à posição inicial e faço o mesmo movimento para a esquerda e sinto que este lado está menos flexível do que o outro... massa!

Fico feliz com esta viagem pelo meu corpo que a cada momento me mostra o seu devir, a sua singularidade, o seu recolher e a sua ampliação, como o eterno movimento das costelas flutuantes e dos músculos do peitoral quando faz o ato de inspirar e o ato de expirar, sintonizado com o pulsar cósmico universal, que o mecanicismo aplicado nos atos das pessoas em seus corpos não permite sentir essa linda sensação. Fico agora em decúbito ventral e faço uma longa retroflexão e me sinto uma cobra naja, atenta.

Recolho para a posição do sei-za, curto ela e deixo meu tronco e meus braços caírem para trás, até a minha cabeça tocar no solo. Mais uma vez, o prazer em esticar coxas, abdômen, peitorais e a retroflexão dos lombares... expiro... expiro e inspiro... retorno e vou para a posição ancestral do cócoras, com as pernas ao máximo abertas e os pés em paralelo. Nesse momento, sinto o gosto saboroso da abertura pélvica, um relaxamento nos lombares e, conseqüentemente, o nervo ciático fica agradecido e sorrindo. Saio desta posição, esticando as pernas e mantendo meu tronco próximo das pernas, numa profunda flexão de toda a posterior... expiro... expiro... inspiro e mais uma vez a sensação de estar abrindo as portas e janelas da minha casa (meu corpo) para que o oxigênio limpe as toxinas e as mazelas que entraram no dia anterior e na noite. Dou um grito e vou para a varanda que dá uma vista lindíssima para a copa das três ocas do Tempo Livre, que dorme como um leão de Judá. Expiro... expiro... inspiro e ouço o latido do Bob e do Luck anunciando a passagem de um dos meus vizinhos que diariamente sai passeando com seu *poodle*.

Continuo visitando meu corpo, agora com os movimentos da “ritmo prática” (série feita pelo Kikuchi, discípulo de George Oshawa, codificador da macrobiótica). Consiste em nove movimentos feitos com repetição de até 200 vezes, que são: flexão frontal com pernas fechadas, flexão frontal com pernas abertas, rolamento dorsal completo, flexão frontal com pernas dobradas, deitado com as pernas cruzadas fazer elevação das coxas e batidas de mão na região do colón simultaneamente, abertura de braços, movimento lateral, frontal e semirrotação da cervical. Em seguida, visito os movimentos do Jon Suk Yong que são: o sapinho, o João teimoso, acelerador, sapinho, vaso capilar tudo feito num clima de paz interior, em processo meditativo, sentindo o movimento em conexão com o processo respiratório e aberto aos diversos lugares que cada posição e cada repetição (que não é repetição) de um determinado movimento nos leva a lugares nunca antes visitados.

Vou para o banheiro e tomo uma ducha fria com uma fricção de bucha natural. Tomo meu tradicional limão com água, como preventivo para várias doenças. São 05h30min, pego minha bicicleta e vou até a Praia do Futuro, a 5 km da minha casa, atender um cliente. Início com uma conversa sobre as reflexões da sessão anterior e ele me disse que a minha metodologia de trabalho o situa no lugar de profundas reflexões sobre a gestão do seu corpo e que é um “desprogramar” do corpo. Reforço sua percepção, dizendo que trago sempre os movimentos no plano médio baixo porque o nosso cotidiano deixa nossos corpos em posições lineares, ou seja, em pé, sentado ou deitado, 99% do dia e da noite, por isso, a corda na porta do Tempo Livre, por isso o movimento do salto rã, do tigre e do caranguejo, pois o nosso corpo ainda está aprendendo a ser bípede. Dores nas costas, problemas de coluna estão ligados à rigidez dessa região diante das posições antiecológicas e de uma vida distante da natureza. Até a evacuação está sendo efetuada em posição sentada, e, às vezes, a pessoa leva uma revista, um livro e até o *notebook*, para um momento que considero sagrado, pois ali está representada a síntese do que ingerimos. Relembro uma cena do filme “O Pequeno Imperador”, onde o discípulo que cuidava do menino sempre cheirava as suas fezes na busca de anormalidades e, sabemos nós, naturopatas, que elas falam da nossa condição interna (e quantos passam dias sem evacuar).

A sessão continua com o movimento de andar na areia fofa deslocando na base zekuti dachi (base usada em algumas lutas marciais, que consiste em manter a perna de trás semifletida e a da frente esticada). O cliente, nesse movimento, ficou encabulado, porque não conseguia levar a perna da frente esticada. Ela sempre chegava fletida ao seu destino. Expliquei para ele que a consciência corporal não se adquire com uma ou duas sessões, pois, como executivo de uma grande empresa, ele está usando a maioria do tempo a sua

racionalidade. Então, é como se ele fizesse um corte no seu pescoço e, logicamente, se esqueceu do corpo. É como se a cabeça estivesse em Fortaleza - CE e a perna em São Paulo - SP. Ele sorriu e concordou com minha abordagem.

Reforcei a ideia de que o corpo sensível é a busca do meu trabalho. Sentir o corpo, se emocionar com o corpo inteiro, fazem parte da vida ecológica. Perguntei a ele se o corpo era uma máquina e ele respondeu: “Sim”. Fiz uma segunda pergunta: “quem chegou primeiro: o corpo ou a máquina?”. Ele respondeu: “o corpo”. Fiz uma terceira pergunta: “quem fez a máquina?”. Ele respondeu sorrindo: “o homem”. Sorrindo, respondi: “então o criador (o corpo) não pode ser igual à criatura (a máquina)”. Então, o corpo não é máquina, mas, como estamos diuturnamente convivendo com máquinas (carro, telefones celulares, fogão, geladeira, computadores, *data shows* etc.), é natural nosso corpo ser visto como máquinas e ser tratados como máquinas.

Perguntei se ele tinha assistido ao filme do Chaplin “Tempos Modernos”. Ele disse que sim. Então, expliquei, ali está uma visão do modelo capitalista da gestão onde o mecanicismo prevalece, onde o cartesianismo domina. Por isso, apesar da beleza do meu espaço, o Tempo Livre, levo meus clientes para essas áreas abertas, junto à natureza, para contrapor com aos ambientes climatizados (hoje sinônimo de valor), salas quadradas e fechadas, roupas apertadas no padrão europeu (como são antiecológicos a gravata e o paletó... a pessoa não respira naturalmente), ele deu uma gargalhada. Pedi licença a yemanjá, saudando-a (odoiá). Tomamos um gostoso banho e depois fomos tomar uma água de coco, abrimos o coco e comemos a sua polpa que estava deliciosa. Fiz a tradicional pergunta: “como se sentiu no treino?” - ele respondeu que estava mais consciente da necessidade de compensar as posições e os sentimentos como parte da regulação do seu corpo. E, a partir daquele dia, ele jamais iria jogar o coco verde no lixo, sem antes comer a sua deliciosa polpa.

Após o atendimento, fui fazer um percurso de 30 km com a bicicleta. Momento de reflexão e meditação pela estrada que me levou até a região do Porto das Dunas. Região lindíssima. Logo após fui fazer um treino com a Suyanne, pelas trilhas do Parque do Cocó. Foram 30 minutos de trote, num ritmo moderado. Paramos nos bancos do parque e fizemos uma série de força (salto rã para trás com parada de um minuto na posição de cócoras), cumprindo uma planilha que passei para ela, visando à participação na corrida Internacional de São Silvestre. Perguntei como se sentiu no treino (hábito que faço a cada término da sessão individual ou grupo) e ela respondeu que visitou a sua guerreira interna, estava muito feliz, potencializada e alegre por estar sentindo mais seu corpo e que aqueles momentos vivenciados serviam de aquecimento e preparação para o seu dia.

No retorno, observei o meu *Şàngó* me chamando através do sol escaldante das dez horas... expiro... expiro... inspiro, faço um suco de melancia com gengibre, degusto uns 500 ml, passo azeite de dendê no meu corpo negro e, descalço, saio em direção às dunas da Praia do Futuro. O asfalto estava quente, *Şàngó* na terra, expiro... expiro... inspiro e sigo. Meus pés tocam na areia morna, na relva com sua rugosidade, algumas molhadas do orvalho da noite. Iansã, através do vento vem saldar meu *Şàngó* e meu corpo começa a aquecer, *Şàngó* em movimento, expiro... expiro... inspiro... e sigo em direção à Praia do Caça e Pesca, local belíssimo de encontro de *Òşun* (rio Cocó) com *Yèmonjá* (o mar). A maré estava vazando. Entrei a uns 200 m da embocadura, nadando a favor da corrente, em diagonal até chegar à outra margem... momento de alto relaxamento, continuei a corrida, então num ritmo mais forte, pulsação a 160 batimentos por minuto, aparecem as dunas, umas baixas, outras altas, expiro... expiro... inspiro e acesso-as no salto rã. Foram mais de 100 saltos, retorno na parede da duna como um réptil deslizando, ora em decúbito ventral, ora dorsal, profunda massagem com minha mãe terra.

Agradeço naquele momento ao meu *Şàngó* pela potência que ele me dá através do meu corpo. Volto a subir na posição do tigre que às vezes me sinto leão, grito... grito mais alto... mais forte... chegando à crista da duna, celebrando com batidas das mãos na terra como um grande djembe. Olho para *Yèmonjá* (o mar) e saio correndo em sua direção. Quando chego à praia, fico na posição do tigre novamente, e entro recebendo-a através das ondas, expiro... expiro... inspiro e agradeço aquele momento de liberdade e potencialização do meu corpo. Retorno para as dunas quentes, num ritmo acelerado, sinto *Òşóòsì* me chamando para visitá-lo e aceito o convite. Entro na trilha da mata úmida, canto dos pássaros, viro jacaré, atento ao aparecimento de outros reptéis, subo a um cajueiro e sinto-me um macaco, expiro... expiro... inspiro, o cheiro do azeite de dendê fica mais forte entrelaçando com o cheiro do meu suor... curto, agradeço a *Òşóòsì* e a *Òsónyìn* pela dádiva recebida e volto a correr em direção à minha casa, feliz e satisfeito por ter esse corpo pulsátil e energético, vivo e inteiro. Foram duas horas e meia de treinamento e estava tranquilo e em paz comigo mesmo. Em casa tomei mais 500 ml de suco de melancia com gengibre e um banho com minha querida bucha natural.

O contato com *Şàngó* vem também pelo do fogo, quando cozinho, e cozinho diariamente, gosto, foi um legado da minha bisavó Bárbara e da minha vó Nanega, que eram exímias cozinheiras de forno e fogão, como se diz no popular. Cortei um inhame e cozinhei no vapor, passei no espremedor e fiz uma farofa adicionando azeite de oliva, salsa picada, pimenta e *missô*, pasta fermentada durante seis meses, feita de soja com sal. Fiz uma salada de acelga com tomate limão e *shoyo*, líquido fermentado feito com água, soja e sal, para

equilibrar o prato cozido. Ficou uma delícia. Aliás, a maioria das pessoas que tem a oportunidade de degustar meus pratos, os acha deliciosos e sempre fala para eu colocar um restaurante. Uma das minhas monitoras, a Desterro, exímia cozinheira, sonhava em colocar um restaurante como extensão do Tempo Livre, e já tinha até o nome de “Casa Cheia”. Esse nome foi surgido em função do Tempo Livre sempre estar cheio de gente. Um repouso de 30 minutos na rede da varanda sempre faz parte do meu cotidiano.

Às 15 h fui atender a uma cliente executiva e, como era a primeira vez, apliquei um questionário diversificado, dando ênfase ao quadro “a última vez que”, porque ali tem perguntas do tipo: tirou férias, tomou banho de mar, foi ao cinema, foi ao teatro etc., e ela ficou impressionada diante das perguntas sobre as férias, pois havia mais de dez anos que não tirava, sobre a bicicleta que ela nunca tinha aprendido e do cinema que tinha uns três anos, além de nunca ter ido às dunas a pé (pois as pessoas vão sempre de bugre ou nos luxuosos 4x4, com ar-condicionado e vidro fumê mantendo distância da natureza e poluindo-a). O teste de flexibilidade da posterior deu um resultado de 5 cm, considerado ruim e comprometedor, diante dos fatores de riscos para lombalgia e cialgia. Ela confessou que tinha fortes dores na coluna. Indiquei o livro “A Doença como Caminho” e pedi para fazer os alongamentos prescritos numa das apostilas da Casa.

Fomos para a Oca-Mãe fazer o que chamo de “gênese corporal” ou “Acordar Corporal”. Pedi para ela dramatizar o seu acordar daquele dia. Ela, deitada, olhou para o relógio e levantou rapidamente e “foi para o banheiro”. Dei um sorriso e dramatizei o acordar de uma criança e dos meus dois cachorros, enfatizando que eles sempre espreguiçam, bocejam e se sacodem quando saem da inércia, e que, naquele momento, o corpo estava sendo apropriado, tocado, sentido, olhado, massageado, alongado. Simboliza um renascimento, um cuidado. É o acesso ao sagrado, antes de ir para o profano, para a racionalidade.

Baseado nessa constatação, pedi a ela para ir para o centro da Oca e tentar dramatizar o “acordar corporal”, tendo como estímulo uma música de Duke Hellington, um tempo de aproximadamente três minutos e a “cama” de 15 m de diâmetro. Ela fez dois movimentos, não teve paciência de curtir a música (jazz) nem usou o espaço. Fiquei em silêncio, pedi a ela para ficar sentada observando eu fazer o meu “acordar corporal” naquele momento. Apropriei-me da lentidão, de movimentos diversos dando ênfase aos rolamentos, usando metade do espaço da oca e terminando na janela. Ela ficou impressionada. Perguntei quais foram as diferenças, explicando que estas não necessariamente querem dizer melhor ou pior, feio ou bonito, não precisam ser hierarquizadas, são apenas diferenças. Ela só reconheceu a falta de diversidade nos seus movimentos. Tentei instigar outras diferenças, mas

ela não conseguiu detectar. Então disse para ela que não foi usada a “cama” de 15 m de diâmetro e que seus ritmos corporais estavam mais rápidos do que a lentidão da música. Ela reconheceu e fez uma analogia com os seus ritmos de vida e com a rotina (espacial) que ela impõe no corpo, gerando rigidez e ausência de liberdade. Citei a história do pássaro que ficou na gaiola por vários anos e quando a porta se abriu ele ficou com medo de sair. O corpo estava condicionado. Lembrei Suk Yong: “A água parada apodrece”.

Orientei-a a voltar para o mesmo lugar no centro da oca, e agora, com as observações feitas, ela iria tentar um novo “Acordar Corporal”. Desta vez, ela fez mais alguns movimentos e deslocou uns 3 metros para o lado direito da oca. Bati palmas, sorri e perguntei o que sentiu desta vez. Ela, sorrindo, disse que se sentiu em liberdade e mais relaxada. Concluí, observando que o movimento corporal transforma e nos leva para lugares nunca dantes visitados.

Já eram 16h30min. Fui me preparar para a aula de dança africana que facilito na UFC pelo NACE – Núcleo de Africanidades Cearenses, que acontece no Teatro Universitário, na sala de dança, nas quartas, das 18 h às 19 h. São aproximadamente 15 alunos(as), mais mulheres (sinto um certo preconceito dos homens com relação à dança). Iniciei com um círculo, todos trazendo seus informes socioculturais. Tinha uma nova dançarina. Perguntei seu nome e o que a tinha levado a estar ali. Todos sorriram e ela, meio envergonhada, disse que foi convidada pelo João. Perguntei se ele tinha falado mal de mim. Mais sorrisos, e ela respondeu que não. Expliquei para ela que era um trabalho voluntário, vinculado à UFC – NACE, com a finalidade de apresentar a cultura de matriz africana e sua ancestralidade. Disse também que, apesar de algumas alunas quererem ser a primeira bailarina, ali não havia esse título e muito menos apresentações para diretores, presidentes, prefeitos e governadores no Dia Internacional da Mulher. Risos e gargalhadas.

Pedi delicadamente para todos ficarem de cócoras e derramei sementes de milho de pipoca e de mulungu no chão da sala. Coloquei dois alguidas no centro e orientei-os a catar, semente por semente e colocar nas respectivas vasilhas. A vivência foi ao som do djembe, tocado por mim, e cantada por todos (laê... laê... laê... laê... laê). Em seguida, foi executado um ritmo afro-raiz acompanhado do movimento de cravamento de pés e mãos. A seguir, uma música do Thomas Mapfumo, depois uma longa do Mamada Keita, onde trabalhamos os gestos de doação para cima, no meio e embaixo, e finalizamos com um *reggae* da banda Mato Seco. Pedi para todos deitarem no solo e fiz um relaxamento com reflexão sobre o corpo, dizendo: O universo gira... a terra gira... o cosmo gira... as ondas giram... os animais giram... as árvores giram... o vento gira... o fogo gira... a água gira... a cabeça gira... o

pescoço gira... o alimento que degustamos gira... o estômago gira... o sangue gira... o corpo gira... a vida gira... girar é mover... mover é viver... viver é amar... ame a vida... respire... sinta a expansão do seu corpo durante a inspiração... sinta o recolhimento do seu corpo durante a expiração, mova lentamente as mãos, os pés, os braços, as pernas, o pescoço, o tronco e sente-se lentamente.

Fizemos um círculo e compartilhamos o vivido. Frases ditas por alguns alunos:

- Gratidão, sinto-me uma guerreira agora!
- estava com dor de cabeça, não queria vir, mas cheguei e entrei nesse campo energético e a dor sumiu. Fico muito agradecida.
- Estou me sentindo bem, alegre e vejo que minha vida tem mudado depois que comecei a fazer essas sessões de dança africana. Estou mais potencializada e usando mais minha guerreira. Gratidão.
- Tive um dia agitado, estava cansado, mas quando entro aqui tudo muda. Estou outro. Muito agradecido a você, Norval e ao grupo.
- Vejo que as aulas nunca são iguais. Isso me instiga a vir. Quebra minha rotina do dia. Obrigado.
- É totalmente diferente das minhas aulas de dança de salão. Me senti mais livre e solta. Obrigada.
- Estou chorando porque fui agredida hoje e não reagi. Sempre fui orientada a ficar calada... a dança me fez refletir... vou mudar meu comportamento.

Houve um silêncio e todos tinham partilhado suas emoções e sentimentos. Agradei e falei para o rapaz que a rotina só aparece quando mecanizamos o movimento. Falta dar mais sentido, emoção e ritualizá-lo. Para a menina que estava chorando, disse o que ela fez para deixar entrar a merda. Escudo e agressividade são ações naturais na vida. Ali, ela estava aprendendo a ser guerreira, a se defender e atacar se for preciso. *Àșe* a todos. Até a próxima quarta.

Percebo o meu fazer perpassando pelo arquétipo de *Șàngó* e, naturalmente, usando os princípios da Tradição Viva, da oralidade. Constato nos escritos do Hampaté – Ba (1987, p.168): “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é”.

Em seguida, fui para o Terreiro fazer mais um contato com meu *Șàngó*, desta vez, meu lado espiritual, pois era dia do *Àmàlà*. Levei uma lata de 20 litros de azeite de dendê para a Casa. A Mãe de Santo ficou feliz. Dei o adubalé e fui para o banheiro tomar meu banho de *abô*. Vesti minha roupa branca e sai dando *pao* em todos os Quartos de Santo, iniciando pelo

quarto de *Eṣù*, passando pelo barracão, saudando o *Àṣẹ* e os tambores e terminando no adubalé da *Ìyáloriṣa*. Depois veio a saudação (*motúmbá ogã*) para o Jorge e o Armando, por serem *Ogã* mais velhos (eles responderam: *motúmbá àṣẹ ...motúmbá*; eu respondi: *motúmbá àṣẹ*). *Ogã* mais velhos do que eu (respondo: *motúmbá*). Em seguida, todos os *yao*, *ekédi* e *ogã* me saudaram (*motúmbá ogã*) e eu respondi (*motúmbá àṣẹ*).

Fiquei sentado, ouvindo as conversas de Terreiro, lugar onde de tudo se fala. É uma escola viva. Pura oralidade. Todos aguardam a Mãe de Santo. O Alaim começa a arriar as comidas votivas dos *Òrìsà* nos seus respectivos quartos. Eu fui arriar o *àmàlà* de *Ṣàngó* no seu quarto com o acarajé de *Yàsán*, pois o quarto é dos dois *Òrìsà*; inesperadamente, sem previsão de horário, pois ela não usa relógio e nem pergunta as horas, levanta e se dirige para o quarto de *Eṣù*. Seguimo-la em silêncio, atentos. Todos ficaram sentados no chão e ela numa cadeira plástica de encosto. A mãe de Santo começou a falar dos problemas da Casa, da próxima feitura, das dificuldades financeiras etc. Perguntou a mim se já foi resolvido o problema junto à Coelce. Respondo positivo. A conta de luz está sob minha responsabilidade. Algum dos *Ómó-Orixá* pergunta sobre o *Èbọ* do seu irmão e ela respondeu que seria feito no sábado. Em seguida, ela tocou uma sineta e começou o despacho de *Eṣù*. Finalizando, eu levei a água e o Jorge levou a farofa e a vela para serem deixados na porta pelo lado de fora. A farofa e a água foram jogadas no asfalto em frente do Terreiro.

Depois, todos foram para o quarto de *Ògún*. Cantamos para *Ògún*. Depois para *Òṣóòsì*. Em seguida, deslocamos para o quarto de *Omólú*. Reverenciamos Tempo e colocamos nossas *éni* na frente dos quartos de *Ològúnede* com *Òṣun* e *Ṣàngó* com *Yàsán*. Houve o cântico para todos Eles e logo depois a Mãe de Santo jogou pipoca em todos nós que estávamos ajoelhados com a testa no chão. Todos foram para a copa jantar. O cardápio foi feijão, arroz branco e frango assado, acompanhado de guaraná. Antes da degustação, é feita a saudação ao *àjeum*. Sempre fico atento à qualidade e à quantidade de comida que é servida numa bacia para cada *Ómó-Orixá*, e, nesses sete anos de terreiro, a obesidade é patente, inclusive da Mãe de Santo. Não comi nada. Agradei a todos, perguntei se algum deles queria carona para o terminal de ônibus de Messejana e dois aceitaram. Dei adubá à Mãe de Santo, deixei os dois irmãos no terminal e retornei para casa. Eram 23h30min.

O meu olhar crítico dos corpos no cotidiano profano e no sagrado sempre permeou a minha vida de terreiro. *Ṣàngó* manifestado num *Ómó-Orixá* tem um comportamento totalmente diferenciado do corpo sem a manifestação. Segundo Lody (2010, p. 81), “Pois em Xangô vive-se profunda humanidade, referências do pai, do amante, do

justiceiro, do centralizador, da vida, da morte, da ação mais contundente do divino em âmbito concreto do cotidiano das pessoas”.

Verger (2002, p. 138), no capítulo cerimônias para *Şàngó*, descreve:

Pelo fim da tarde, quando a animação é geral, realiza-se o sacrifício de um carneiro no templo de Xangô. Derrama-se o seu sangue nas pedras de raio. A cabeça do animal é cortada. *Iyá Xangô*, acompanhada por um grupo de mulheres, segura a cabeça cortada e, balançando-a da direita para a esquerda, dá voltas em torno da praça, passando entre os grupos de *elegun*, até o momento em que Xangô, proclamando sua aceitação à oferenda, apossa-se de um deles. Um só *elegun* é escolhido por Xangô entre os numerosos iniciados, que estão, todos, suscetíveis a serem por ele possuídos. O *elegun* eleito, homem ou mulher, tornando-se Xangô, toma a cabeça do carneiro sacrificado, aproxima-a de sua boca, para lambe-lhe o sangue. A entrada em transe é, muitas vezes, violenta e o *elegun* debate-se entre os braços de seus companheiros que o sustentam e arrastam-no para o barracão. Reina um grande entusiasmo na multidão e entre os *elegun*, que se põe a girar correndo ao redor da praça, saltando e gritando: *Xangô dé! Xangô dé! Káwóó Kabiyesi* (Xangô está chegando! Venham ver (e admirar) o Rei). Xangô dança ao redor da praça, saudando os atabaques ao passar por eles, agitando seu oxé e gritando de vem em quando, com uma voz estridente: *O ká ooo! O ká ooo!* (bom dia! Bom dia!).

Observa-se o movimento corporal permeando toda a descrição do *Şàngó* incorporado, Ele transmite virilidade, atrevimento, violência, justiça, frenesi, dança, fogo, giro, salto, corrida, grito, mas também pela serenidade, como diz Verger:

O elegun permanecerá possuído por Xangô durante cinco, nove ou dezessete dias, duração da cerimônia, mas não permanecerá constantemente comportando-se dessa maneira. O estado de exaltação e de veemência enérgicas e autoritárias que Xangô impõe ao seu *elegun* é substituído por um estado de langor, de abatimento e sonolência, durante o qual se entrega a atos de caráter infantil, dito na região iorubá *tinu eru dé* (chegado 9 em seguida com as bagagens)... É um aspecto ainda mal estudado, ao qual fazemos alusão no capítulo sobre iniciação, o do comportamento que acompanha e sucede a possessão pelo deus. Lembramos que, no estado de possessão, as funções naturais do corpo do *elegun* ficam paralizadas, bloqueadas pela tensão nervosa à qual será sujeito. Segundo Crossard-Binon (op. cit., p. 163).

[...] ele não pode comer nem beber, mas no segundo estágio, quando vem a calma, as funções digestivas são restabelecidas, a deglutição é recobrada do modo que se torna possível a ingestão de alimentos. O *elegun* fala, brinca e ri de suas pilherias, muitas vezes pouco compreensíveis. (op. cit., p.139 e 141).

Na qualidade de *ogã* de *Şàngó*, não incorporo a entidade e por isso procurei o Toni, de Xangô, Yao do Terreiro *Axé Alaketu Omin Ia Ogum* do Babalorixá Silvio de Yemanjá para uma entrevista sobre o processo da possessão do corpo pelo *Orixá Şàngó*. Comento aqui algumas partes:

Norval – Tive o prazer, quando da minha saída de obrigação de um e três anos a sua presença dançando.

Tony – Xangô.

Norval – Incorporar Xangô aqui na sua casa e incorporá-lo lá no Ilê axé Omo Tifé tem diferença? O sensível muda?

Tony – Não, não muda. Existe um contexto. Naquele momento era um ogã de Xangô e, pra eu sair da minha casa e vestir Xangô em outro lugar, eu converso com meu pai e acho que Xangô se sente honrado, como eu me senti honrado de dar um nome de outro Xangô. Eu senti um prazer naquele ato, satisfação, alegria; não era um ato imposto, era consensual; era um rei pra outro rei que estava nascendo, entendeu? Eu acho que aí mistura, antes da incorporação, aquele prazer que eu lhe falei, de gostar do povo de Xangô. Então, você consegue ver agora o meu prazer de ver alguém dançando pra Xangô porque eu não posso me ver; eu sou ele, naquele momento. Dizer do corpo de Xangô incorporado, um corpo grande que flutua. Como é que um ebomi com esse corpão, com essa gordura, quando Xangô se apropria, esse corpo flutua. Assim, às vezes me dá curiosidade, uma mínima curiosidade de ver como seria, porque as pessoas falam de algo que eu estou lá. Sinto, inclusive depois de horas de um ato de Xangô, eu estou menino. Esse homem de 47 anos parece que está no vigor da sua idade de 15 anos, aquele corpinho assim... Desde cedo, desde a minha feitura, quando Xangô se vai, me deixa, eu pareço um menino. A energia que eu fico é de um garoto pronto pra começar a vida, entendeu? É como se a coisa fosse começar agora tipo, vamos começar tudo de novo. É essa energia que Xangô deixa comigo. Uma palavra que define muito bem é uma alegria. Logo que Xangô vem tem um corpo que não pega com sutileza, parece que o ar vai faltar, eu tinha receio, entendeu?

Norval – Existe a sensação de medo antes da incorporação?

Tony – De medo dessa apropriação. Não é delicado como se fala de Iemanjá e de outros santos. Uma vez eu senti uma mãozada nos peitos do nada, sem nada presente; eu ainda não era feito. Estava saindo um iupim de um ogã da casa e estávamos todos abaixados. Aí, por um instante eu levantei, a curiosidade, eu era novo, né? Quando eu levantei por um instante, senti como se alguém me empurrasse pra baixo... Aí todo mundo me perguntando o que era aquilo porque tinha vários xangôs do meu lado e eu tentando me segurar, mas era como se eu tivesse indo... foi uma das primeiras vezes que Xangô veio com uma força, com uma energia muito grande e eu procurei me retratar. Foi uma das únicas vezes que foi tão assim, sabe? E foi uma das primeiras dispersões... olha, eu estou aqui. E aí eu pude entender melhor que não seria com muita delicadeza que ele chegaria próximo a mim. Por vezes, em atos como o bori, eu senti uma mão duas vezes maior do que a minha, um corpo duas vezes maior do que o meu no meu. Você se eleva do chão, você mesmo sentado sente que você é um homem muito alto, de mãos muito grandes, entendeu? São sensações de Xangô.

Eu gosto de pedras, sempre gostei, cristais rosa, pedra de não sei o quê e às vezes eu fazia meditação com elas; Xangô vinha até a mim. Por um instante eu começava a flutuar e quando tinha algum barulho, eu voltava e as pedras terminavam quentes, nas minhas mãos.

Então assim, aquela subjetividade que você me perguntou é de alegria, até porque quando eu vim pro candomblé, não foi uma necessidade ou por uma cobrança de Xangô. Foi por pura paixão. Xangô não havia me cobrado: você está doente, você precisa fazer santo. Não, eu aos poucos comecei a me aproximar.

Norval – Qual a qualidade do seu Xangô?

Tony – Ogodô. Meu pai Toião diz que Xangô Ogodô é um velho sábio e é o que vem primeiro. É o que abre a porta da gentileza. Eu entendo assim, é aquele que abre a porta do palácio pra que você entre, entendeu? Eu vejo dessa forma, um Xangô bem... E tem uma questão também com relação aquele espoletado, aquele atrevido. As pessoas dizem que quando fosse feito o santo, eu atrolei um pouquinho a história, mas é uma coisa que... que eu ia ficar sabe, aquela coisa que eu via em outras pessoas de Xangô, que eram fogueteias, que tomavam atitudes sabe, assim... e não, esse Xangô me deu uma serenidade fora do comum, mas eu tenho as coisas da

colega dele, de vez em quando. Quando as coisas que eu planejo, organizo tanto, as pessoas não conseguem fazer da forma que foi planejada, da forma que foi pensada; porque se fosse uma coisa aleatória, não precisaria de planejamento. Isso às vezes me deixa furioso e eu fico vermelho; isso, por exemplo, é algo que me deixa um pimentão.

Ele me disse mais. Lembra-se daquela história, aquela das pedrinhas, que eu meditava, ele disse assim; olha, era Xangô, tá aqui que não é a primeira vez não. Xangô já havia me visitado outras vezes. Aquela sensação que eu sentia de levitar, de subir, de crescer; era ele também. Isso foi em um ano. No meio do ano, ano de 1996, a roça ia ser aberta oficialmente; tinha um barco entrando em janeiro de 97. Eu não pude entrar por questões financeiras, mas continuei frequentando a casa, indo ao amalá e sentia Xangô, inclusive aquela experiência da porrada nos peitos, foi nesse ínterim, nesse ano. Em 27 de julho de 1997, Xangô é feito; não por cobrança, era por paixão, eu não saberia viver sem Ele.

Figura 41 – Yaô Tony de Xangô



Fonte: acervo pessoal de Tony

Em linguagem não verbal, podemos dizer que existem dois corpos, e esses corpos funcionam diferentemente, quando normal e quando incorporado. Ante essa constatação existe, antes da saída do Iaô, durante sua estada no ronco, um treinamento de dança, diariamente, sempre após a meia-noite, adaptando o corpo para receber seu Orixá, em especial na festa do candomblé. Vejamos as colocações do Tony:

Tony - Então, sobre o corpo, a forma do movimento; quando o pai Toião veio pra abrir a casa junto com meu pai, num dos perfurés dos meus irmãos do primeiro barco, ele me convidou. Vamos pra roda comigo. E ele olhou pra mim e disse; ih!!! Porque esse corpo não tinha sido apropriado pro Xangô, ainda. Então era um perna de pau, um bailarino clássico dançando uma coisa dura e meio descoordenado e era um movimento simples se comparado com os doze prives da vida do balé clássico, entendeu. E ele olhou e disse; ih! não sei se aqui vai sair uma dança, não. Ele fez esse comentário.

Norval – E esse corpo depois dos perfurés, como é que foi?

Tony – Lembra do pai que falou ‘nossa, eu não sei se daí vai sair algo’, entendeu? Você sabe que tem pessoas que não têm habilidade, realmente. Eu conheço pessoas que a música vai pra um lado e a pessoa vai pro outro, completamente desconectada. E aí, depois desses perfurés todos, dessa paixão, dessa vontade; por Xangô eu comeria pedra, entendeu. Quando você entra, você não sabe o que vai passar lá; por Xangô eu passaria qualquer coisa. Sabe aquela paixão avassaladora, que é algo que você não explica? É o que sinto até hoje.

Voltando a minha feitura. Coincidentemente, o dia que Xangô foi dar o nome, foi o dia do meu aniversário, dois de agosto. Ele é feito e dia dois de agosto ele dá o nome, ele nasce pra essa comunidade e era o dia que eu tava lá, fazendo aniversário. Eu acho um presente, assim, de saber do amor que ele sente por mim também, dessa proximidade que é algo tão presente que os meus amigos chamam de fé. É algo que não é lá, é aqui. Xangô não tá lá no ipá... é aqui. Tem situações onde eu achei que Xangô estava indo comigo pra desmontar essa árvore, e não, ele estava indo comigo pra me acalmar.

Eu vou falar do comentário do meu pai. O relato dos que não estavam incorporados é que o meu pai negão começou a: tac...tac...tac... e Xangô, simplesmente bailou nesse salão como se fosse uma pluma, e com toda propriedade que o Tony não tinha. Dizem que eu não tinha sangue, era branco, uma vela. O pai brancão dizia; ‘tu vai matar meu filho’, não é nosso filho, é de Xangô. Tudo que ele pediu Xangô pra fazer, ele fez. Depois, num momento particular com a gente, esse cidadão que um dia viu aquele menino, provavelmente viria a ser feito de si. Eu queria que vocês soubessem que eu tenho orgulho de ter filho branco. Você imagina o que é o altruísmo de um negro que imaginava que só... assim, ele via o movimento, aquela entrega das pessoas negras da religião, e aí ele abre a boca e diz ‘hoje, particularmente, eu tenho orgulho de ter filho branco’. Então, ele deve ter visto algo que eu não vou poder mensurar.

O comentário que ele fez me deixou muito feliz. Quando Xangô está comigo, ele se apropria de uma forma que não sou eu, não é o Tony bailarino clássico, é o Tony de Xangô, a cavalo de Xangô.

Norval – Voltando ao perfuré de Xangô, antes do Tony feito, quando seu cara disse ‘você não dá’, será que teria sido assim... um homem, bailarino com formação racional em dança, chega naquele momento simples e trava. Qual o seu olhar praquele momento? Por que você travou mesmo sendo o 1º bailarino do Estado? Porque, assim, apareceu o movimento e movimento não é uma coisa nova porque movimento é movimento e não era um corpo distante do movimento, principalmente de dança, mas chegou perto de Xangô ele...

Tony – É que o balé clássico dentro da sua estrutura tem expressões corporais. Quando você trabalha todo o corpo com coluna ereta, onde a respiração é x, diafragma, encaixe de quadril, rotação de coxas, braços tal e tal, cabeça colocada, é sistemático. E, naquele momento, aquele corpo era um corpo sistemático, tudo isso na minha mente era muito claro. Dançar daquela forma descontraída, despreziosa, era outra coisa completamente. Eu acho que nesse tempo foi sendo feita uma desconstrução desse corpo rígido. Quando Xangô chega, quando ele me toma ele usa esses conhecimentos, mas já era o conhecimento de um corpo mais solto, já não era um Tony rígido, era o Tony entregue ao movimento mais primitivo. Eu vejo dessa forma.

Norval – E o perfuré, você acha que ele é, tipo assim, é um estágio probatório onde esse corpo tá se preparando pra dançar?

Tony – Vejo como, a gente chama de rumbê, conhecimento; pra que quando o teu santo venha, ele possa usar aquele conhecimento e colocar energia. Eu vejo da seguinte forma, aquele menino que eu falo pra você é a energia de Xangô. Essa energia que te toma e deixa, digamos, pra ele muito mais fácil. Então, eu acho o

perfuré uma forma de conhecimento da trajetória do ritual. Quando o santo vem, eu acho que ele deixa aquele corpo, aquele iaô livre pra agir. Ele age nele de uma forma livre, mas já sabendo... inconscientemente, o iaô sabe porque ele passa pelo processo de onde vai, pra onde vai, como vai, entendeu? E aí Xangô se apropria disso, do teu conhecimento, aí esse corpo solta, é o que eu percebo.

Norval – Em outras palavras, é o seguinte; o Tony tem dois corpos, o corpo do Tony normal e o corpo do Tony incorporado. Pode falar isso? Isso é uma afirmativa, existem dois corpos no Tony?

Tony – É verdade. Esse corpo do Tony hoje tem... devido a minha vida de atleta, porque um bailarino... eu conseguia saltar altíssimo, um metro e meio do chão, que me deixou de herança uma artrose no joelho, na bacia esquerda e na coluna. O Tony do dia a dia consegue perceber isso e ele se poupa, se protege. É um corpo pesado, você entende; mas quando Xangô está, não, ele não tem peso. Eu sinto e é o que me dizem.

Observo que o discurso do Tony leva a reforçar a convivência com dois corpos e Beniste (2006, p. 21) reforça esse sentimento:

Essa forma de as divindades se apresentarem com virtudes e defeitos próprios dos seres humanos propiciou um forte relacionamento entre o homem e o seu *Orixá*. Os problemas se tornam comuns entre ambos, a ponto de o Orixá incutir tendências às pessoas que o têm como patrono. O cantar e o dançar imitando os gestos divinos integram o ser ao mito, e este á divindade. É a recriação do mundo e de toda a realidade que ocorre nessa celebração. A divindade, a natureza e o homem voltam a reencontrar-se. Há o objetivo de o homem tornar-se um Orixá, sendo este parte do processo.

Continuando o diálogo com Tony:

Norval – Você já viu uma imagem sua, incorporado?

Tony – Não gosto. Não gosto porque é uma coisa muito particular minha. A primeira vez que eu vi um ilá de Xangô isso me causou estranheza, porque é algo muito forte que eu jamais faria dentro da minha educação. Sou muito polido numas coisas. Não gosto de chamar o nome das pessoas gritando no meio da rua e Xangô tem um brado pancada, fortíssimo. Eu vi e disse; não... esse aí, meu filho, não sou eu de jeito nenhum. Eu só vi uma vez e também não quis mais ver. Eu não gosto, essa dança dele, o que ele faz; eu imagino como seja, mas eu não tenho certeza de como é que é e também não quero ver, eu deixo pra ele.

Norval – É como uma coisa sagrada que não precisa de avaliação, de detalhes...

Tony – E nem registro, eu não gosto de registrar. É o momento dele e tem que ser aquele momento.

Tony – Uma coisa que eu queria que você soubesse. Xangô na minha vida é um divisor de águas. Eu era um menino inseguro, medroso, que não defendia seus direitos nem suas convicções e, aos poucos, esse cidadão começa a transformar minha vida. É um divisor de águas, inclusive numa fala da minha mãe, ela diz assim: ‘eu vejo o seu progresso, a sua prosperidade depois de Xangô’. Se eu já era um batalhador, ele me inspira a correr muito mais atrás, me inspira a ter boas decisões, a fazer as coisas com muito mais amor, tive uma transformação fabulosa. Quando eu fiz santo era magricelinho, um menino velho magrinho. Depois do santo eu comecei a criar corpo.

Norval – Eu queria até lhe perguntar. Já chegara pra mim e falaram: ‘Xangô magro!’ e, na realidade, dos filhos de Xangô que eu conheço, todos são corpulentos, são dilatados. Sem querer estetizar ou trazer como deformação; como é que o Tony vê essa transformação desse corpo que era fino, frágil, esguio desse corpo agora dilatado? Existe uma tendência a corpos dilatados, no candomblé. Será que tem a ver com a alimentação? É com esse desprezo aos cuidados corporais no princípio fisiológico? Relação saúde e doença?

Tony – Eu digo que, estado de espírito. Por exemplo, se você não está bem e você come algo, por mais proteína que tu tenhas, esse corpo não absorve, é um corpo doente. Quando você está bem parece que o organismo absorve pra si. Você pode ver que a primeira coisa que acontece com uma pessoa que melhora de vida, ele engorda, ele come bem, ou melhor, parece que tudo que eles comem é absorvido pelo corpo. Aquele corpo está feliz, dificilmente você vê um gordinho infeliz. E tem um paralelo com a personalidade, eu posso fazer essa analogia. Aquele Tony magrinho, frágil, indeciso, não existe mais. À proporção que esse corpo foi crescendo, esse homem foi crescendo junto. Eu me sinto muito bem, homem grande, orgulhoso. Esse corpo é um corpo feliz. Veja o que acontece quando uma pessoa ganha pouco e de uma hora pra outra passa a ganhar mais; ele passa a se alimentar melhor. Dizem que o povo de Xangô gosta de comer e eu sou assim. Um lugar que me dá prazer de ir é a Ceasa. Quando eu vejo montanha de banana, montanha de laranja, isso me dá sentimento de fartura, eu gosta dessa fartura.

Norval – E o conceito de obesidade com patologia, aí não cabe... não cabe nesse momento aí?

Tony – Eu acho que não existe uma grande preocupação. Eu me preocupo hoje, eu polício o meu colesterol, tento não comer tanta gordura quanto e tal e tal, mas eu não tinha essa preocupação não, essa vaidade exacerbada, não. Pessoas do candomblé são muito vivas, muito alegres. Hoje as pessoas estão abertas, são felizes. São pessoas que há algum tempo não sabiam umas das outras e hoje convivem numa irmandade, numa felicidade, numa cumplicidade, numa comunidade pela religião, com a religião. Eu me questiono por que quando a gente sai do ronco a gente come tanto. Você já viu os iaôs sentados...

Norval – Já. Literalmente, é uma bacia.

Tony – A gente teria que estudar de onde vem essa cultura. E a gente come com um prazer imenso, come com a mão. Adoro comer com a mão. E assim, existe uma preocupação hoje com o corpo, com a gordura pra não ser diabético, mas se esse corpo fosse um pouquinho menor, estaria ótimo.

Norval – A outra pergunta é assim: existe o preceito e ele envolve o corpo porque não pode comer isso, não pode sexo, não pode não sei o quê. Essa relação, ou o convívio desse corpo no preceito, é um convívio de fluxo, tranquilo ou cria uma tensão nesse corpo nesse momento dos preceitos?

Tony – Eu falei logo no início que por Xangô eu comeria pedra. Esse deus, esse rei na minha vida é muito mais importante que algumas coisas carnis. Se me dizem que eu não posso ter relações sexuais na 4ª feira ou durante a semana, durante não sei quantos dias; é por Xangô e eu, lembro disso. No meu preceito de feitura eu tava, você sabe que o corpo expele, com necessidade orgânica e eu ficava. Não por medo, por respeito, porque eu queria que esse preceito fosse impecável. Eu amanhecia agarrando o meu kelê pra saber se estava tudo *ok*, se não tinha quebrado nenhuma perna, se eu não tinha infringido nenhuma regra; mais em respeito, devoção, teria um montão de adjetivos pra...

Norval – Isso não passa pelo lugar da tensão, da preocupação?

Tony – Não. Quando eu fui feito, passar os 90 dias ou mais, não foi, mas, quando eu completei os meus sete anos, o período que eu dei minha obrigação foi próximo ao carnaval, existia um estímulo externo, que era o carnaval. As pessoas se comendo nas esquinas, eu tive que me policiar muito e teve uma tensão nesse momento, porque, você sabe que dois seres se amando lhe causam inúmeros estímulos. Por isso, eu acho que era importante, naquele momento, que eu não estivesse em casa em casa, estivesse isolado pra que eu cuidasse daquilo.

Norval – Como é esse preceito daqui...

Tony – Mas nessa vida moderna faz com que você tenha que sair. As minhas provações na época que eu fui feito foram imensas, eram todas ligadas ao corpo. Um dia apareceu uma mulher, do nada, eu de kelê, tudo direitinho e essa mulher me vem assim, tipo uma diaba, sabe? Você fica numa tensão porque você está há meses sem uma gozada, entendeu? Eu vivia tenso em manter o meu propósito com Xangô. Eu fui seguido até a porta da minha casa por pessoas que queriam me conhecer sexualmente, porque você está limpo naquele momento e as pessoas te percebem muito mais.

Este diálogo com o Tony foi um contato profundo com a oralidade e a ancestralidade. Falar do vivido leva à autoridade, vivifica o corpo, dá autonomia ao corpo, reverencia o corpo e o coloca o corpo, como centralidade, como diz Oliveira. E fico admirado com a profundidade, simplicidade e complexidade como o corpo fala, de lugares nunca dantes visitados, do que só os guerreiros e guerreiras, com sua coragem e garra, se apropriam. O *Yao* Tony literalmente incorpora o Devir *Şàngó*.

Ka Wo Kábiyèsilé

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu não sou um lógico, sou um existencialista. Acredito nesse belo caos da existência e estou pronto para ir aonde quer que ela vá. Não tenho uma meta, porque a existência não possui uma meta. Ela simplesmente é, florescendo, brotando, dançando, mas não pergunte por que, apenas em transbordamento de energia, sem motivo algum. Estou com a existência. (OSHO)

Corpo é terra,
Corpo é sol,
Corpo é lua,
Corpo é mar,
Corpo é floresta,
Corpo é rio,
Corpo é lagoa,
Corpo é deserto,
Corpo é tempestade,
Corpo é fogo,
Corpo é ar,
Corpo é animal,
Corpo é sangue,
Corpo é harmonia,
Corpo é mente,
Corpo é matéria,
Corpo é força vital,
Corpo é alma,
Corpo é emoção,
Corpo é corpo,
Corpo é território,
Corpo é cultura,
Corpo é natureza,

Corpo é vida,
Vida é corpo.

Quando racionalizamos, nos distanciamos do corpo, quando mecanizamos os movimentos corporais, dividimos o corpo; quando separamos o divino do corpo, nos afastamos da essência corporal, quando hierarquizamos as relações corpo/mente/espírito, quebramos o senso de totalidade.

Sardello (2002, p. 185) cita Novalis no seu livro *Liberte sua Alma do Medo*: “Só existe um único templo no mundo, e é o corpo humano. Nada é mais sagrado do que essa forma superior. Tocamos o céu quando tocamos um corpo humano”.

Oliveira (2007, p. 103) exprime uma reflexão importante: “O corpo é o revestimento do sagrado. Sendo simbólico, é o sagrado revestido. Revestido de símbolos e investido de carne. A carne do sagrado é símbolo do divino (ancestral)”.

O mito tem uma missão educativa. O *Òrìsà* tem uma pedagogia. Existe a Pedagogia do *Òrìsà*. Quando me coloco como Filho de *Şàngó*, faço com orgulho, sinto Ele dentro de mim. Expresso *Şàngó* e vejo construindo minha vida a quatro mãos, com quatro oxés.

A Pedagogia do *Òrìsà* traz na sua essência o movimento do corpo, partindo do corpo, respeitando e reverenciando o corpo. Ela é transversal a todos os *Òrìsà*. Isso é demonstrado pelas características transversais dos seus arquétipos. A dança, o canto, o ritmo, o rito, a relação íntima com todos os elementos da natureza, a biotipologia, a liberdade, a autonomia, o prazer, a dor, a saúde. A Pedagogia do *Òrìsà* me ensina os movimentos ecológicos, cósmicos e universais.

O biográfico me fez sentir o *Şàngó* dentro de mim, diuturnamente. Sigo fluidicamente a pedagogia do meu *Òrìsà*. Sinto a sua influência no meu corpo. Meu olhar reflete essa pedagogia e é natural o estranhamento quando convivo com corpos destoantes da Pedagogia do *Òrìsà*, dentro e fora do Terreiro, e todos nós temos um *Òrìsà*, um *Orí* a ser cuidado, assim falou a *Ìyáloriṣa* Mãe Stela de Oxossi, do Ilé Axé Opo Afonjá, de Salvador - BA.

Meus treinamentos corporais, os atendimentos aos meus clientes, as vivências lunares, as culinárias vegetarianas, as palestras e aulas públicas, onde o corpo é chamado a ser sentido, mostram como *Şàngó* está vivo dentro de mim.

Encontrei na minha pesquisa *Ómó-Orixá* com seus corpos, na maioria, diferentes da biotipologia dos *Òrìsà* mostrados na mitologia africana.

Partindo dos movimentos do meu corpo, constato que os movimentos do corpo possuo por um *Òrìsà* são totalmente diferentes daqueles do corpo normal do Filho do respectivo *Òrìsà*. Tony confirma essa afirmação em sua entrevista. Então, pergunto: quais as diferenças entre os corpos mitificados dos *Òrìsà* e os corpos dos Filhos desses respectivos *Òrìsà*?

Percebo que existe uma deformação de corpos no Candomblé. O antropocentrismo dissocia do sagrado. A dicotomia do modelo cartesiano da gestão, na Pós-Modernidade, distancia e nega o corpo quando ele busca o sagrado. Caracteriza assim um reducionismo. Ao mesmo tempo, o corpo, como instrumento do sagrado, é validado pelo Filho do *Òrìsà*.

Minha convivência diuturna com Povos de Santo, nesses últimos 15 anos, leva-me a concluir que existe uma Pedagogia de Terreiro. Normas, vícios, costumes, hierarquia, uma escola onde prevalece a oralidade. No tocante à consciência corporal, essa pedagogia diverge da Pedagogia do *Òrìsà*. Quantos Pais e Mães de Santo estão doentes e sedentários, dependentes farmacológicos, falando e defendendo a educação dos *Òrìsà*, na prática existe um paradoxo. A Pedagogia dos *Òrìsà* está distante da Pedagogia do Terreiro, em especial das pessoas que comandam os Terreiros.

A maioria dos Pais, Mães e Filhos de Santo está, em maior ou menor grau, apartada dos seus corpos (consciência corporal) e, precisa portanto encontrar o caminho de volta às suas essências, à cosmovisão africana, às suas raízes ancestrais. Todos os esforços nessa direção visam a reestabelecer essa ligação com a Pedagogia dos *Òrìsà* e, conseqüentemente, expressar os movimentos de um corpo ecológico.

A minha práxis passa necessariamente por entre lugares e transito com a fluidez de um rio, pelo “cuida-te” e pelo “dizer é fazer”, lugares ancestrais africanos, e fica impossível não sentir as distâncias dos corpos desses lugares que estão, a cada dia, cravados no meu ser. Respiro no cuida-te, no dizer é fazer e vivo o devir *Şàngó*.

REFERÊNCIAS

- ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Banto**. LUANDA, Ed. Secretariado. Arquidiocesano de Pastoral, 1993.
- BÂ, Hampaté A. A Tradição Viva. In: VERBO, J-KI: **História Geral da África**. São Paulo, Ed. Ática. 1987.
- BÁRBARA, S. Rosamaria. A Dança Sagrada do Vento. In. MARTINS, Cléo & LOD, Raul, **Faraimará - O Caçador traz Alegria - Mãe Stella 60 anos de Iniciação**. Rio de Jnaieor-RJ. Ed. Pallas, 1999.
- BARTABURU, Xavier. Caminhar é preciso. In: **Revista Viver Bem**. SP: edição 185, ano 19, fevereiro de 2009.
- BENISTE, José. **Mitos Yorubás – O outro Lado do Conhecimento**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2006.
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Forense Universitária, 1988.
- CRUZ, Norval Batista. **Consciência Corporal e Ancestralidade Africana**. Fortaleza – CE: Ed. Fundação Demócrito Rocha, 2011.
- COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo – SP: Companhia das letras, 2003.
- FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo Movimento**. São Paulo – SP: Summus Ed., 1972.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - Histórias da Violência nas Prisões**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Vozes, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Paz e Terra, 1985.
- GAIARSA, José A. **Organização das Posições e Movimentos Corporais – Futebol 2001**. 3. ed. São Paulo – SP: Sumus Editorial, 1977.
- GICOVATE, Silvana Vasquez. **Corpo – Espaço de Significações e Saberes**. Paraná: Ed. Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- GIL, José. **Movimento Total – O Corpo e a Dança**. LISBOA: Ed. Relógio D'Água, 2001.
- GOMES, Nilma. Trajetórias Escolares, Corpo Negro e Cabelo Crespo – Reprodução de Estereótipos ou Resignificação cultural? In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, RJ, Set-Dez/2002, nº 21, págs. 40-50.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir – Corporeidade e Educação**. São Paulo – SP: Papirus, 1994.

GONSALVES, Elisa. **Desfazendo nós:** educação e autopoiese. Trabalho publicado no CD-ROM da XXIII Reunião da ANPED, Caxambu, 2000.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento.** São Paulo: Summus Ed., 1971.

LELOUP, Jean-Yves. **O Corpo e Seus Símbolos** – Uma Antropologia Essencial. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 13. ed., 1998.

LIEVEGOED, Bernard. **Fases da Vida** – Crises e Desenvolvimento da Individualidade. São Paulo – SP: Ed. Antroposófica Ltda., 1994.

LODY, Raul, **Xangô** – O Senhor da Casa de Fogo. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Pallas, 2010.

LOWEN, Alexandre. **Alegria** – A Entrega ao corpo e a Vida. São Paulo – SP: Summus Editorial, 1995.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia** – Dos Pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro – RJ: Jorge ZAHAR Editor, 2002.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil** – Elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza – CE: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade:** Corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Maria Verônica Araújo de S.C. Educação Popular em saúde para além das palavras – um encontro com o sentir. In: RODRIGUES, Luiz Dias e VASCONCELOS, Eymard Mourão (orgs.). **Novas Configurações em Movimentos Sociais.** Vozes do Nordeste. João Pessoa – PB: Editora Universitária, 2000.

PANTOJA, Selma. **Uma Antiga Civilização Africana** – História da África Central Ocidental. Brasília – DF: Ed. UNB, 2011.

PRETTO, Nelson De Luca e SERPA, Luiz Felipe Perret. **Expressões de Sabedoria** – Educação, Vida e Saberes. Salvador – BA: EDUFBA, 2002.

REICH, Wilhelm. **O Assassinato de Cristo.** São Paulo – SP: Ed. Martins Fontes, 1987.

RISERIO, Antonio. **Oriki Orixá.** São Paulo – SP: Ed. Perspectiva, 1996.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu Tempo é Agora.** Salvador - Ba: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2010. 2ª Ed.

SCHOTTELNDREIER, Jerry. **Life Patterns** - Responding To Life's Questions, Crises and Challenges. Vrij Geestesleven: Zeist, 1989.

SOARES, Emanuel Luiz Roque. **As Vinte e Uma Faces de Exu na Filosofia Afrodescendente da Educação: Imagens, Discursos e Narrativas** – Laroiê. Tese de Doutorado. UFC-FACED, Fortaleza-Ce, 2008.

SODRE, Muniz. Corporalidade e Liturgia Negra. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** – Negro-Brasileiro-Negro – Nº 25, BR: Ed. IPHAN, 1997.

_____. **O Terreiro e a Cidade**. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes Ltda., 1988.

_____. **A Verdade Seduzida**. Rio de Janeiro – RJ: DP&A, 2005.

_____. **Reinventando a Educação** – Diversidade, descolonização e redes. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2. ed., 2012.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. Tradução: Deborah Weinberg. 2. ed. São Paulo – SP: Odysseus Editora, 2007.

VANSINA. **História Geral da África**. São Paulo – SP: Ed. Ática, 2008.

VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo, Educação e Indústria Cultural na Sociedade Contemporânea: Notas para Reflexão. In: **Revista Proposições**. São Paulo – SP: Unicamp, 2003.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Salvador – BA: Ed. Corrupio, 2002.

_____. **Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns**. São Paulo – SP: Ed. Universidade de São Paulo, 2000.

WEIL, Pierre. **O Corpo Fala**. Rio de Janeiro – RJ: Ed Vozes, 1999.

GLOSSÁRIO

Abê – Vodun feminino da Casa Grande das Minas, do Maranhão. É dona do mar e irmã gêmea de Badé. Quando “baixa” fuma e fala. Em outros Candomblés Jeje, é chamada **Agbê**.

Abeokutá- Cidade nigeriana fundada em 1830 pelo grupo **Yorùbá Ègbá** (v.). Atraiu refugiados do reino de **Òyó**, que se desintegrava, e foi centro de resistência contra daomeanos e reinos **yorùbá** inimigos.

Abiyan – Grau pré-iniciático, “aquele que tem parentesco por afinidade”. Pré-Inicianda do Candomblé, geralmente jovem, em estágio anterior à iniciação, tendo cumprido apenas uma parte dos rituais. É o posto feminino mais baixo na escala hierárquica do Terreiro.

Abô (ààbò) – Proteção.

Abomey – Capital do antigo reino de **Abomey** (atual Benim, antigo Daomé), foi um grande centro de comércio com os europeus entre os séculos XVII e XIX.

Aborísa – Iniciado, cultuador do **Òrìsà**.

Abúrò – Irmão ou irmã mais nova.

Adjá – Sinete metálica formada por uma ou mais campânulas com badalo.

Adobá, Àdòblèè ou Dòbàlè – Ato de se estender no solo.

Adoşu – Iniciado.

Adônis – Na mitologia grega, jovem que passava metade do ano com Afrodite (deusa do amor) e a outra metade com Perséfone (deusa do mundo inferior. Simboliza o ciclo anual da vegetação.

Adoşu – Iniciado.

Adúpé - significa obrigado.

Adúpé-lewô-olorun - Graças a Deus por ter conservado minha vida e a minha saúde até hoje.

Àfonjá – Qualidade de **Şàngó**.

Africo ode – “O chefe do *Aramefá*”. Título usado no *Opó Àfonjá* como chefe do culto a *Ode*.

Àgba – O mais velho, o superior, o sábio.

Àgba Igena – Cargo de quem despacha a porta.

Agbeni – Literalmente, “aquele que divide a mesma causa”.

Agere – Tipo de batida rítmica para *Oşósi*.

Àgbo – ou simplesmente *Abô*, são os nomes usados pelo povo do santo para denominar a mistura de folhas sagradas, usada na feitura de santo até a última obrigação chamada de *axexe*.

Àgò - Primeira saudação ao aproximar-se de uma Casa para avisar a seus habitantes que alguém está chegando. O mesmo que “pedir licença”.

Agogô – Instrumento formado por duas ou mais campânulas de metal percutidas com vareta também de metal. Faz parte do conjunto instrumental do Candomblé.

Água de Oşala – Ritual dedicado a *Osala*, que abre o círculo de festas do *Ilè Aşè Opó Àfonjá*.

Aguidavi – Vareta de goiabeira ou outra madeira dura usada para tocar os atabaques em algumas nações (v) do Candomblé.

Àgutan – Ovelha.

Àiyé – Literalmente, “O Universo”.

Ajágunà (ou **Ajagun**) – Qualidade de *Òşàgiyán*.

Ajarê – Ritual em que o *yaô* (v), tomado pelo *Òrisà*, carrega na cabeça uma tigela de barro com o fundo perfurado, cheia de brasas ou fogo aceso, para provar a legitimidade do transe. Sin. *Ajerê* (ior. Coador).

Àjèjé – “A Vingança do Caçador” o mesmo que *Àşèşé*. Ritual religioso indispensável para todo e qualquer *Adoşu* e *Olóyè*.

Àjeum – Comida.

Ajéumbó – Comida de Santo.

Ajóíé – É considerada carinhosamente a “Mãe” do *Òrìsà* que a escolheu e confirmou. No Candomblé do Engenho Velho (Casa Branca) é chamada de *Ekede*. No Terreiro do Gantois, são denominadas *Ìyárobá Ekede*.

Akasa – Mingau de farinha de arroz ou de milho, arrumados na forma de bolos embrulhados em folha de bananeira.

Akṵwé – É a secretária da Casa de *Şàngó*, responsável pelo zelo do *Ìlè* e coisas relacionadas com *Ètutu* na Casa, além de orientações em compras de materiais necessários para “obrigações”.

Alabę – É responsável pela comunicação entre os *Òrìsà* e o *Egbé*, o que é feito através de toques e cânticos.

Alaka – Pano-da-Costa. Peça do vestuário tradicional.

Alguidar (Algidar) – Vasilha de barro, em forma de cone truncado invertido, muito usado nos Terreiros para comidas votivas, especialmente de *Eşù*, bem como nos “assentamentos” deste.

Aluá (uálua) – Bebida feita com farinha de arroz ou de milho, ou casca de fruta, fermentada e temperada com gengibre e açúcar. Originalmente era a bebida votiva dos *Òrìsà* no Candomblé.

Alayê - Possuidor da vida.

Àmàlà – Alimento oferecido a *Şàngó*. Comida votiva de *Şàngó*, *Ibêji*, *Obá* e *Bâiani*. Também é oferecido no *ossé* anual de *Yánsàn*. É um caruru de quiabos com pirão de farinha de arroz ou de mandioca.

Angola (Ngola)– País do sudoeste da África ocupado por reinos bantos que contribuíram fortemente para a formação da cultura e do vocabulário corrente do Brasil. Deu nome a uma nação (v) do Candomblé.

Apáøká – Jaqueira, uma das árvores sagradas do Candomblé. Festa em sua homenagem.

Apokan – Posto na Casa de *Omolu*.

Àpótí – Espécie de banco, fundamental no processo de iniciação.

Arriar – Colocar as oferendas em lugar determinado.

Àṣẹ - 1. Energia, força mágica das divindades. 2. Objetos que concentram o **àṣẹ** e formam a segurança do Terreiro. 3. Comunidade do Terreiro. 4. Raiz do poder da Casa Religiosa. 5. Força espiritual; significa também “Assim seja!”

Àṣẹ Ìyá Naso Oká – Candomblé do Engenho Velho.

Àṣẹṣé – Cerimônia que louva os Ancestrais de todos os tempos e nações. A cerimônia do **Àṣẹṣé** principia pelo **Ìpadé** fúnebre, ligeiramente diferenciado dos demais. Poderá durar de um a sete dias.

Asiwaju – Líder, “aquele que vai na frente”.

Asogbà – Importante título relacionado com a Casa de **Omolu**.

Aṣògùn – É o responsável pelo sacrifício.

Assentamento – Ritual em que se efetiva a ligação com os **Òrìsà**. Montagem que reúne os objetos que representam uma divindade. Após os rituais de consagração, torna-se a morada da divindade, onde reside seu poder.

Atabaque – Tambor alto e afunilado, com um só couro, usado em cultos afro-brasileiros. Feito em três tamanhos diferentes: rum (maior), rumpi e lé (o menor).

Aú – Movimento de deslocamento da Capoeira.

Awá - Nós.

Awo – Segredo.

Awon - Eles.

Àyaba - **Òrìsà** Feminino, senhora idosa. Rainha, mulher do rei. Termo honorífico dado às divindades femininas da cultura **Yorubá**.

Ayê - Céu.

Ayrá – Qualidade de **Ṣàngó**.

Azê – Gorro de palha da costa com búzios e miçangas, rodeado por franjas compridas, que compõe o traje cerimonial do *Òrìsà Ọmọlu*. Nome angola do **filá yorùbá**.

Baba – Pai.

Baba Egun – Espíritos.

Babaláwo – Aquele que tem conhecimento e autoridade para realizar o jogo de *Ifà*. Literalmente, “Senhor do Segredo”.

Babalóriṣá – Pai-de-Santo, chefe do Terreiro, sacerdote supremo da casa de culto afro-brasileiro. Homem que ocupa a posição mais elevada na hierarquia do culto aos *Òrìsà*.

Balder – Deus nórdico da beleza e da alegria, morto por uma trapaça do deus Loki.

Bajé – Menstruação.

Balé Ṣàngó – Literalmente, chefe da tribo, aquele que segura o *Ilè*, uma espécie de administrador.

Balógún – “Aquele que segura a Casa de *Ògún*”. Posto na *Ilè Ọgún*.

Bariba – Povo do centro e do norte do Benin, vizinho dos *yorùbá* e *nupês*.

Baró – Espécie de conselheira, “aquela que medita e aconselha”.

Barracão – Lugar dos cultos públicos aos *Òrìsà*.

Batuque – **1.** Nome dado aos cultos afro-brasileiros no Rio Grande do Sul. **2.** Ritual musical.

Benim (*Bin'nin*)– Nome atual do antigo Daomé, derivado do nome de antigo reino situado na atual Nigéria, que existiu do século XIII até 1897. Dele vieram os escravos denominados *jeje*.

Borí - Da fusão da palavra Bó, que em *yorùbá* significa oferenda, com *Orí*, que quer dizer cabeça, surge o termo *Borí*, que literalmente traduzido significa “Oferenda à Cabeça”. Do ponto de vista da interpretação do ritual, pode-se afirmar que o *Borí* é uma iniciação à religião, na realidade, a grande iniciação, sem a qual nenhum noviço pode passar pelos rituais de raspagem, ou seja, pela iniciação ao sacerdócio. É a adoração à cabeça, realizada pelo conjunto de oferendas, cânticos e louvações.

Borgu – Região situada ao norte dos atuais Nigéria e Benim, habitada por povos *yorùbá* , *fulanis* e de outra etnias.

Brajá – Colar de búzios composto por dois fios cruzados a tiracolo. Usado pelos *Òrìsà* da família de *Omolu*.

Cajapriku – Deusa primordial dos gruncis (povo do atual Burkina Faso). Entidade tutelar do *Ilè Àṣẹ̀ Òpó Àfonjá*. Seu *otá* (v.) é o dendrite, pedra com inclusões minerais que lembram galhos de árvores.

Candomblé – Religião afro-brasileira iniciática que cultua divindades de origem principalmente africana, como os *Òrìsà*, Inquices e Voduns. Nome dado no Brasil para o culto aos *Òrìsà*.

Casa de Òrìsà – Espaço sagrado onde ficam guardados os assentamentos do *Òrìsà* e dos seus filhos.

Carrego – Obrigação religiosa nos cultos afro-brasileiros.

Comida de Azeite – Comida preparada com azeite de dendê.

Congo – 1. Grande região na África Equatorial, próxima de Angola, ocupada por reinos bantos. 2. Nome dado aos escravos vindos da região e a uma nação (v.) de Candomblé.

Conta lavada – Colar ritual, é preparado para ser usado como proteção.

Correio nagô - Comunicação feita pela comunidade, boca-a-boca.

Culto de Egúngun – Culto aos Ancestrais.

Dagan – É a Sacerdotisa que auxilia diretamente a *Ìyá Moro* (e vice-versa). É, dentre outros atos sagrados, também responsável pelo *Ìpadé*.

Dámáãtá – Símbolo do *Òrìsà Òṣóòsì* (v.), formado por um arco e uma flecha feitos em uma peça única de metal. Também chamado de *ofá*.

Danças rituais dos Òrìsà – O modo de cada *Yao* dançar, quando incorporada com o *Òrìsà*, é uma das coisas que identifica a Divindade. Há diferenças de Nações e de Terreiros, não sendo possível a descrição de todos. Em Candomblé Nagô-Angola, de modo geral, os movimentos dos *Òrìsà* (e dos *Yao* durante o *xirê*) são os seguintes: *Oxalá* – curvado, apoiado em seu

paxorô, movimentos lentos; *Nàná* – braços dobrados na horizontal, abrindo e fechando, punhos cerrados; *Yèmonjá* – braços dobrados, antebraços na horizontal, mãos abertas, palmas para baixo, unindo e separando, levemente, as pontas dos dedos; *Òsun* – corpo virando para um e outro lados, braços dobrados pelos cotovelos, abrindo para os lados (palmas para cima) quando vira para um lado, fechando (palmas para baixo) quando vira para o outro; *Yàsán* – braços na altura dos ombros, estendidos para frente, indo e vindo, palmas para frente, como empurrando algo; *Şàngó* – um braço subindo, dobrado no cotovelo até a altura do ombro, enquanto o outro se desdobra e vai para baixo, alternadamente; *Ibêji* (dançada no *xirê*) – braços dobrados alternadamente, levantando a mão com os dedos fechados e o indicador estendido, corpo virado para um e outro lado; *Ògún* – imitando movimento de luta com espada; *Obà* – tapando a orelha esquerda com a mão ou o escudo; *Òsùmàrè* – com movimento ondulantes, os pés acompanham o ritmo, alguns lentos outros mais rápidos. As *ayos*, no *xirê*, dançam em círculo, imitando os movimentos rituais de cada *Oríşa* para o qual estão cantando.

Descarregar – Livrar alguém de vibrações negativas ou maléficas.

Dia do Nome – Rito em que o *Òrìsà* de um iniciado diz seu nome diante da comunidade religiosa.

Dia do Orúko – Dia em que o *Òrìsà* revela o nome pelo qual o iniciado passará a ser chamado.

Djembê - Também chamado de djimbe, jembe, jenbe, yembe e sanbanyi, é um tipo de tambor originário de Guiné na África ocidental.

Dòbálè – Tipo de saudação dos Filhos dos *Olórişa Okunrin*. Pode ser saudação entre *Oríşa* Feminino ou o ato de bater a cabeça.

Ẹbọ – Oferenda ou sacrifício animal, feito a qualquer *Òrìsà*, no sentido primitivo. Algumas vezes as oferendas são colocadas ao ar livre, para os *Òrìsà* que aí têm “assentamento”, como *Ìrokó* etc. Termo mais comumente empregado para oferenda especial a *Èşù*, pedindo o bem ou o mal de alguém, ou agradecendo, colocando em encruzilhada, sendo vulgarmente chamada *despacho*. Ritual de oferendas para o reestabelecimento do *Àşę*, da energia.

Ebô – Mingau de milho branco servido aos *Òrìsà Oşala*, *Yèmonjá* e *Òsùmàrè*.

Ebômi – Título dado a um Filho ou Filha de Santo após sete anos de feitura. Sin. Ebâmi ou ebômim.

Egbá – Povo *Yorùbá* que habitava o oeste da atual Nigéria e fundou Abeokutá (v.).

Egbé – Sociedade, associação. Comunidade religiosa. O conjunto formado pelos membros de uma Casa Religiosa.

Ẹgbón – “O mais velho, mais maduro e experiente”.

Eégun – Espírito do ancestral.

Ejé – Sangue.

Ejigbó – Cidade no sudoeste da atual Nigéria.

Ekédi – Também dito *ekedi*. Moça, mulher auxiliar das Filhas de Santo em transe, amparando-as para que não caiam, enxugando-lhes o suor, levando-as à camarinha para vestir a roupa do *Òrìsà*, etc.

Ekiti – Cidade nigeriana próxima de Ondô (v.).

Èkọ - Comida feita com milho branco; *akasa*. Bolinho de feijão branco.

Eledá - O Deus supremo ou aquele que lhe mantém vivo.

Elegbó – Senhor do *ebo*.

Ẹlèsè Oríṣa – O que está aos pés do *Òrìsà*.

Éni ou Enim – Esteira.

Erê ou eré– Espécie de divindade auxiliar do *Òrìsà*. Vibração infantil correspondente ao *Òrìsà*. dono da cabeça do *yaô* (v.). costuma ser confundido com os *Ibejis* (v.), mas é uma divindade diferente.

Erò – Segredo.

Ẹru - Grande pacote que se faz, no último dia do *axexê*, com os “assentos” e objetos que pertenceram ao morto, além de tudo o mais que foi usado nessa cerimônia fúnebre. Essa carga é “despedida” em lugar determinado pelos *Òrìsà*: rio, mar etc., levada por sacerdotes

preparados, pois é muito perigosa, já que pode estar acompanhada por espíritos malévolos; carrego.

Estado de Santo – Transe, estado do iniciado em que ele está possuído pela Divindade.

Ethos – Em Ciências Sociais, padrão de comportamento típico de um grupo.

Ètutu – Ritual.

Éwò – É a proibição, no que diz respeito a comportamento e à alimentação.

Ewúré – Cabra.

Eṣù – É a figura mais controvertida do panteão afro-brasileiro. No Candomblé tradicional é um mensageiro entre os deuses e os homens. É o elemento dinâmico de tudo o que existe e o princípio de comunicação e expansão. É também o princípio de vida individual. Embora de categoria diferente dos **Òrìsà**, é importantíssimo, essencial mesmo, pois sem ele nada se pode fazer. Suas funções são as mais diversas: leva pedidos, traz as respostas dos deuses, faz com que sejam aceitas as oferendas, abrindo os caminhos ao bom relacionamento do mundo natural com o sobrenatural. No jogo do oráculo Ifá é ele quem traz as respostas. Tanto protege como castiga quem não faz as oferendas devidas. Cada **Òrìsà** tem seu **Eṣù** servidor particular que toma nome especial. Cada ser também tem o seu **Eṣù** que impulsiona seu desenvolvimento. Na Umbanda e cultos de influência bântu, **Eṣù** é cada vez mais confundido com o Diabo dos cristãos, com uso de chifres, garfos, tridentes, lanças e até capas vermelhas e pretas e cartolas, como o Diabo é visto no teatro. O simbolismo de **Eṣù**, no Candomblé, é uma bola de barro branco (tabatinga) com ferros pontiagudos fincados. **Eṣù** é cultuado em casa separada e as oferendas lhe são feitas em primeiro lugar. Dia – 2ª feira. Saudação: Laroîê!

Fazer o santo – O mesmo que “fazer cabeça”. Ato de iniciar-se, de aprender os segredos dos rituais e doutrinas e “fixar o **Òrìsà** pessoal em sua cabeça”, de entrar no mundo íntimo das divindades. “Obrigação de cabeça”. Feitura de Santo.

Filà – Chapéu, gorro.

Filha de Santo (Iyawó)– Iniciada no culto aos **Òrìsà**.

Filho-de-Santo – Iniciado do sexo masculino.

Filho de Santo Assentado – Aquele que ainda não recebeu a iniciação, mas está propenso à recebe-la.

Fio de Conta – Colar ritual no Candomblé, feito nas cores do *Òrìsà* dono da cabeça do *Iyawó*.

Foríbalẹ - Tipo de saudação de *Òrìsà Obìrin*.

Griot – em tradições orais de vários povos africanos é um dos símbolos representativos de todos os narradores, dos que contam contos, cantam décimas, sábios, avós, mães e todos os demais personagens cênicos ou não, que, em muitas sociedades, são depositários de histórias, de testemunhos ou de tradições que ele conta.

Hauçá – Nome dado aos povos falantes da língua hauçá, no norte da atual Nigéria e de outras áreas da África Ocidental e Equatorial. No Brasil, o nome identificou um povo sudanês islamizado.

Ìbéji – Deuses *Yorùbá* gêmeos protetores da família e das crianças.

Ibiri – Ferramenta ritual do *Òrìsà Nàná*. Espécie de cetro feito com um feixe de nervuras de folhas de dendezeiro, forrado com tecido e enfeitado com palha de costa e búzios.

Ifá – Grande *Òrìsà* da adivinhação e do destino. É a palavra de *Òrunmila* (um dos títulos do Deus Supremo, com conhecedor do futuro) e assim faz parte da Divindade, da qual é o mensageiro da luz.

Ifè – Cidade da Nigéria que é a antiga capital religiosa dos *yorùbá* (v.). segunda a tradição, é a pátria dos *Òrìsà* e o local da origem da humanidade.

Igbá - Recipiente onde se colocam os objetos do *Òrìsà*; Saudação/Eu te saúdo.

Igboho – Cidade no sudoeste da atual Nigéria, fundada pelo Alafim Egunoju em metade do século XVI para ser a capital dos iorubas durante o exílio de *Òyó*.

Igbon – Cidade do reino de *Òyó*, que foi governada por *Olugbon*.

Ijebu – Região no sudoeste da atual Nigéria, habitada principalmente pelo ramo *ijebu* dos *yorùbá* (v.).

Ikákò (iká) – saudação ritual característico da *Àyaba*.

Ikoyi – Cidade litorânea vizinha a Lagos, na Nigéria.

Ilè – Termo *yorùbá* que significa casa. Usada em muitas expressões do Candomblé, como o nome de uma casa religiosa, por exemplo, **Ilè Aṣẹ̀ Òpó Àfonjá** (casa cuja força é Afonjá).

Ilè Aṣẹ̀ Òpó Àfonjá – Casa da Energia cujo sustentáculo é *Ṣàngó Àfonjá*.

Ilè-Ajeun – Cozinha.

Ilè Baba Agboula – Casa de Culto aos *Egúngun*, localizada em Amoreira, Itaparica.

Ilè Èṣù – Espaço sagrado onde estão guardados os assentamento do *Òrìsà Èṣù* e dos seus Filhos.

Ilè Ibo Ikú – Casa dos mortos.

Ilè Ọbalúwaiyé - Espaço sagrado onde estão guardados os assentamento do *Òrìsà Ọbalúwaiyé* e dos seus Filhos.

Ilè Ọḍẹ - Espaço sagrado onde estão guardados os assentamento do *Òrìsà Ọḍẹ* e dos seus Filhos.

Ilè Ọgún - Espaço sagrado onde estão guardados os assentamento do *Òrìsà Ọgún* e dos seus Filhos.

Ilè Ohun Lilai – Nome do museu do *Ilè Aṣẹ̀ Òpó Àfonjá*.

Ilè Oṣala - Espaço sagrado onde estão guardados os assentamento do *Òrìsà Oṣala* e dos seus Filhos.

Ilè Ọsányìn - Espaço sagrado onde estão guardados os assentamento do *Òrìsà Ọsányìn* e dos seus Filhos.

Ilè Ṣàngó - Espaço sagrado onde estão guardados os assentamento do *Òrìsà Ṣàngó* e dos seus Filhos.

Ileké – Fio de contas.

Ilesha – Cidade no noroeste da atual Nigéria que foi um importante centro militar e de comércio. Diz a tradição que foi fundada por um dos Filhos de *Odudua* (v.).

Ilobu – Cidade no sul da atual Nigéria, centro do culto do *Òrìsà Erinlé*.

Ìlu – **1.** Atabaques, demais instrumentos sagrados. **2.** Tambor, atabaque grande de dois couros tocado sobre cavalete. **3.** Ritmo musical.

Iniciação – Processo com duração de sete anos, que credencia uma pessoa para ser Mãe ou Pai de Santo.

Iniciar um barco de Iyawó – Reunir um grupo de pessoas para passarem juntas pelo processo de Iniciação.

Inixá – Região no sudoeste da atual Nigéria habitada principalmente por grupos *yorùbá*.

Inkice – O mesmo que *Òrìsà* na Nação Angola.

Iperilode – “O Caçador de Elefantes”. Posto na *Ilè Ode*.

Ipeté – Comida votiva de *Ọ̀sun*, pirão de inhame com camarões.

Iré – Cidade no sudoeste da atual Nigéria, considerada a terra natal do *Òrìsà Ọ̀gún* (v).

Iresá – Cidade no sudoeste da atual Nigéria.

Irmãos-de-luz – Como são chamados os espíritos nas seções espíritas.

Irùṣin – Instrumento simbólico de *Yàsán*. É uma espécie de chibata cerimonial, de rabo de cavalo, com cabo de metal, madeira ou osso, com a qual Ela fustiga os *Egúngun*.

Isese Ibilé – Candomblé.

Itã – Narrativa de cunho religioso, mítico. *Iyá* – Mãe.

Iwin Dunsi – Cargo no *Ilè Oṣala*.

Ìyá – Mãe.

Ìyá Apáọ̀kà - *Òrìsà* dona da jaqueira; a verdadeira mãe de *Ọ̀ṣóòsì*.

Ìyá Egbé – É a conselheira do *Egbé*, a líder feminina de uma sociedade, responsável pela manutenção da ordem, tradição e hierarquia. O posto segue paralelo ao da *Ìyáloriṣa*.

Ìyá Èfun – É a responsável por determinada cerimônia de grande fundamento litúrgico, realizada durante a iniciação de *Iyawó*.

Ìyá Labakè – A responsável pela alimentação dos iniciados, enquanto “obrigação”.

Iyá Mãe – Termo usado junto a diversos outros que especificam cargos hierárquicos no Candomblé.

Iyá Massê Malê – Ver Yamassê.

Iyá-Mi Osorongá - É a síntese do poder feminino, claramente manifestado na possibilidade de gerar filhos e, numa noção mais ampla, de povoar o mundo.

Ìyá Moro – É a *Olòyè* responsável pelo *Ìpadé*, responde, também, por grandes “obrigações” junto aos Ancestrais.

Ìyá Naso – è a principal líder mulher do culto de *Şàngó*. Também referida como uma das três sacerdotisas fundadoras do Candomblé do Engenho Velho.

Ìyá Sihà – A *Àyaba* que segura o estandarte de *Oşala*, em ritual dedicado ao referido *Òrìsà*.

Ìyá Tebeşe – A dona dos cânticos. O mesmo que *Ogálá* na tradição *Yorùbá*.

Ìyá Tojuomọ - A responsável pelas crianças do *Àşę*.

Iyààgba – 1. Mulher iniciada que ajuda o *yao* (v.). 2. Designação genérica para os *Òrìsà* Feminino das águas.

Ìyábaşe – É a mulher responsável pelo preparo dos alimentos sagrados. Deve possuir grande conhecimento acerca da culinária litúrgica, sendo auxiliada no preparo da iguaria dos *Òrìsà* por todas as *Olorişa*.

Ìyákékeré da Casa – Mãe-Pequena *do Ègbé*, da Comunidade.

Ìyálorişa – Sacerdotisa, dirigente de um Candomblé, que ocupa o mais elevado cargo dentro da hierarquia do culto aos *Òrìsà*. Tem as mesmas funções do *Babalóòrìsá*. Na África as mulheres não dirigem Terreiros. No Brasil, os primeiros Candomblés foram fundados por mulheres que tinham cargo de sacerdotisa de *Şàngó* no palácio real de *Òyó*.

Ìyámi Àgba - Minha Mãe Superior.

Iyawó – Literalmente, “a esposa”. No Candomblé, o iniciante, o recém-iniciado seja do sexo feminino ou masculino.

Ìyájímùdá – **Oyè** da Casa de **Omólú**, diretamente ligado a **Oyà**. Cargo relacionado com a “obrigação” de **Ìpadé**, de grande responsabilidade.

Jé – Comer.

Jeje – Nome dado a povos do sul do atual Benim, como o fon e o gu, trazidos para o Brasil no século XIX. Do **Yorùbá Ájeji** (estrangeiro), que era como os **yorùbá** chamavam os daomeanos.

Jíká – Gesto ritual feito pelo **Òrìsà** quando incorpora no **Iyawó**.

Jinsi – Cargo responsável por colher às folhas e por alguns segredos no **Ilè Òsányìn**.

Jogo de Búzios – Adivinhar por meio de búzios.

Jokó - Sentar/ajoelhar.

Jowó – Por favor.

Juba – Saudar, louvar.

Kalunga – Termo derivado do banto **kalunga**, que significa morte (por extensão, o cemitério) e mar. No Brasil, nome dado a entidades espirituais e imagens que as representam.

Kélé – Obrigação. Gravata do iniciado.

Kámisù – Peça do vestuário das Filhas de Santo.

Kaweó – Cargo na **Ilè Òsányìn**.

Kétu – Reino **Yorùbá** localizado nos atuais Benim e Nigéria, cujo rei era chamado Alaketo. No Brasil, deu nome a uma nação (v.) do Candomblé.

Kitsch – Termo alemão usado com sentido pejorativo para designar arte considerada inferior, esteticamente deficiente e de mau gosto, por ser produzida em massa e ser popular e barata.

Kólàbá – Um dos mais importantes **oyè** na Casa de **Şàngó**. A **Kólàbá** é a responsável pelo **Làbá** de **Şàngó**. Sua presença é indispensável em “obrigações” de iniciação dos Filhos de **Şàngó**.

Kora - é um cordefone proveniente do Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal. Tem uma caixa de ressonância e 21 cordas que eram originalmente feitas de pele de antílope.

Lé – O menor dos três atabaques do Candomblé.

Lino – Filho do deus grego Apolo e de uma princesa do reino de Argos. Abandonado ao nascer, morreu esfaqueado por cães.

Lorogun – Ritual do Candomblé realizado logo após o Carnaval. Consiste na despedida dos *Oríxa*, que ficarão na África durante toda a Quaresma, período em que os terreiros permanecem fechados.

Mãe de Santo (Ìyáloríxa) – Nome mais comumente usado para dirigente feminino de um terreiro afro-brasileiro. Sacerdotisa-chefe. Sua palavra é lei. É responsável pela vida espiritual e temporal do Terreiro, dirige a educação religiosa das Filhas de Santo e o trabalho das auxiliares, todas as cerimônias rituais, públicas ou privadas etc. Todos os adeptos lhe devem respeito e obediência. Também pratica a adivinhação.

Mãe Preta do Brasil – Título dado A Mãe Senhora em 1965, no Rio de Janeiro.

Mahi – Nome dado ao povo de língua mahi, do atual Benin. No Brasil denominou a Nação Jeje-Mahi. Também grafado *marrim*.

Mamady Keita - É um baterista mestre da Nação Oeste Africano da Guiné e especialista no tambor de mão em forma de taça chamado Djembe . Ele também é o fundador da Tam Tam Mandingue Escola de Percussão e membro da Mandinga Grupo Étnico.

Matança – Ato de sacrificar ritualmente os animais, de duas e quatro patas, prediletos dos *Òrìsà*.

Mayè – Pessoa designada para tratar com coisas secretas de *Àṣẹ*. Posto ligado à iniciação de *Adoṣu*.

Meca – Cidade da atual Arábia Saudita onde nasceu Maomé. Cidade sagrada do Islamismo.

Miçangas – São as contas mais finas.

Mina – Nome dado no Brasil aos escravos (principalmente fanti-axanti) oriundos da Costa do Ouro ou da Mina, assim chamada por causa do forte português de São Jorge de Elmina, na

atual Gana. O termo passou a designar nações não bantas, com o acréscimo do grupo étnico específico: mina-nagô, mina-jeje, mina-mahi, mina-fanti etc.

Monjolo – Coral.

Mogbá - Título de um sacerdote do culto de **Şàngó**.

Mo jubá ou Mojúbà- Meus respeitos. Seja bem-vindo.

Monjolo – Coral.

Mossi – Grupo de reinos da África Ocidental ocupantes de uma área que abrangia partes dos atuais Burkina Faso, Gana e Nigéria, e que eram abitados pelo povo mossi.

Motúmbá – Pedido de bênção. “Eu vos saúdo”. Forma de saudar os superiores no Candomblé.

Motumbàşę - Resposta do motumbá.

Nação – Usado originalmente para indicar a origem étnica de grupos africanos no Brasil, o termo passou a indicar uma das vertentes do Candomblé, que podem ter origem sudanesa (keto, jeje, ijexá, oyó, nagô), banta (angola, congo) ou influência ameríndia (caboclo).

Nagé - Tigela de barro decorada usada nos terreiros de Candomblé para compor assentamentos e servir alimentos. O nome nagé vem de uma localidade ceramista no Recôncavo Baiano.

Nagô – Nome dado pelos fons aos povos falantes do *yorúbá*, ainda na África. No Brasil, o termo indica herança *yorúbá*, sendo usado para definir uma nação de Candomblé.

Naive – Palavra francesa que significa primitivismo, falta de sofisticação. A partir do fim do século XVIII, o nome foi dado à obra de artistas sem treino formal e à arte de povos chamados primitivos.

Nàná – Diminutivo de *Nàná Bùkùù*. É considerada a mais antiga das divindades das águas, mas das águas paradas, lamacentas, dos lagos, charcos e pântanos. *Òrìsà* cujo culto parece ter surgido, ou ao menos se intensificado, no Brasil, no século XX. Aparece em mitos fon (do Daomei) com *Nàná Buluku*, a “mãe primitiva” dos gêmeos Mawe (feminino) e Lissa (masculino), casal gerador da humanidade. Seria o “Deus Supremo” que criou o mundo e se foi. Nos cultos afro-brasileiros *Nàná* é considerada *Òrìsà* feminino, “Mãe de todos os *Òrìsà*

”, para alguns, é a mais velha deusa das águas. Em certos mitos é a esposa *de Oṣala*. É considerada ainda mãe de *Omolu* e *Òsùmàrè* (deuses precedentes da mesma região que ela) e às vezes também de *Èṣù*. É sincretizada como Sant’Ana e seu dia de festa é 26 de julho. Em alguns lugares é sincretizada com Sta. Bárbara ou N. S. da Candelária.

Níger – Rio da África Ocidental cujo trajeto limita ao norte a região ocupada pelos povos *yorùbá*, fons e outros que foram representados na formação da população brasileira.

Nigéria – País da África Ocidental de onde foi exportada grande parte dos escravos sudaneses para o Brasil. Os reinos *yorùbá* ficavam na região que hoje forma o oeste do País.

Nla Oḍe - Grande Caçador.

Nupê – Povo sudanês da Nigéria, também chamado de tapa. Segundo os mitos, tanto *Ṣàngó* como *Òṣum* têm origem. O termo também designa a língua desse povo, ainda lembrada na Casa de Nagô, no Maranhão.

Nzinga Mbandi Ngola (Rainha Ginja) - Heroína africana e rainha de Ndongo (Angola) e de Matamba, conhecida por Ginga, nasceu provavelmente em 1581 e faleceu em 1663.

Oḃà – 1. Ministro de *Ṣàngó*. 2. *Òrìsà* do rio *Obà*, na Nigéria, uma das esposas de *Ṣàngó*.

Obi – Noz da cola. Fruto de significado transcendental indispensável em qualquer ritual do Candomblé.

Oḍe - Divindade da Caça. Nome primitivo de *Òṣóòsì*, Deus do Caçador.

Odu - *Òrìsà* que indica seu momento ou destino.

Odu – Caminho. Indicação de adivinhação pelo oráculo de *Ifá*. Predestinação.

Odu Mege – “Obrigação” de sete anos.

Odùdúwà – Um dos *Òrìsà* do mito da criação *Yorùbá*, em que aparece de formas diferentes: irmão de *Obàtálá* (*Oṣala*), de quem roubou o material para criar o mundo; rei mítico de *Òyó*; ou a mãe-terra, parte feminina da cabeça do universo, cuja parte masculina (o céu) é *Obàtálá*.

Odun Bere – Festa das ervas. Uma das três grandes festas religiosas de *Òyó*.

Odun Orun – Festa do céu. Uma das três grandes festas religiosas de *Òyó*.

Odun Şàngó – Festa de *Şàngó*. Uma das três festas religiosas de *Òyó*.

Oferenda – Sendo as oferendas uma restituição de *Àşę* (poder de realização) à matéria básica de que foram formados os seres do mundo físico (*aiyé*), cada membro da comunidade religiosa deve fazer reposições (por meio de determinadas substâncias que contêm *Àşę*) especiais para cada matéria básica (*Òrìsà* gerador).

Ọgá – Considerado carinhosamente como uma espécie de pai espiritual do Filho do *Ọsé* que o suspendeu.

Ogã – Título honorífico, dado a homens de boa situação financeira e prestígio social e político, capazes de ajudar a proteger o terreiro, bem como a outros, escolhidos por sua honorabilidade e prestação de relevantes serviços à comunidade religiosa.

Ogálá – A dona dos cânticos.

Ogbon – Sabedoria.

Ògo – Macete de madeira escura, com uma cabeça humana esculpida, terminando por um gorro recurvo para trás. Enfeitado de búzios e contas. É objeto mágico de *Àşę* (e um dos seus instrumentos, no Candomblé), tendo a faculdade de transportá-lo, em segundos, a lugares longínquos, segundo a crença africana.

Ọgotun – *Oyè* de Casa de *Ọşun*.

Ògún – *Òrìsà* patrono do ferro, da agricultura, da guerra e da caça. Divindade nacional dos *Yorùbá* na África, é um dos *Òrìsà* mais prestigiados no Brasil.

Ojá – Faixa de tecido usada no Candomblé como turbante, amarrada no corpo, complementando o traje cerimonial, e como adornos de atabaques, de árvores sagradas, do barracão e dos assentamentos. A cor varia de acordo com o *Òrìsà* a que se refere.

Ojá de cabeça - É uma peça cuja função é proteger o *Orí* (cabeça).

Ojá de peito - É uma peça usada pela *Iyawó*, demonstrando que ela está enlaçada, abraçada, protegida pelo *Òrìsà*.

Ọlopondá – Cargo de grande responsabilidade em Iniciação, de âmbito altamente secreto.

Ọlorum - Entidade suprema, força maior, que está acima de todos os *Òrìsà*.

Ojubona – Mãe Pequena, criadeira de *Iyawó*.

Ojúṣba - Literalmente “Os Olhos do Rei”. Posto de honra da Casa de *Şàngó*.

Olelé - Bolo feito com feijão fradinho; *abàri*.

Òlódumaré – Um dos títulos do *Òrìsà Ifá*, Deus Todo-poderoso.

Olóòkun – *Òrìsà* do oceano, cultuado na África por pescadores, canoeiros etc. Já está esquecido no Brasil.

Oloriṣa – O iniciado, aquele que tem o *Òrìsà* como religião.

Oloriṣa Obìrin – Filho ou Filha de *Òrìsà* feminino.

Oloriṣa Okunrin - Filho ou Filha de *Òrìsà* masculino.

Olòyè – Aquele que possui um cargo, posto no Candomblé.

Olùbajé – Refeição comunal, em honra de *Omolú- Obàlúwàiyé*, em agosto, na qual são servidas as comidas preferidas do *Òrìsà*.

Olúwo – Encarregado de se comunicar com os *Òrìsà* através do Jogo de Búzios ou *Ifá*.

Omi - Água.

Omolú – *Òrìsà* das epidemias, chefe de uma família de divindades de origem jeje ligadas à terra e à morte.

Omúlúkù – massa; passar grãos sagrados através da peneira.

Ómó-Orixá ou Omorisá - Filho de *Òrìsà*; Filho-de-Santo.

Ondô – Região do sudoeste da atual Nigéria habitada por grupos *yorùbá*.

Qòni – Título às vezes dado a *Şàngó*. Título do rei do *Ifé*; possuidor, dono.

Oníle – O dono da Terra. *Òrìsà* que representa a base de toda a vida, a Terra-Mãe, tanto na vida como na morte, se caracteriza por ser o princípio e representação coletiva dos *Elegun* e *Egúngún*. É o primeiro a receber as oferendas e a ser evocado nos ritos dos sacrifícios. Todo Terreiro possui o acento de *Oníle*, um deles pode ser observado no centro do Barracão de (Candomblé), denominado como o fundamento da Casa ou simplesmente *Àṣe* da Casa, onde

todos sabiamente reverenciam este local. Também chamado pelo "Povo de Santo" de *Oluaye*, *Àieé*, *Ilè* e *Sakpatá*. Em algumas tradições, *Oníle* é uma divindade feminina, representa a Mãe Terra (onde acolhe os Ancestrais), *Egúngún*. Conta-se que quando *Olorun* reuniu os *Òrìsà* para dividir o poder sobre a criação entre eles, uma de suas filhas, *Oníle*, escondeu-se sob a terra; e acabou ganhando por este motivo poder e autoridade sobre ela. A primeira parte de todos os sacrifícios de (*Ejé*) sangue é sempre derramada sobre a terra; independente de para qual entidade ou divindade seja o sacrifício, este gesto é uma forma de lembrar e reconhecer o poder de *Oníle*. Tudo vem da terra e a ela retorna.

Onira – Qualidade (tipo) de *Yásán* que anda sobre as águas do rio e é muito ligada a *Òşum*. Veste vermelho terracota.

Oni-Òrìsà – Iniciado no *Òrìsà*.

Òpó Àfonjá – Literalmente, poste, pilar, sustentáculo de *Şàngó Àfonjá*.

Oránhiã – Fundador mítico de *Òyó*, identificado em alguns mitos com *Ògún* e, em outros, considerado pai de *Şàngó*.

Orí – Cabeça; alma orgânica, perecível, cuja sede é a cabeça – inteligência, sensibilidade etc., em contraposição ao emi, espírito, imortal.

Oríkì – Cântico de louvor que conta os atributos e feitos de um *Òrìsà*. Poesia de tema religioso, mítico.

Orin – Cânticos que revelam o pensamento doutrinário e filosófico da religião dos *Òrìsà*.

Òrìsà – Divindade intermediária *yorùbána*, excetuando *Olorun*, o Deus Supremo. Na África eram cerca de 600. Para o Brasil vieram talvez uns 50 que estão reduzidos a 16 no Candomblé (alguns tendo vários nomes ou “qualidades”), dos quais só 10 passaram à Ubanda. Os *Òrìsà* são intermediários entre *Olorun*, ou melhor, entre seu representante *Oşala* e os homens.

Orò - Preceito, costume tradicional.

Òrìsà Funfun – Divindade da pureza que tem como símbolo a cor branca, *Oşala*.

Orógbó – Fruto de significado transcendental indispensável no culto de *Şàngó*.

Orúko - Nome próprio. Determina a função do *Òrìsà* na vida do seu Filho.

Órùn – Céu.

Òsónyìn – Também *Ossânin*, *Ossonhe*, *Ossãe*, *Ossanha*. **Òrìsà** (masculino) das folhas litúrgicas e medicinais, considerado por isso “**Òrìsà** da Medicina”. É também adivinho, na África. No Brasil é sincretizado como S. Benedito. **Òsónyìn** é muito amigo de **Òṣòòsì**, como ele morador da mata. Sem o deus das folhas nada se faz nos cultos afro-brasileiros, pois as folhas sagradas são imprescindíveis para conseguir o **Àṣẹ** (força mística) dos **Òrìsà**, a purificação e preparação das **Iyawó** para receberem os **Òrìsà** etc. Dia – 2ª feira (para alguns 5ª feira).

Òṣòòsì – **Òrìsà Yorùbá** da caça, protetor dos caçadores, filho de **Yèmonjá**. Na África era uma divindade do clã de **Ògún**. É também chamado **Ode** (caçador). Tem ainda outros nomes ou “qualidades”: **Ibualama** ou **Inlé**, caçador que **Òṣun Pondá** atraiu ao seu rio, tendo com ele um filho, **Ològúnede**; **Òtin** que veste só azul e usa lança etc. Sua natureza é ligada à lua, principalmente, como **Ode**. Também tem o título de “Rei de Keto”. Habita as matas, é ligado a **Ògún** (segundo os mitos é seu irmão) e se entende bem com **Eṣù**. É sincretizado, na Bahia, como São Jorge e São Sebastião, de modo geral, sendo sua festa a 20 de janeiro e, na Bahia, 23 de abril.

Osùn – Pó vermelho do fruto do urucum (*Bixa orellana*)

Òṣun – **Òrìsà** do rio **Òṣun** em Oxogbo, província de Ibadan, na Nigéria, África Ocidental. Deusa das águas doces – rios, lagos, cachoeiras – bem como da riqueza e da beleza. Deusa menina, faceira, a mais jovem e preferida esposa de **Ṣàngó**, portanto uma das rainhas do **Òyó**, segundo os mitos. Há vários tipos ou “qualidades” de **Òṣun**: O. **Apáàra** (guerreira), O. **Pandá** (esposa de **Ibualama** e mãe de **Ològúnede**), **Àyaba Omi** (ligada às **Àpètébí**), O. **Abalò** (com leque) etc. É sincretizada como diversas N. Senhoras: das Candeias ou Candelária, Conceição, N. S. do Carmo etc. Como N. S. das Candeias, sua festa é a 2 de fevereiro (Presente nas águas), mas, na BA, também **Yèmonjá** é festejada nesse dia, sendo, em troca, **Òṣun** cultuada também na data de **Yèmonjá**, 2 de dezembro (N. S. da Conceição).

Qsè – Ritual de oferta de alimento ao **Òrìsà**. É feito semanalmente junto com a limpeza do **pèjì**. O **Iyawó** também faz um **Qsé** maior para o seu **Òrìsà** uma vez por ano e nas obrigações de um, três e sete anos após a sua feitura.

Qtá, Itá ou Ẹta – Pedra simbólica que constitui a parte principal do assentamento depois de cerimônias que fixam nela o poder do **Òrìsà** que representa.

Òtun - Direita, ou segunda pessoa de um cargo.

Orun – “Céu”, mundo invisível, plano onde se encontram os **Òrìsà**.

Osé – Chama-se o dia, durante toda primeira semana do mês, destinado à limpeza da Casa e pertences simbólicos de cada **Òrìsà**. Literalmente quer dizer semana.

Oyá - Deusa do rio Níger, filha de **Yèmonjá** e esposa de **Şàngó**. Segundo um mito, quando **Şàngó** se enforcou em uma árvore da floresta, após várias peripécias, Ela que não o abandonara como os demais, em sua fuga, correu para o norte e suas lágrimas formaram o Rio **Òyá** (Níger). No Brasil é conhecida como **Yàsán**.

Oyè – Título.

Oyó – Região na, hoje, Nigéria.

Oxalufã - **Oşala** velho.

Padê – Comida de **Eşù**.

Padé ou İpadé – O verdadeiro significado da palavra **Padé**: “expor perto da porta de uma cidade ou vila as roupas ou outros pertences deixados por um caçador após a sua morte”. A palavra **İpadé** significa também “encontrar com”, “reunir”. Portanto **İpadé** é um ritual de reunião entre vivos e mortos, homens e **Òrìsà**.

Pano da Costa – Originalmente, tecido importado da Costa da Guiné (daí seu nome), onde era produzido manualmente. Foi adotado como complemento do traje ritual no Candomblé.

Pao – Palmas, ato de bater palmas. Saudação ritual em religiões afro-brasileiras.

Paxorô – Cajado de metal prateado com símbolo relacionado a **Òsàúfòn**, de quem é o instrumento.

Peji – Quarto ou altar coberto onde ficam os assentamentos dos **Òrìsà** e onde são colocadas as oferendas a Eles.

Pipocas – Grãos de milho branco especial, rebentados ao calor do fogo, em panela de ferro, semelhando uma flor branca. São chamadas também “flores de **Omólú**”, pois são sua comida predileta, porém sem sal. Quando feitas para o Santo, são estouradas em areia quente. Outros **Òrìsà** também as apreciam.

Povo de Àṣẹ ou Povo de Santo – Membros de uma Comunidade de Candomblé. Os crentes dos cultos afro-brasileiros.

Quarto-de-Àṣẹ - Quarto onde ficam os *Oloriṣa* durante o período de iniciação.

Quilombo – Parece ter, antigamente, designado também o local de danças religiosas dos escravos. Modernamente se refere apenas ao refúgio (aldeamentos) dos escravos fugidos.

Quimbanda – Linha ritual da Umbanda que pratica a magia negra. Essa linha é assim chamada pelos umbandistas da “linha branca”, pois os praticantes se dizem apenas umbandistas.

Rancho – Folguedo popular do ciclo do Natal que representa os pastores em busca de Jesus.

Roça – Terreiro. Terreiro localizado em roça ou sítio. Parte plantada do terreiro.

Role – Movimento de deslocamento da Capoeira.

Roncó – Quarto de clausura.

Saída de Iyawó – Solenidade em que o *Iyawó* sai da reclusão após os ritos de iniciação.

Şàngó – Grande e poderoso *Òrìsà Yorùbá* (nagô), deus do raio e do trovão, filho de *Yèmonjá* e Unia fundador mítico da cidade de Ou, da qual *Şàngó* foi o 4º rei. (Para alguns, no Brasil, é filho de *Oşala*). Reinou do Benin (antigo reino, atual cidade) ao Daomei (atual República Popular do Benin) e diz-se que podia lançar fogo pela boca. Era de caráter orgulhoso e dominador. Suas esposas eram *Oyá* (rio Níger) (*Yàsán*, no Brasil), *Òşun* e *Obà*, *Òrìsà* dos rios desses nomes. É, de modo geral, sincretizado como S. Jerônimo e distribuidor da justiça. Tem vários nomes acrescidos ao primeiro e conforme o nome, a sincretização varia, de acordo com o Terreiro, a Nação e a localidade. Cores: (C) – vermelho e branco, (U– marrom), colares de miçangas idem, com firmas vermelhas. Sua festa é 30 de setembro (S. Jerônimo) e seu dia 4ª feira.

Şàngó Àfonjá – É uma qualidade de *Şàngó*.

Şàngó Aganjú - É uma qualidade de *Şàngó*.

Santo – Denominação usada no Brasil para *Òrìsà* e outras Entidades Espirituais de alto grau de evolução das religiões afro-brasileiras.

Sarapeḡbè – Título “O mensageiro de coisas civis”.

Sarapembê ou Sarapebé – pessoa do Terreiro encarregada de tratar da alimentação dos *Eégun*.

Savalu – Cidade no Benim, centro de culto de Sakpata. O povo da região é de etnia fon que, no Brasil, originou a nação jeje-savalu, a que pertenceu o terreiro Cacunda de Iaiá, de Cachoeira (Ba).

Sègi – Uma variedade de contas valiosas, usadas nos rituais.

Şiré – É usada por nós, significando festa. Festa sagrada que homenageia, reverencia um *Òrìsà*.

Şobalójú – O olheiro de *Şàngó*.

Sociedade Cruz Santa do Àşę Òpó Àfonjá – Sociedade civil formada apenas por homens, que é responsável pelos assuntos não religiosos do Terreiro.

Súri fún mi – Como os Filhos do *Ilè Àşę Òpó Àfonjá* pedem bênção a Mãe Stella.

Tapa – O mesmo que nupê (v.).

Teobolá – Aquela que acompanha os *Ọba* de *Şàngó*.

Terreiro de Candomblé – Comunidade onde se cultua os *Òrìsà*.

Terno – O terno de Reis é considerado uma versão mais refinada e séria de rancho.

Thomas Mapfumo- Thomas Tafirenyika Mapfumo (nascido em 1945) é um músico do Zimbábue conhecido como "The Lion of Zimbabwe" e "Mukanya" (o nome do louvor de seu clã na língua Shona) por sua imensa popularidade e pela influência política que exerce através de sua música.

Tsé-Tsé – Mosca africana hematófaga que transmite o parasita causador da doença do sono.

Umbanda – Religião formada no Brasil (apesar de o negarem alguns crentes) por uma seleção de valores doutrinários e rituais, feitos a partir da fusão dos cultos africanos conga-angola, já influenciados pelo nagô, com a Pajelança (dando um primeiro tipo de Candomblé de Caboclo) recebendo ainda influências do malês islamizado, do catolicismo e do

espiritismo e, posteriormente, do ocultismo. Essa nova religião – Umbanda – começou a partir do Rio de Janeiro, espalhou-se por quase todo o Brasil e já está saindo para o exterior.

Xaxará – Ferramenta ritual do *Òrìsà Omolú*. Feixe de nervura de folhas de dendezeiro, coberto com palha da costa trançada ou couro, e enfeitado com búzios e miçangas.

Xirê – Ordem em que são tocadas, cantadas e dançadas as invocações aos *Òrìsà*, no início das cerimônias festivas ou internas. *Eṣù* (mensageiro) é o primeiro invocado e enviado para chamar os *Òrìsà*. A ordem das invocações varia muito, mas, de modo geral, começa com *Ògún* e termina com *Oṣala*, no Candomblé. Chefe – executar (instrumentos musicais), divertir-se, brincar, festejar.

Xerê - Chocalho especial para saudar *Ṣàngó*, em cabaça com cabo ou em cobre.

Yá Mãe – Tratamento dado a deusas e mulheres em altos postos na hierarquia religiosa. Também escrito nas formas *iyá* e *íá*.

Yamassê – Variedade de *Yemanjá*, que é a mãe de *Ṣàngó*.

Yao – Iniciada, esposa dos *Òrìsà*. Nome dado, no Candomblé Nagô, à pessoa iniciada, que passou pelos rituais de feitura, mas ainda não fez a obrigação de sete anos. Sacerdotisa. Nome que a iniciada adquire logo após o *sindidé*.

Yàsán – *Oyá*, *Oríṣa* feminino, divindade africana do rio Níger, uma das esposas de *Ṣàngó*, rainha guerreira, dona dos ventos, raios e tempestades. Temperamento dominador e apaixonado. É o único *Oríṣa* que não teme os *Egún*, dominando-os com seu iruexim. É sincretizada como Santa Bárbara em todo o Brasil, onde parece que ganhou o nome de *Yàsán*, embora o de *Oyá* seja conservado nos Candomblés Nagô. Cores (C) – saia vermelha e branca ou vermelha, oja vermelho ou vermelho-branco, com laço na frente, coroa de cobre, com franjas de contas da cor do colar “vermelho caboclo”. (U) Roupas rosa - coral, colares amarelos. Dia – 4ª feira. Festa 4/12.

Yemanjá – Na África, deusa tutelar do povo *egbá*, cuja morada original era o rio *Yèmonjá*. *Òrìsà* de raios e correntes e especialmente do rio *Ògún*, na África. Filha de *Óbatalá (Oṣala)* e *Odudua*, sua esposa; casada com *Orânhiã*, fundador de *Oyó*, capital do Reino *Yorùbá*, tendo com ele 3 filhos: *Dadá*, *Ṣàngó* e *Xampanã*. Algumas vezes é dada como esposa de *Oṣala*. Dela são descendentes 15 deuses: *Dada*, *Ṣàngó*, *Ògún*, *Olokun*, *Oloxá*, *Oyá*, *Òṣun*, *Obà*, *Òrìsà-Okó*, *Okê*, *Xampanã*, *Orun* (sol), *Oxupá* (lua), *Òṣòṣì* e *Aje Xalugá*. No Brasil, é

Òrìsà do mar e considerada a mãe de todos os **Òrìsà**. Representa a gestação, a procriação. Cores – brancas, rosa claro e azul claro, branco e azul. Sincretismo – N. S. da Conceição (BA), N. S. das Candeias e várias outras. Festa: 8/12, ou 2/2 (junto com **Òṣun**).

Yemojà Sabà - **Òrìsà** fiadeira de algodão, foi esposa de **Òrunmila** .

Yèwá – **Òrìsà** Feminino, ninfa do rio e da lagoa **Iewa**, na Nigéria, África, cultuada somente no Candomblé, tendo poucos “filhos”. Em alguns Terreiros é considerada irmã de **Yàsán**, em outros é a cobra fêmea, esposa de **Òsùmàrè**, representando a faixa branca do arco-íris. Em alguns é confundida ou assimilada a **Òṣun**. É uma linda **Iyààgba** (senhora) da água doce. Quando dança leva o arpão na mão esquerda e na direita uma espada de latão que simula movimentos de luta, pois é guerreira. Seu dia é sábado.

Yorùbá – Povo sudanês habitante de uma região que se estende por diversos países da África Ocidental, como Benin, Nigéria, Togo e Gana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro – RJ: Editora Forense Universitária, 1988.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. Meu Tempo é Agora. Salvador - Ba: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2010. 2ª Ed.